

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	500_JAHRE_GE_426.10
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém páginas com recortes de reportagens veiculadas da imprensa brasileira e alemã. Total de páginas: 82
Dia/ Mês/Ano	2000
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, entre aproximadamente o ano 2000, sobre a celebração dos 500 anos do Brasil. Este conjunto documental contempla também inúmeros recortes jornalísticos retirados da Folha de São Paulo, sobretudo da coleção especial dos 500 anos: “Imagens do Brasil”, com mapas, fontes documentais sobre a História desde a colonização, entrevistas, reportagens, colunas e outros.
Palavras-Chave	500 anos; Brasil, Redescobrimento; Colonização; Descobrimento.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



<p>Notas explicativas</p>	<p>(A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”)</p> <p>A encadernação limita parcialmente a visualização completa do texto, por isso há dificuldade de leitura, sobretudo em algumas páginas devido ao grampeamento.</p> <p>Listagem das páginas em língua estrangeira: 45, 46, 47, 48, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 66, 67, 68 e 72.</p>
----------------------------------	---

500 JAHRE

4. 2000



Bibliothek
GE 426-10
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN



Institut für Brasilienkunde
GE 426.10
Bibliothek

27.09.11

COMEMORAÇÃO *Presidente critica "grupos infiltrados para criar violência"*

Festa não é convite a 'veló

WILLIAM FRANÇA
da Sucursal de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que "a festa dos 500 anos não deve ser um convite a um velório", numa referência aos protestos que estão sendo organizados em Porto Seguro, no dia 22. FHC anunciou que manterá sua visita a Porto Seguro e que "não há baderneiro capaz de enfrentar a autoridade de um presidente democraticamente eleito".

A Folha apurou que FHC pediu à área de segurança do governo que evite, a todo custo, que ocorram confrontos sérios que possam levar algum sem-terra ou índio à morte durante os festejos dos 500 anos do Descobrimento.

Um assessor do presidente disse à Folha que o presidente teme que haja um cadáver e que ele seja transformado em mártir pelos setores contrários ao governo e que estão organizando protestos durante as comemorações.

O porta-voz da Presidência, Georges Lamazière, afirmou que FHC "não aceita que grupos busquem se infiltrar em manifestações pacíficas de outros grupos, inclusive visando a perturbá-las e a criar situações de violência".

Na avaliação do Palácio do Planalto, os manifestantes —em especial o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Ter-



O presidente FHC recebe comitiva de festa do vinho

ra)— estão trabalhando justamente com esse intuito.

Esse possível cadáver serviria como bandeira contra o governo tanto internamente quanto no exterior, num momento em que o país tenta se livrar da pecha de desrespeitar os direitos humanos.

Durante os festejos em Porto Seguro são esperados cerca de 350 jornalistas, boa parte vinda do exterior. Haverá transmissões das

comemorações por emissoras de TV de Portugal, Áustria e Chile, além da CNN norte-americana.

Lamazière disse que, "na verdade, a questão do MST é outra" e definiu, na visão do governo, como são as ações do grupo: "É um movimento que está se desviando da legalidade democrática, que esqueceu sua motivação principal —que era a reforma agrária—, e que passou a ser um grupo de

protestos organizados".

O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, disse pela manhã que a segurança de FHC em Porto Seguro "preocupa a todos os brasileiros" e que o MST "está fazendo o que sempre fez".

Segundo o porta-voz, o presidente também disse apoiar a decisão do ministro do Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann, de não receber o MST para conversar. "O movimento não foi recebido ontem porque não cumpriu sua parte no acordo".

Pedido a partidos

FHC pediu, segundo o porta-voz, "que os partidos democráticos, sejam da base do governo ou de oposição, repilam as manifestações violentas que ferem as regras da convivência democrática e o respeito devido ao direito de cada segmento da sociedade de se manifestar pacificamente".

O presidente respondeu ainda a uma correspondência que recebeu de parlamentares de oposição, liderados pela senadora Marina Silva (PT-AC). Na carta, os parlamentares pediam que o governo respeite as manifestações públicas durante os festejos. "A propósito, o presidente reitera que sempre foi a favor das manifestações pacíficas, mas que não se deve ultrapassar o limite que separa a democracia da baderna."

Colaborou Daniela Nahass, free-lance para a Folha

e chama MST de não-democrático
rio', diz FHC

Ato no Rio termina em confronto com a polícia

da Sucursal do Rio

Terminou em confronto com a Polícia Militar um protesto organizado ontem à tarde por 300 estudantes em frente ao relógio dos 500 anos, instalado pela Rede Globo na divisa das praias de Copacabana e Leme (zona sul).

Segundo a PM, um manifestante foi detido, e outro teria sido ferido na cabeça. Um policial tam-

bém foi atingido por uma cadeirada.

O protesto era organizado por estudantes de várias universidades públicas e particulares do Rio. Os estudantes quebraram o vidro do relógio a pedradas e jogaram tinta no monumento.

Os manifestantes tentavam tomar parte da pista da avenida Atlântica gritando palavras de ordem, quando cerca de 50 PMs

avançaram contra eles usando cassetetes para dispersá-los. Muitos foram agredidos e agarrados pelos policiais.

A reação contra a PM veio a cadeiradas. O Batalhão de Choque chegou a usar bomba de gás lacrimogêneo contra o grupo.

Quando a tropa de choque ia lançar a segunda bomba, o comandante do 19º BPM (Batalhão da Polícia Militar), Fernando Be-

lo, impediu.

O coronel Belo disse que o manifestante desacatou o oficial. Por volta das 18h, o ato estava encerrado, e um grupo de universitários da Uni-Rio fez uma apresentação teatral.

O manifestante detido foi levado para a 13ª Delegacia de Polícia em Copacabana (zona sul). Não havia chegado ao local de conclusão desta edição.

Protesto pretende reunir 40 mil em Porto Seguro

da Agência Folha, em Salvador

O movimento Brasil, Outros 500 pretende reunir 40 mil manifestantes em Porto Seguro no próximo dia 22 para protestar contra as comemorações oficiais dos 500 anos de Descobrimiento do Brasil.

A manifestação deve reunir MST, CUT, Conen (Coordenação Nacional de Entidades Negras), estudantes brasileiros e estrangeiros e parte dos cerca de 2.000 índios reunidos na Conferência Indígena de Coroa Vermelha.

O desafio é conseguir chegar a Porto Seguro. Os cerca de 50 ônibus de manifestantes que devem sair às 21h de hoje de Salvador e os outros 50 oriundos de todo o Brasil devem enfrentar barreiras policiais instaladas pelo governo do Estado na BR-101 e na BR-367,

principais rodovias de acesso ao palco das comemorações.

Cerca de 5.000 policiais estão envolvidos na operação, de acordo com a PM do Estado. "Não permitiremos a passagem de qualquer manifestação que perturbe a ordem pública em Porto Seguro no dia 22", afirmou o chefe da Casa Militar do governo baiano, coronel Christóvão Rios.

Para se livrar da ameaça de bloqueio, o comitê organizador da manifestação ingressou ontem na Justiça com um pedido de habeas corpus preventivo.

"Queremos ver respeitado o nosso direito de ir e vir, a nossa liberdade de expressão e de pensamento", disse o geólogo Gilberto Leal, um dos coordenadores do "Brasil, Outros 500".

O MST decidiu radicalizar as

ações na Bahia, depois de frustrada a tentativa de audiência com o ministro Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário), em Brasília.

Cerca de 150 sem-terra decidiram continuar na sede do Incra em Salvador, que foi invadida há três dias. Eles ameaçam incendiar o prédio caso a polícia tente retirá-los de lá.

Já em Eunápolis (sul do Estado), pelo menos 2.000 sem-terra prometem enfrentar as barreiras da PM para chegar a Porto Seguro.

"Já que não conseguimos falar com o filhote, falaremos pessoalmente com o pai, em Porto Seguro", disse Gilberto Portes, da coordenação nacional do MST, referindo-se a Jungmann e FHC.

"Tudo o que acontecer daqui para a frente na Bahia é de responsabilidade do ministro Jung-

mann, que nos fez vir até Brasília e não nos atendeu", afirmou o coordenador regional do MST na Bahia, Valmir Assunção. O governador César Borges (PEL) prometeu "tudo será feito para manter a ordem no local" e, que, se as barreiras serão mantidas.

Impasse

As lideranças do MST afirmam que cederam o acesso e deram para conseguir a audiência com o ministro. Eles liberaram ontem quatro funcionários do Incra que mantinham reféns na sede do Incra.

Ontem de manhã, contudo, não deixaram o prédio, que está em condição imposta por Jungmann para a audiência. Os sem-terra limitaram a sair de dentro e ficar no pátio.

Antônio Gaudério/Folha



20.4.107

ÓPERA *Obra de Gomes será apresentada hoje e amanhã*

'O Guarani' recebe releitura no RS

da Agência Folha, em Porto Alegre

A ópera "O Guarani", composta por Carlos Gomes a partir do romance homônimo de José de Alencar, terá livre adaptação hoje e amanhã, às 21h, no Theatro São Pedro, em Porto Alegre.

OUTROS 500

Será uma releitura musical, cênica, coreográfica e plástica das duas obras e contará com a participação de cem artistas dos municípios de Carazinho, Não-Me-Toque e Passo Fundo. Alguns deles são agricultores.

José Enrique Barrios Alonso (barítono) faz o papel de Gonzales, Luiz Carlos Wiedthuper (tenor), Peri, e Juliane Mazutti Andrade (soprano), Ceci.

A encenação, que terá regência da Orquestra de Câmara Sesi-Fundarte (com o maestro Antô-

nio Carlos Borges Cunha), faz parte do seminário "Dialogando sobre os Outros 500", do projeto "Aqui São Outros 500", promovido pelo governo gaúcho.

O Theatro São Pedro tem capacidade para 1.000 pessoas, e a organização diz que há forte procura até o momento.

Na livre adaptação, as personagens Emiliana, Ambrosina e Carmela contam a história de Cecília (Ceci), filha do nobre português dom Antônio de Mariz, e Peri, índio da tribo guarani, os protagonistas da trama.

Em meio a cenas épicas, a história, que marca a entrada da literatura romântica no Brasil, conta o amor repleto de obstáculos entre uma cristã de ascendência portuguesa e um índio pagão.

Além de exaltar as virtudes de coragem, lealdade e integridade do índio Peri, José de Alencar mostra a miscigenação como res-

ponsável por aquilo que viria a ser o traço étnico do povo brasileiro.

A ópera será dividida em três cenários diferentes. No maior fica a casa de dom Antônio de Mariz, no ano de 1604. Em outro, a casa de Emiliana, em 1900, e, no último, a orquestra.

O Theatro São Pedro, que começou a funcionar em 1850, foi concebido para receber todos os espetáculos que chegassem ao Brasil. Na época, Porto Alegre tinha 20 mil habitantes, mas já era uma espécie de centro cultural.

Naquela que era chamada Província de São Pedro (hoje Rio Grande do Sul), o Theatro São Pedro abrigava manifestações culturais que passavam pelo sul do Brasil após sair de Buenos Aires e antes de chegar ao Rio.

Para especialistas e artistas, o São Pedro é tido como o de melhor acústica da América Latina. (LÉO GERCHMANN)

	Februar								
Woche	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Montag	1	8	15	22	29				
Dienstag	2	9	16	23	30				
Mittwoch	3	10	17	24	31				
Donnerstag	4	11	18	25	1	8	15	22	
Freitag	5	12	19	26	2	9	16	23	
Samstag	6	13	20	27	3	10	17	24	
Sonntag	7	14	21	28	4	11	18	25	

CELEBRAÇÃO Presidente critica "grupos infiltrados para criar violência"

Festa não é convite a 'velório'

WILLIAM FRANÇA
da Sucursal de Brasília



O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que "a festa dos 500 anos não deve ser um convite a um velório", numa referência aos protestos que estão sendo organizados em Porto Seguro, no dia 22. FHC anunciou que manterá sua visita a Porto Seguro e que "não há baderneiro capaz de enfrentar a autoridade de um presidente democraticamente eleito".

A Folha apurou que FHC pediu à área de segurança do governo que evite, a todo custo, que ocorram confrontos sérios que possam levar algum sem-terra ou índio à morte durante os festejos dos 500 anos do Descobrimento.

Um assessor do presidente disse à Folha que o presidente teme que haja um cadáver e que ele seja transformado em mártir pelos setores contrários ao governo e que estão organizando protestos durante as comemorações.

O porta-voz da Presidência, Georges Lamazière, afirmou que FHC "não aceita que grupos busquem se infiltrar em manifestações pacíficas de outros grupos, inclusive visando a perturbá-las e a criar situações de violência".

Na avaliação do Palácio do Planalto, os manifestantes — em especial o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Ter-



O presidente FHC recebe comitiva de festa do vinho

ra) — estão trabalhando justamente com esse intuito.

Esse possível cadáver serviria como bandeira contra o governo tanto internamente quanto no exterior, num momento em que o país tenta se livrar da pecha de desrespeitar os direitos humanos.

Durante os festejos em Porto Seguro são esperados cerca de 350 jornalistas, boa parte vinda do exterior. Haverá transmissões das

comemorações por emissoras de TV de Portugal, Áustria e Chile, além da CNN norte-americana.

Lamazière disse que, "na verdade, a questão do MST é outra" e definiu, na visão do governo, como são as ações do grupo: "É um movimento que está se desviando da legalidade democrática, que esqueceu sua motivação principal — que era a reforma agrária —, e que passou a ser um grupo de

protestos organizados".

O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, disse pela manhã que a segurança de FHC em Porto Seguro "preocupa a todos os brasileiros" e que o MST "está fazendo o que sempre fez".

Segundo o porta-voz, o presidente também disse apoiar a decisão do ministro do Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann, de não receber o MST para conversar. "O movimento não foi recebido ontem porque não cumpriu sua parte no acordo".

Pedido a partidos

FHC pediu, segundo o porta-voz, "que os partidos democráticos, sejam da base do governo ou de oposição, repilam as manifestações violentas que ferem as regras da convivência democrática e o respeito devido ao direito de cada segmento da sociedade de se manifestar pacificamente".

O presidente respondeu ainda a uma correspondência que recebeu de parlamentares de oposição, liderados pela senadora Marina Silva (PT-AC). Na carta, os parlamentares pediam que o governo respeite as manifestações públicas durante os festejos. "A propósito, o presidente reitera que sempre foi a favor das manifestações pacíficas, mas que não se deve ultrapassar o limite que separa a democracia da baderna."

Colaborou Daniela Nahass, free-lance para a Folha

SENAÇÃO: 06:00, 07:00, 08:00

etti
äischen
ello
artinon
A-dur für Flöte,
Adieux
Tanz
hester Leipzig
nd
orski, Klavier

chama MST de não-democrático 'rio', diz FHC

Duas festas

CONTARDO CALLIGARIS
especial para a Folha

Sabe aquelas festas de casamento onde a noiva é de origem (dizem) mais humilde do que o noivo? Os pais do noivo, que pagam a conta, receiam que a família da noiva estrague a festa, que não se comporte direito e não faça bonito aos olhos dos convidados importantes e oficiais. Daí eles tentam organizar uma festa na sala e outra na cozinha. O estereótipo diz que a festa da cozinha é sempre mais interessante e verdadeira do que a da sala.

O estereótipo está confirmado em Porto Seguro na celebração dos 500 anos. Há as comemorações oficiais e há os quatro dias da "Conferência dos 500 anos dos Povos Indígenas" — sob a sigla: "Resistência indígena, negra e popular", que torna a manifestação mais abrangente. Como previsível, a conversa da cozinha e da maloca é a mais relevante.

O governo devia sonhar com índios dançando felizes na chegada de Cabral. Colocaram até um imenso cocar como arco de triunfo na entrada de Porto Seguro.

É melhor que no aniversário se repita a separação que nos assola. Até em sua brutalidade, com a PM destruindo o monumento índio de Coroa Vermelha. É melhor para pensar.

O único evento das comemorações oficiais que poderia ser popular é o espetáculo "cênico e pirotécnico" intitulado "O Dia em que o Brasil Nasceu".

Com efeitos especiais de luzes, fumaça, água e laser, vai contar a história do Brasil em 50 minutos. Construíram arquibancadas para 10 mil pessoas. Acredite se puder: na noite do dia 22 é só para o presidente, os convidados e a imprensa. Mas, me asseguram prontamente, para evitar críticas, que o espetáculo será repetido no dia seguinte para o povo de Porto Seguro. Legal!

Quando era criança, li e escutei histórias de generais e líderes corajosos que ganharam batalhas impossíveis apenas porque ousaram marchar à frente de suas tropas. Ou no mínimo junto com elas. Será que o nosso presidente nunca ouviu falar nisso? Ou então acha que não há nenhuma batalha decisiva para ganhar?

"500 anos — Avaliando o Passado, Refletindo sobre o Presente e o Planejamento Futuro". A frase está na faixa da União das Nações Indígenas do Acre e Sul da Amazônia, esticada na entrada da conferência. Ela diz exatamente para o que pode servir um aniversário como este. Diz também porque vim passar estes dias aqui.

Em Seattle se reuniu a Organização Internacional do Comércio, mas o evento foi a aparição inesperada de uma revolta. Isso acaba de se repetir em Washington com o FMI e o Banco Mundial. O verdadeiro evento foi nas ruas. Em Porto Seguro, é em Coroa Vermelha. Não sei se e como o seriado continua. Mas promete.

Ato no Rio termina em confronto com a polícia

da Sucursal do Rio

Terminou em confronto com a Polícia Militar um protesto organizado ontem à tarde por 300 estudantes em frente ao relógio dos 500 anos, instalado pela Rede Globo na divisa das praias de Copacabana e Leme (zona sul).

Segundo a PM, um manifestante foi detido, e outro teria sido ferido na cabeça. Um policial tam-

bém foi atingido por uma cadeirada.

O protesto era organizado por estudantes de várias universidades públicas e particulares do Rio. Os estudantes quebraram o vidro do relógio a pedradas e jogaram tinta no monumento.

Os manifestantes tentavam tomar parte da pista da avenida Atlântica gritando palavras de ordem, quando cerca de 50 PMs

avançaram contra eles usando cassetetes para dispersá-los. Muitos foram agredidos e agarrados pelos policiais.

A reação contra a PM veio a cadeiradas. O Batalhão de Choque chegou a usar bomba de gás lacrimogêneo contra o grupo.

Quando a tropa de choque ia lançar a segunda bomba, o comandante do 19º BPM (Batalhão da Polícia Militar), Fernando Be-

lo, impediu.

O coronel Belo disse que o manifestante desacatou um oficial. Por volta das 18h, o ato estava encerrado, e um grupo de universitários da Uni-Rio fez uma apresentação teatral.

O manifestante detido foi levado para a 13ª Delegacia de Polícia em Copacabana (zona sul), onde não havia chegado ao local da conclusão desta edição.

Protesto pretende reunir 40 mil em Porto Seguro

da Agência Folha, em Salvador

O movimento Brasil, Outros 500 pretende reunir 40 mil manifestantes em Porto Seguro no próximo dia 22 para protestar contra as comemorações oficiais dos 500 anos de Descobrimto do Brasil.

A manifestação deve reunir MST, CUT, Conen (Coordenação Nacional de Entidades Negras), estudantes brasileiros e estrangeiros e parte dos cerca de 2.000 índios reunidos na Conferência Indígena de Coroa Vermelha.

O desafio é conseguir chegar a Porto Seguro. Os cerca de 50 ônibus de manifestantes que devem sair às 21h de hoje de Salvador e os outros 50 oriundos de todo o Brasil devem enfrentar barreiras policiais instaladas pelo governo do Estado na BR-101 e na BR-367,

principais rodovias de acesso ao palco das comemorações.

Cerca de 5.000 policiais estão envolvidos na operação, de acordo com a PM do Estado. "Não permitiremos a passagem de qualquer manifestação que perturbe a ordem pública em Porto Seguro no dia 22", afirmou o chefe da Casa Militar do governo baiano, coronel Christóvão Rios.

Para se livrar da ameaça de bloqueio, o comitê organizador da manifestação ingressou ontem na Justiça com um pedido de habeas corpus preventivo.

"Queremos ver respeitado o nosso direito de ir e vir, a nossa liberdade de expressão e de pensamento", disse o geólogo Gilberto Leal, um dos coordenadores do "Brasil, Outros 500".

O MST decidiu radicalizar as

ações na Bahia, depois de frustrada a tentativa de audiência com o ministro Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário), em Brasília.

Cerca de 150 sem-terra decidiram continuar na sede do Inkra em Salvador, que foi invadida há três dias. Eles ameaçam incendiar o prédio caso a polícia tente retirá-los de lá.

Já em Eunápolis (sul do Estado), pelo menos 2.000 sem-terra prometem enfrentar as barreiras da PM para chegar a Porto Seguro.

"Já que não conseguimos falar com o filhote, falaremos pessoalmente com o pai, em Porto Seguro", disse Gilberto Portes, da coordenação nacional do MST, referindo-se a Jungmann e FHC.

"Tudo o que acontecer daqui para a frente na Bahia é de responsabilidade do ministro Jung-

mann, que nos fez vir até Brasília e não nos atendeu", afirmou o coordenador regional do MST na Bahia, Valmir Assunção. O governador César Borges (PFL) disse que "tudo será feito para manter a ordem no local" e, que, por isso, as barreiras serão mantidas.

Impasse

As lideranças do MST argumentam que cederam o que puderam para conseguir a audiência com o ministro. Eles libertaram anteontem quatro funcionários do Inkra que mantinham como reféns na sede do Inkra.

Ontem de manhã, contudo, eles não deixaram o prédio, que foi a condição imposta por Jungmann para a audiência. Os sem-terra se limitaram a sair de dentro da sede e ficar no pátio.

Antônio Gaudério/Folha Imagem



Estudante é detido pela Polícia Militar durante protesto realizado na praia de Copacabana, no Rio, que terminou em conflito

PF diz que não localizou índios feridos na Bahia

da Agência Folha, em Porto Seguro e da Sucursal de Brasília

Dois dias depois da acusação de que dois índios pataxós foram feridos por pistoleiros na fazenda Boa Vista, em Prado (BA), a Polícia Federal e o Ministério Público ainda não encontraram evidências de que isso tenha ocorrido.

A acusação, feita pelo Conselho Indigenista Missionário, dizia ainda que outros 22 índios estavam sendo mantidos em cárcere privado. "Falar em índios feridos é uma leviandade, já que até agora ninguém apresentou nenhuma prova", disse Márcio Torres, procurador da República em Ilhéus.

Apesar disso, os procuradores e os policiais que foram ao local admitem que ocorreu um conflito. Foram localizadas marcas de tiros no local: "As marcas são visíveis".

O procurador disse ainda que o proprietário da fazenda, Vitor Dekuech, deve ser indiciado por abuso de autoridade. "Ele deveria ter recorrido à Justiça para tirar os índios da fazenda. Preferiu o caminho da intimidação." Dekuech nega que tenha atirado: "Não houve nada disso. O Cimi diz que existem índios feridos, mas até agora não os apresentou."

Segundo o Cimi e a Funai, o confronto aconteceu depois que pistoleiros tentaram expulsar 56 índios do local. A índia Jovelita Pataxó afirma que todas as pessoas que ocuparam a fazenda foram expulsas. "Eles atiravam e gritavam ao mesmo tempo."

O advogado Luiz Chaves, do Cimi, disse não ter provas de que índios tenham sido feridos. O Cimi está fazendo uma contagem: dos 56 índios que ocupavam a fazenda, 50 já foram localizados.

Em Brasília, a Funai disse que ainda não tem dados conclusivos para afirmar com certeza se houve ou não índios feridos. "A Funai não quer negar que houve problemas. O conflito aconteceu, mas os danos causados ainda são desconhecidos", disse o presidente do órgão, Carlos Frederico Marés.

Réplica de nau de Cabral está fora da festa dos 500 anos

da Agência Folha, em Salvador

A réplica da Nau Capitânea de Pedro Álvares Cabral não participará mais das comemorações dos 500 anos de Descobrimiento do Brasil, em Porto Seguro, no próximo dia 22.

Tida como grande atração da encenação marítima da descoberta do país —que será assistida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio (Portugal)—, a embarcação teve a saída de Salvador embargada ontem pela Marinha, que alegou problemas na propulsão, na parte elétrica e nas velas.

A réplica custou R\$ 3,5 milhões ao governo federal e à iniciativa privada e estava sendo construída desde agosto de 1998 especialmente para as comemorações.

ELDORADO DO CARAJÁS

TJ-PA define juiz de caso, e MST protesta

da Agência Folha, em Belém

Os desembargadores do Tribunal de Justiça do Pará indicaram ontem o juiz José Maria Teixeira do Rosário para presidir o julgamento dos 150 policiais militares envolvidos no massacre de Eldorado do Carajás.

A nomeação desagradou ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), pois o juiz determinou, há cerca de dois meses, a reintegração de posse da fazenda Taba, com a possibilidade do uso de força policial. A área foi invadida cinco vezes em um ano.

Segundo Nonato Souza, coordenador estadual do MST, os advogados do movimento que auxiliavam a acusação no caso podem deixar o caso se a nomeação for mantida.

TEATRO *Escritor fez roteiro do musical "Brasil! Outros*

Millôr lança "poop"

da Redação

Depois da "sambópera" de Augusto Boal, com "Carmem" de Bizet, é a vez do escritor Millôr Fernandes lançar mais um "gênero" no varejo do entretenimento tupiniquim: a "poop ópera". É assim que ele classifica "Brasil! Outros 500", espetáculo que estreia hoje no Teatro Municipal de São Paulo.

Além do trocadilho entre os termos pop (popular) e "poop" (caça, em inglês), Millôr imprime outro significado ao seu "poop", siglas para palavra, olhar, ouvido e popular —quarteto-chave para o musical.

O roteiro da comédia do escritor destila, em linguagem direta (leia trecho ao lado), a trajetória do país sob o prisma do humor que lhe é peculiar. Relata episódios pitorescos da relação Brasil-Portugal, relevando sobretudo o tom tragicômico. No palco, estão cerca de 130 artistas, entre atores, cantores, instrumentistas e coristas.

São nove cenas que envolvem solistas, coros, monólogos e diálogos. O programa começa com o Sonhador (José Rubens Chachá) refletindo sobre o mar e o horizonte, típica situação que só poderia ser vivida por um sonhador pré-navegante.

Enquanto isso, em Lisboa, desenvolve-se o primeiro processo

humano de demissões voluntárias. E a aventura milloriana segue com situações trágico-poéticas, que passam pelas primeiras ocupações e a colonização gananciosa. O final acena com uma esperança e uma dúvida: o que se fará ao longo dos próximos 500 anos?

"Apesar de o espetáculo ser patrocinado até por empresas estatais, como a TV Cultura, houve uma ampla liberdade para o Millôr girar a metralhadora dele para todo lado, pegando desde os militares até o FHC", observa o ator José Rubens Chachá, 45.

Segundo ele, o espírito do espetáculo se aproxima, de alguma forma, do teatro de revista. Chachá é um dos protagonistas, o Sonhador, que contracena boa parte de "Brasil! Outros 500" com Sérgio Rufino, no papel de Tomé, aquele que precisa ver para crer.

O embate entre os dois, que pontua todo o musical, resume o humor paradoxal que Millôr imprime em sua história. Roberto Lage assina a direção de cena.

A música foi criada por Toquinho e Paulo César Pinheiro. São nove canções adaptadas ao enredo de Millôr. Os arranjos e a trilha incidental são de Wagner Tiso. A direção musical é do maestro Abel Rocha, que começou a realizar audições para o projeto em fevereiro.

"O espetáculo não é ópera, não é teatro musical, nem teatro de revista, é uma forma híbrida disso tudo", explica Rocha, 38.



Cena de ensaio do espetáculo

Os solistas Eduardo Torres, Rubi e Sílvia Tessuto dominam a cena pela menos duas vezes. Boa parte de "Brasil! Outros 500" é marcada pelas interpretações corais. O Coral Paulistano, regido pelo maestro Samuel Kerr, por exemplo, marca presença em vários quadros.

Há também uma cena dedicada à dança, com coreografia da Companhia Ritmos, assinada por

HA DE S. PAULO

500", que estreia hoje em SP e reúne 130 pessoas no palco

"ópera" à brasileira

Evelson de Freitas/Folha Imagem



"Brasil! Outros 500 - Uma Poop Ópera", que revê história do país

Cláudia de Souza.

A Sinfonia Cultura, da Rádio e TV Cultura, comandada pelo maestro Luterio Rodrigues, executa o programa, que evoca, em alguns momentos, a sonoridade inerente dos índios e dos negros na formação da identidade nacional. O trio Miguel Briamonte (piano), Zeli (baixo) e Sérgio Gomes (bateria) completa o time. (VALMIR SANTOS)

Peça: Brasil! Outros 500 - Um Poop Ópera

Autor: Millôr Fernandes

Direção de cena: Roberto Lage

Direção musical: Abel Rocha

Quando: estréia hoje, às 21h; e de 25 a 30/4, às 21h (ter. a sáb.) e 19h (dom.)

Onde: Teatro Municipal de São Paulo (pça. Ramos de Azevedo, s/n, região central, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quanto: R\$ 20 a R\$ 100

ÍNDIOS - Avanhanda!
Anhangabau! Anhanguera!

OFICIAL - O que estão falando?

TRADUTOR - Estão falando Nhenhem Gatu.

OFICIAL - Mas falando o quê?

TRADUTOR - Sem terra! Sem terra! (Índios, com admiração, pegam na roupa do oficial português. Continuam falando).

ÍNDIOS - Itacoatira!
Anhembil Itanhangá!

OFICIAL - Diz a eles que eu sou um oficial. Não podem botar a mão em cima de mim. Que é que eles querem?

TRADUTOR - (Contrafeito) Estão perguntando se o senhor é gay.

OFICIAL - Diga a eles que gay é a mãe.

TRADUTOR - Riguassu pyraty tuguai tuangá. (Os índios todos se curvam em reverência, muito satisfeitos. Depois rodeiam o oficial, de novo em algazarra).

Trecho de "Brasil! Outros 500 - Uma Poop Ópera", do escritor Millôr Fernandes

FOLHA DE S. PAULO

29.4.05

OS ÍDOLOS

"Brasil, Pelé!" A associação do povo com o país passa pelos ídolos. No século da comunicação de massa, dois viraram reis: o já citado jogador e o cantor Roberto Carlos. Santos Dumont não é nobre, mas é pai — da aviação. Machado de Assis talvez seja considerado para sempre o grande escritor brasileiro. No cinema, Carmem Miranda, com seus balangandãs, alcançou repercussão internacional. Entre os heróis, está Ayrton Senna, morto tragicamente. Os nomes dos que estão nesta página são alguns dos que se tornaram símbolos nacionais, ídolos por sua criatividade, sua importância intelectual, artística ou esportiva.



Machado de Assis

A ficção brasileira nunca mais foi a mesma depois que Machado de Assis (1839-1908) introduziu o realismo no país com "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (1881). É também autor de "Dom Casmurro" e "Quincas Borba"



Fotos Folha Imagem

Alberto Santos Dumont

O pioneiro da aviação (1873-1932) passou maior parte de sua vida na França, estudando. Aparece acima em uma de suas raras fotografias na época de preparação de seu primeiro dirigível, em 1898



Carmen Miranda

Fenômeno em Hollywood, a cantora e atriz portuguesa Carmen Miranda (1909-1955) eternizou-se como a pequena notável musa do Brasil tropical, em musicais inesquecíveis dos anos 30 e 40



Cacilda Becker

Grande diva do teatro, Cacilda Becker (1921-1969) foi a alma do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), onde atuou ao lado de Paulo Autran e Sérgio Cardoso



Sérgio Tomisaki - 3.jul.1990/Folha Imagem

Fernanda Montenegro

A atriz começou sua carreira no teatro, em 1950, com a peça "Alegres Canções das Montanhas"; disputou o Oscar de melhor atriz com o filme "Central do Brasil", de Walter Salles



France Presse - 1.mai.1994

Ayrton Senna

Três vezes campeão de F-1, o piloto Ayrton Senna da Silva (1960-1994) já era herói nacional quando morreu, após seu carro, da equipe Williams, chocar-se contra um muro durante o Grande Prêmio de San Marino, na Itália



Última Hora - 19.nov.1968



Roberto Carlos

No filme "Roberto Carlos em Ritmo de Aventura", de 1967, o rei da Jovem Guarda participa de rachas, pilota aviões e conquista "brotinhos"



Chacrinha

O apresentador Abelardo Barbosa (1916-1988) começou na TV Tupi, em 1956, e divertia o público com chacretes, números musicais, calouros e distribuindo o "troféu abacaxi"



Pelé

Nascido em 1940, Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé, marcou 1.281 gols em sua carreira; recebeu o título de atleta do século, virou empresário, ministro e nome de lei; a foto mostra o jogador santista fazendo, de pênalti, seu milésimo gol (depois, soube-se, era o 1.001º), em 19 de novembro de 1969; o goleiro Andrada, do Vasco, soca o chão, depois de entrar para a história do futebol

Bossa nova

Tom Jobim (1927-1994) e Vinícius de Moraes (1913-1980) formaram uma dupla que rendeu sucessos como "Garota de Ipanema", nos anos 60; Jobim fez com que a bossa nova e a música brasileira fossem conhecidas no mundo todo



32	33
6	13
7	14
8	15
9	16
10	17
11	18
12	19

Estado Novo

Imagem de desfile de Primeiro de Maio, em 1942, no campo do Vasco da Gama, Rio, mostra pessoas carregando estandarte com a foto de Getúlio Vargas, que governou o país de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954, quando se suicidou

Última Hora



O petróleo é nosso

Vargas mostra a mão suja de petróleo; o presidente tornou-se símbolo da época que transformou o petróleo em monopólio estatal e criou a Petrobras (1953) para explorá-lo

*O Exércit



Iconographia



Reprodução



Contra o "comunismo"

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 19 de março de 1964, em São Paulo, vê influência soviética nas reformas de base prometidas pelo governo trabalhista de João Goulart, que organizara, em 13 de março, o Comício da Central do Brasil, no Rio, para defendê-las

o na História do Brasil"



Se 35
14 35 35
10 27
11 28
12 29
13 30
14 31
15
16



Última Hora



Tanques na política

Acima, tanques em frente ao Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, antigo Ministério da Guerra, após o movimento militar de 1964, que destituiu o presidente João Goulart; o regime de exceção só terminaria em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves; ao lado, o ex-deputado constituinte (de 1946) do Partido Comunista Carlos Marighella, integrante de um dos grupos que haviam aderido à luta armada, morto pela polícia, em 1970; com a decretação do Ato Institucional nº 5, em 1968, o regime endureceu, e a prática da tortura como método de repressão e de obtenção de informações se fortaleceu



Reprodução/Folha Imagem



Manaus, 1922

Vista de rua de Manaus, com o teatro Amazonas, resquício da época de ouro da borracha, que movimentou o comércio local até 1910; a economia da região só se recuperou a partir da implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967

Reprodução



Porto Alegre, anos 40

No centro da cidade, o viaduto da avenida Borges de Medeiros e seus bondes; hoje, a área já não tem nada de seu antigo glamour; a imagem faz parte do acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa



JK sem poder

O ex-presidente Juscelino Kubitschek, popular pela construção de Brasília e pelo desenvolvimento industrial em seu mandato (1956-1961), é aclamado em 1965, na volta do exílio imposto pelo regime militar; a Frente Ampla, com o Carlos Lacerda e Jaõgõ, fracassa, e JK morre num acidente de carro, em 1976

Última Hora



Reprodução



Brasília, 1960

Povo celebra a inauguração da nova capital federal, ápice do governo Juscelino Kubitschek; a cidade foi idealizada pelo urbanista Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que a construíram na forma de um avião



Fundação Biblioteca Nacional

Festa do Divino

Foto de Luis Bartolomeu Calcagno, de 1875, retrata banda de "tiradores de esmola" para a Festa do Divino Espírito Santo da paróquia de Nossa Senhora da Abadia de Bom Sucesso, em MG



29 22 22 23 30
 15 16 17 18 25
 24 27 28
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

29	30	31	August
22	23	30	31
22	23	30	31
15	16	17	18
16	17	18	19
23	24	31	6 13
24	31	7 14	7 14
25	1 8 15	8 15	8 15
26	2 9 16	9 16	9 16
27	3 10 17	10 17	10 17
28	4 11 18	11 18	11 18
29	5 12 19	12 19	12 19

Trabalhadores

Registros de trabalhadores do século passado: "Amolador", de Marc Ferrez, fotografado no Rio de Janeiro em 1895 e "Negra de Trabalhos Caseiros", de Alberto Henschel, de 1885, essa última tirada ou no Rio de Janeiro ou em Salvador

Fundação Biblioteca Nacional



nta-feira, 20 de abril de 2000 ESPECIAL. 11

Coleção Gilberto Ferrez/Acervo IMS



Congada

No retrato do início do século feito por Arsênio Silva, cinco mulheres e nove homens em seu dia de gala são captados no seu jogo de gestos e na execução da música em tambores; a foto, tirada no Rio de Janeiro, representa a resistência cultural dos negros que, apesar da condição degradante da escravidão, mantiveram a congada, prática religiosa de origem africana



Retratos de Escravos

Nessa série, realizada por Cristiano Junior no Rio de Janeiro na década de 1860, é retratado o drama da escravidão; algumas imagens fazem o documento etnográfico do tipo racial negro, outras apresentam o trabalho e as habilidades dos chamados "negros de ganho", que realizavam pequenas tarefas por dinheiro

Metis, Mãe e Filho

August Frisch fotografou índios, registrando as diferenças entre as nações em sua vida na floresta ou em processo de aculturação; com suas imagens da Amazônia, Frisch assegurou o papel de precursor internacional da fotografia antropológica, como esse retrato tirado perto do rio Negro, por volta do ano de 1865

Rio de Janeiro, capital da Corte, 1840.

Impressionado com o funcionamento de um daguerreótipo, d. Pedro 2º decide comprar um para si. Aos 14 anos, torna-se provavelmente o primeiro brasileiro a utilizar um aparelho fotográfico. A fotografia surge assim no cotidiano brasileiro. Seguindo os passos da família imperial, os senhores do campo e os ricos comerciantes são os clientes dos fotógrafos. Ser retratado era sinal de status. No



Fundação Biblioteca Nacional

início do século 20, com o progresso das técnicas, a fotografia deixa os estúdios e os fotógrafos ganham novos personagens —escravos recém-libertos, índios, imigrantes, agricultores, paisagens— e o rosto do país ganha novos registros.

Fundação Biblioteca Nacional

30	31	31	32	33
23	30	6	13	
24	31	7	14	
25		1	8	15
26		2	9	16
27		3	10	17
28		4	11	18
29		5	12	19

August

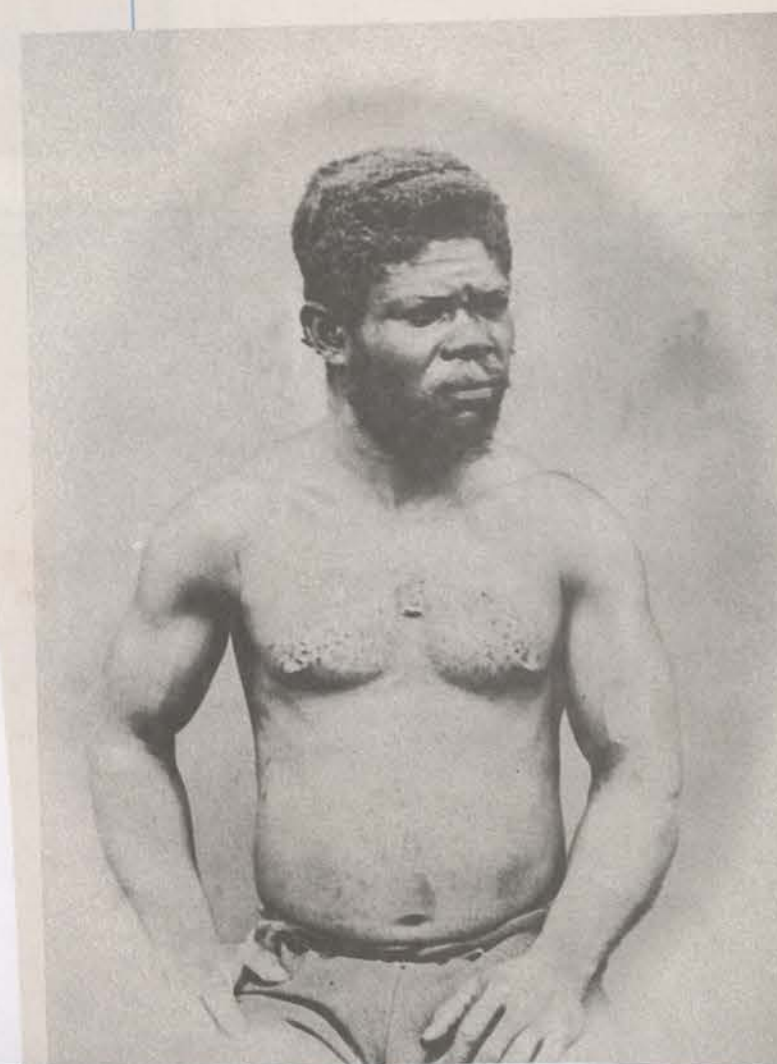
10. ESPECIAL quinta-feira, 20 de abril de 2000 *Imagens*

O REI DA FOTOGRAFIA

Império desenha país civilizado e exótico

O excluído

Retrato de negro, tirado entre 1860 e 1870, no Rio de Janeiro, numa época em que os negros eram excluídos das imagens oficiais, mesmo somando de dois quintos à metade da população do Império; muito mais retratados eram os índios, mas sempre de forma romantizada



ses "nobres selvagens", que lembravam o modelo de Rousseau.

Estranho caminho esse, sobretudo em um país onde o contraste entre as pretensões civilizadoras da Corte e a alta densidade de escravos era flagrante. Longe das luxuosas cortes européias, a capital da monarquia brasileira possuía, em 1838, cerca de 37 mil escravos, numa população total de 97 mil habitantes, 75% deles, em média, africanos, o que sinaliza a importância da população de cor na cidade do Rio de Janeiro.

Os cativos chegavam a representar de dois quintos à metade do total de habitantes do Império no decurso do século 19. A Corte reunia, em 1851, a maior concentração urbana de escravos no mundo desde o final do Império Romano: 110 mil escravos sobre 266 mil habitantes. A ausência de escravos e de negros nas imagens oficiais comprovaria não a sua pouca relevância, mas a grande contradição que fragilizava a segurança do Império.

O final do Segundo Reinado foi marcado por uma batalha de imagens. De um lado, a seleção do Imperador e do indígena como símbolos diletos: o mais universal e o mais particular dos símbolos. De outro, as imagens da mulher republicana e de Tiradentes, novos modelos para novos momentos políticos. Mas essa já é outra história: nada mais revelador para um Estado que se preocupou tanto com a construção de sua própria imagem. Éden e ícone da memória imperial, os trópicos surgiam como cenário romantizado, por contraposição ao espetáculo "degradado" e escondido das raças e da mestiçagem.

Líliá Moritz Schwarcz é professora de antropologia na USP e autora de "As Barbas do Imperador" (Companhia das Letras).



Aristocracia do café

Visconde e viscondessa de Ubá, Joaquim Ribeiro de Avelar e Mariana Velho de Avellar, sentantes da aristocracia cafeeira fluminense, fotografados em 1860 por Manuel Paula Ramos; fotografias da Coleção Roberto Menezes de Moraes

LÍLIA MORITZ SCHWARCZ especial para a Folha

Auguste de Saint-Hilaire, viajante francês que passou pelo Brasil na primeira metade do século 19, resumia a impressão deixada por esse imenso Império: "Havia um país chamado Brasil, mas absolutamente não havia brasileiros". O estrangeiro notava uma característica evidente desde a Independência: uma sociedade centralizada a partir da presença do monarca, mas destituída de unidade cultural.

O próprio processo de emancipação nacional, marcado pelas vicissitudes da afirmação de uma monarquia nos trópicos, era visto com preocupação pelas repúblicas vizinhas, que pouco entendiam a existência de uma realeza nas Américas.

O Império oscilava, ainda, entre a representação de uma soberania civilizada, iluminada por sua origem Bragança, Bourbon e Habsburgo, e a relevância econômica do tráfico de escravos e o impacto desse tipo de mão-de-obra.

O Império foi pródigo na criação de discursos e imagens que obscureceram o trabalho cativo. O passado era lembrado de forma enaltecida, a partir de uma natureza grandiosa e de índios em cenários românticos; a realeza surgia destacada e a escravidão era esquecida. Especializado na confecção de peças comemorativas, espetáculos rituais e iconografias oficiais, coube ao Estado a tarefa de "inventar um passado e recuperar o presente".

O rei tornou-se símbolo do Estado por excelência. Em um primeiro momento e logo após o golpe da maioridade, em 1840, d. Pedro 2º era quem aparecia nos óleos, litogravuras e aquarelas, ro-



Retratos do Império

À esquerda, dona Thereza Christina Maria, Imperatriz; à direita, dom Pedro 2º, ambos em platinotipias (processo de impressão fotográfica em chapas revestidas de sais de platina) assinadas por Joaquim Insley Pacheco no final do século 19

deado por emblemas que lembravam motivos clássicos, mas também por elementos tropicais: o café, a cana, abacaxis e maracujás, e indígenas que acompanhavam as cenas, pacificamente.

Mas o motivo barroco foi sendo aos poucos alterado. Em primeiro lugar, a partir dos anos 1860 e logo após a Guerra do Paraguai, o daguerreótipo e depois a fotografia começaram a fazer parte do acervo do Império. Alterou-se também a imagem do soberano, que, em vez de aparecer ostentando suas vestes reais, surgia portando jaquetão, emancipado pela cultura, um monarca cidadão. Nessas imagens, e a partir dos elementos que adornam sua figura — globos, mapas, livros e mais livros —, d. Pedro 2º é representado como um modelo de civilização. A fotografia também acompanhou o monarca nas viagens que passou a empreender a partir dos anos 1870. No país ou no exterior, era a foto moderna que imortalizava esse Imperador, que costumava dizer que teria sido o “primeiro monarca fotógrafo”.

No Império, o academicismo ganhava espaço, ao mesmo tempo em que a paisagem e os trópicos entravam, cada vez mais, no lugar até então ocupado pelo monarca. Foi a época das grandes telas de Porto-Alegre e Victor Meirelles, que, com o movimento romântico, escolhiam a natureza como matéria de beleza e afirmação da nacionalidade. Afinal, se não tínhamos castelos ou igrejas medievais, aqui estariam a mais bela flora e o maior dos rios.

A iconografia imperial não foi só abundante: deixou marcas na memória nacional. Selecionando um certo passado (anterior à escravidão) e idealizando a natureza, a produção do Segundo Reinado desenhou um país ao mesmo tempo civilizado e exótico. O investimento girava em torno des-

IA



Fotos Fundação Biblioteca Nacional

20-4-00

Giacomo Gastaldi

A carta é de 1556; nessa época, o nome “Brasil” já estava consagrado; o mapa mostra o país a partir de um ponto de vista dos europeus em sua chegada: o centro do país aparece como terra não descoberta; em todo o território representado, há desenhos de índios realizando suas tarefas cotidianas, caça, pesca e mães cuidando de filhos



Ocupação foi lenta nos dois primeiros séculos

A EVOLUÇÃO POLÍTICA DO BRASIL



Em 1815 (mapa 1), quando o Brasil torna-se Reino Unido a Portugal e Algarves, as fronteiras do país não eram as mesmas de hoje, mas quase. As principais diferenças estavam na posse da Guiana e na falta do atual Estado do Acre. Mas internamente a geografia era bem outra.

Pernambuco ocupava boa parte do que é hoje o oeste da Bahia, com o qual fazia fronteira. Minas perdia o Triângulo Mineiro para Goiás. Mato Grosso, além de não ser dividido, também continha o que hoje é o Estado de Rondônia. O Amazonas compreendia toda a região Norte.

Em 1822, ano da Independência (mapa 2), o Brasil perde a Guiana, mas ganha o território onde hoje é o Uruguai. O Triângulo Mineiro passa a fazer parte de Minas Gerais. São criados os Estados de Sergipe e Alagoas, nos territórios ao norte da Bahia. No ano da proclamação da República, 1889



Terra Brasilis

Quando este mapa foi feito, em 1519, a América já era vista como um continente e o litoral brasileiro já tinha dezenas de acidentes geográficos assinalados; atribuída aos reinóis e Lopo Homem, a carta representa o Brasil pela atividade econômica que viria a nomear a nova terra: a extração do pau-brasil pelos índios



34 35
20 27
21 28
22 29
23 30
24 31
25
26



(mapa 3), o Uruguai torna-se independente. A Bahia ganha seus contornos atuais, anexando todo o sul de Pernambuco. Em 1943 (mapa 4) o Brasil já mostra seus contornos atuais, com a anexação do território do Acre. Outros três territórios são criados: Rondônia, Roraima e Amapá.



No mapa político de hoje (mapa 5), todos os territórios transformaram-se em Estados. Goiás foi dividido ao meio para a criação de Tocantins. Outra diferença marcante em relação ao mapa 4 é o aparecimento do Distrito Federal, desde 1960, com a mudança da capital para Brasília.

O PAÍS DE PAPEL

ARNO WEHLING
especial para a Folha

Capistrano de Abreu, no jargão evolucionista do início de sua carreira, falou do Brasil colonial como um "organismo que proliferava". A concepção, entendida apenas como metáfora, ajuda a compreender o processo de ocupação, lento nos dois primeiros séculos, acelerado no século 18.

Em torno de 1500, quando portugueses, espanhóis e franceses circulavam pelo litoral, ainda se pensava o território como uma ilha, idéia em breve mudada para a de massa continental. Na primeira década do século, começaram a instalar-se feitorias de exploração do pau-brasil.

O mapa de Lopo Homem, de 1519, apresenta a América como um continente e assinala dezenas de acidentes geográficos no litoral brasileiro; nele se retrata, em boa cartografia, a exploração do pau-brasil.

A cartografia de 1500 a 1519 mostra o conhecimento crescente do litoral, fruto das expedições comerciais e de reconhecimento. Em 1600, o nome "Brasil" estava consagrado. Três etnias se miscigenavam: brancos, índios e africanos (introduzidos em 1530), com os mamelucos constituindo um novo tipo étnico. A exportação do açúcar alcançara a primazia.

O povoamento concentrava-se no litoral. Salvador era o eixo político-administrativo, tendo como extremidades Cananéia, ao sul, e o Forte dos Reis Magos, atual Natal, ao norte.

Os principais pontos intermediários eram Olinda, centro da produção açucareira, e Rio de Janeiro, núcleo de um comércio que incluía o contrabando da prata peruana. O litoral tinha uma ocupação interrompida por matas, serras e indígenas hostis.

A posse da terra não estava garantida. Os franceses continuavam no Nordeste, e a foz do Amazonas era frequentada por holandeses, irlandeses e ingleses. No sul, os jesuítas espanhóis avançavam com suas missões de Guairá,

Itatim e Tape. Duas décadas mais tarde, nem a rica e mais bem defendida região do açúcar escapou do assalto da Companhia das Índias Ocidentais.

Quando o franciscano Vicente do Salvador escreveu, em 1627, sua "História do Brasil", observou que os portugueses — diferentemente dos espanhóis — limitaram a ocupação ao litoral, "como caranguejos".

Os mapas confirmam essa presença epidérmica. O de Luís Teixeira, de cerca de 1586, representa as capitanias e uma dezena de núcleos de povoamento no litoral em contraste com o interior quase vazio. O mesmo autor reclamou da falta de "república": comercial e exportadora, a colonização desestimulava o mercado interno e insulava a vida em sociedade.

Em 1700, a população aumentara de 100 mil para 350 mil pessoas, sem contar os indígenas não-

September

34 35
20 27
21 28
22 29
23 30
24 31
25
26

4 5 12
6 13
7 14
1 8 15
2 9 16
3 10 17 24
4 11 18 25
5 12 19 26
6 13 20 27
7 14 21 28
8 15 22 29
9 16 23 30

7 14 21 28
8 15 22 29
9 16 23 30
1 8 15 22 29
2 9 16 23 30

3 10 17 24 31
4 11 18 25
5 12 19 26
6 13 20 27
7 14 21 28
8 15 22 29
9 16 23 30

aculturados. A miscigenação era intensa, e a economia, de exportação, foi acrescida das "drogas do sertão" da Amazônia. Aumentou a produção de tabaco e couros. O mercado interno inexistia, excetuado um pequeno abastecimento de Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

Desde a década de 1620, fora criado o Estado do Maranhão, compreendendo a região em torno dos rios Amazonas e Solimões, além do Maranhão atual. A ocupação dessa região deu-se a partir de São Luís e Belém, e foi desse polo que se irradiou pelo eixo do grande rio, com a fundação de missões religiosas e a exploração das drogas do sertão.

Vários movimentos estenderam a ocupação do território no século 17. Foram eliminados pontos que impediam a total integração: o quilombo de Palmares, entre Sergipe e Pernambuco, e núcleos de resistência indígena no Rio Grande do Norte, sul da Bahia e Rio de Janeiro. No Nordeste, o movimento dos pecuaristas, descoberto por Capistrano de Abreu, incorporou o sertão ao mar.

Os paulistas desceram pelo litoral até Laguna e pelo interior até Lages. Em 1680, o governo português, aliado a alguns "potentados" do Rio de Janeiro, fundou a Colônia do Sacramento, defronte a Buenos Aires, tentando chegar ao Prata, velho sonho de políticos portugueses.

Os bandeirantes, cuja imagem cresceria desmesuradamente nos séculos 19 e 20, penetraram o interior, adentrando fundo o sertão, escravizando índios e buscando ouro. Antonio Raposo Tavares chegou pelos rios amazônicos a Belém. Outros palmilharam os sertões do que seriam Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Nos últimos anos do século, apareceram os primeiros veios auríferos.

A cartografia dessa época não faz jus a todo esse movimento de interiorização. Ele só aparece nos mapas produzidos à época das negociações do Tratado de Madri, em meados do século seguinte.

Em 1700, ainda sem "república", mas não mais como caranguejos, os portugueses pareciam ter consolidado sua ocupação. Mas pairavam novas ameaças sobre a posse, obrigando os colonizadores à luta e à negociação diplomática. Na Amazônia, foram detidos os jesuítas espanhóis e os franceses da Guiana. Ao sul, havia uma grande terra de ninguém entre as províncias espanholas de Charcas e Buenos Aires e a capitania dos paulistas.

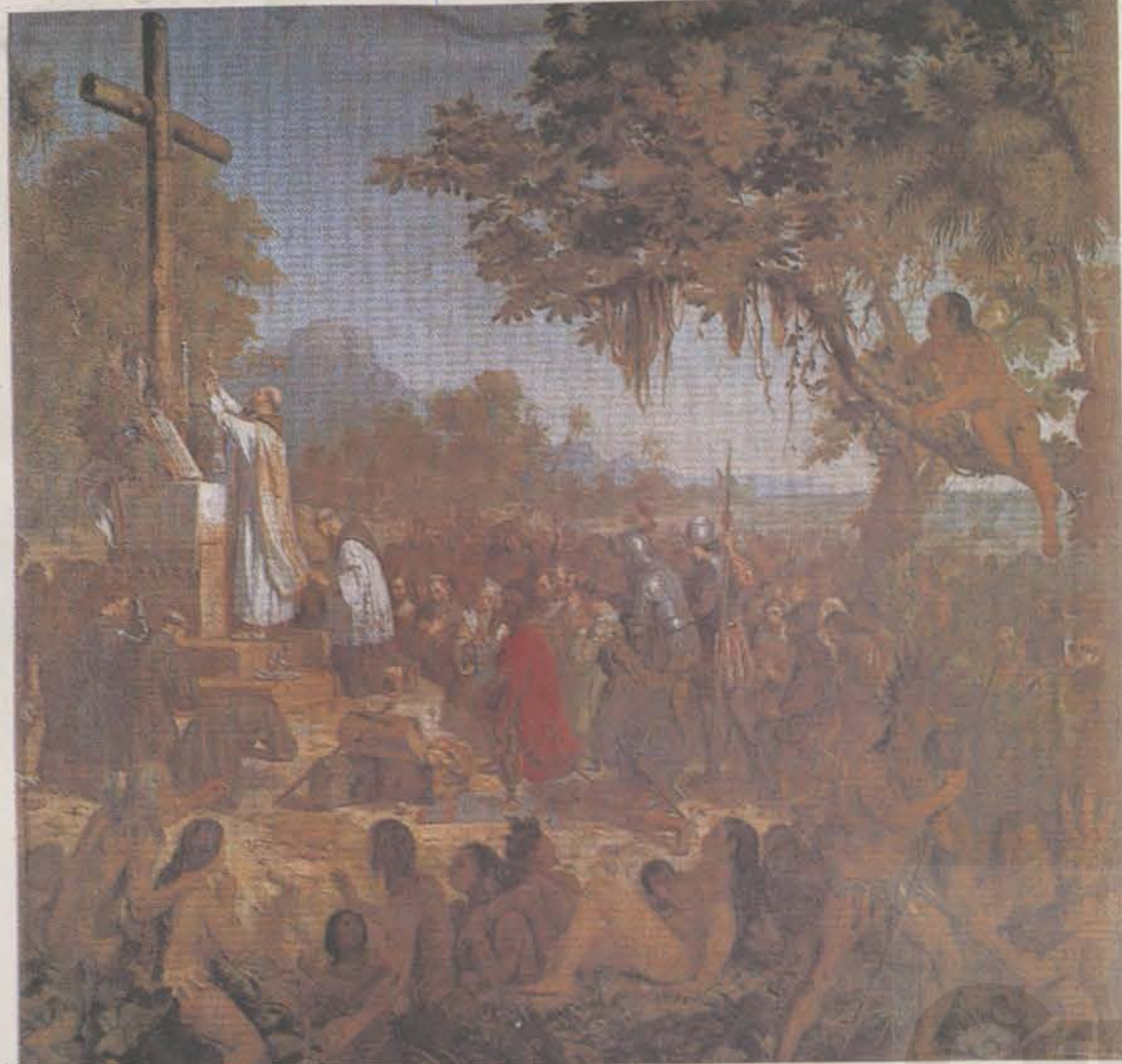
Nos dois primeiros séculos, o "organismo" de Capistrano tinha proliferado, embora sem a coesão interna da "república" e a celeridade que frei Vicente desejava.

O século 18 resolveria o segundo problema, configurando o Brasil de hoje. Mas a ausência de "república" foi um legado penoso que persistiu por muito mais tempo.

Arno Wehling é professor titular da Unirio e da Universidade Gama Filho e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

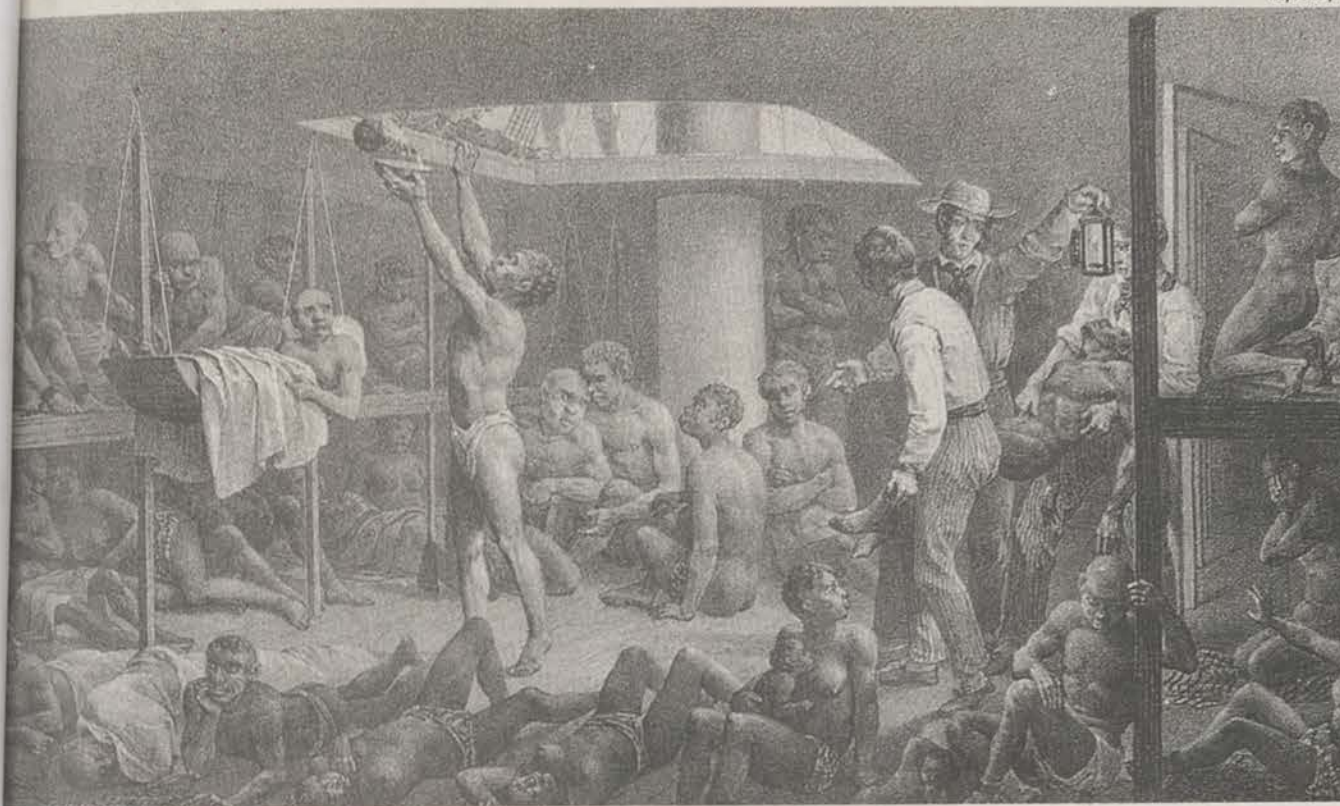
DE PORTUGAL





A primeira cidade

O quadro de Benedicto Calixto de Jesus (1853-1927) mostra Martim Afonso de Souza fundando a vila de São Vicente (hoje Estado de São Paulo), a primeira cidade brasileira organizada; fundada oficialmente em 22 de janeiro de 1532, foi a primeira no país a ter um engenho de cana-de-açúcar



Tráfico de gente

No álbum "Viagem Pitoresca ao Brasil" (1835), o alemão Johann Moritz Rugendas mostra grupo de africanos sendo traficados em "Negros no Porão"; os escravos começam a ser utilizados como mão-de-obra nos engenhos de açúcar a partir da década de 1530; o trabalho escravo seria usado em diversos ciclos econômicos, como o do ouro e o do café, e a abolição só ocorreria em 1888

A primeira missa

A tela de Victor Meirelles (1832-1903) mostra o olhar do pintor do século 19, marcado pelo romantismo, sobre o imprevisto português para montar um altar e fazer uma cruz com as árvores derrubadas na costa logo após o Descobrimento. O quadro "A Primeira Missa no Brasil" (1861) mostra fato ocorrido em 26 de abril de 1500, também relatado por Caminha, e faz parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro

Cabral e os índios

O encontro de Pedro Álvares Cabral com os índios, em abril de 1500, na Nau Capitânia, é retratado na pintura de Oscar Pereira da Silva.

O fato é descrito pelo escrivão da frota portuguesa, Pero Vaz de Caminha: "o capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com eles íamos, sentados no chão, nessa alcatifa.

Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra". A obra integra o acervo do Museu Paulista

September	October	November	December
34	44	44	48
35	45	45	49
36	46	46	50
37	47	47	51
38	48	48	52
39	49	49	1
40	50	50	2
41	51	51	3
42	52	52	4
43	1	1	5
44	2	2	6
45	3	3	7
46	4	4	8
47	5	5	9
48	6	6	10
49	7	7	11
50	8	8	12
51	9	9	13
52	10	10	14
1	11	11	15
2	12	12	16
3	13	13	17
4	14	14	18
5	15	15	19
6	16	16	20
7	17	17	21
8	18	18	22
9	19	19	23
10	20	20	24
11	21	21	25
12	22	22	26
13	23	23	27
14	24	24	28
15	25	25	29
16	26	26	30
17	27	27	31
18	28	28	
19	29	29	
20	30	30	
21	31	31	
22			
23			
24			
25			
26			



A proclamação

Desenho retrata o marechal Deodoro proclamando a República no Campo de Santana, em 15 de novembro de 1889; Deodoro assume a chefia do Governo Provisório (1889-1891) e, no dia seguinte, manda d. Pedro 2º e sua família saírem do país; com a República, foram dissolvidas as Assembléias Provinciais e Câmaras Municipais; governantes foram nomeados para os Estados (antigas províncias), que compunham o novo sistema de governo



República sulista

O quadro "Revolução Farroupilha", de Antonio Parreiras, representa a proclamação da República Rio-Grandense em Seival, em 16 de novembro de 1836; em 25 de fevereiro de 1845, termina a revolução com a assinatura da "Paz do Poncho Verde"



Guerra tropical

Victor Meirelles retrata a "Batalha do Avaí", na Guerra do Paraguai, com o duque de Caxias à esquerda no cavalo branco; o conflito uniu Brasil, Uruguai e Argentina contra o país vizinho



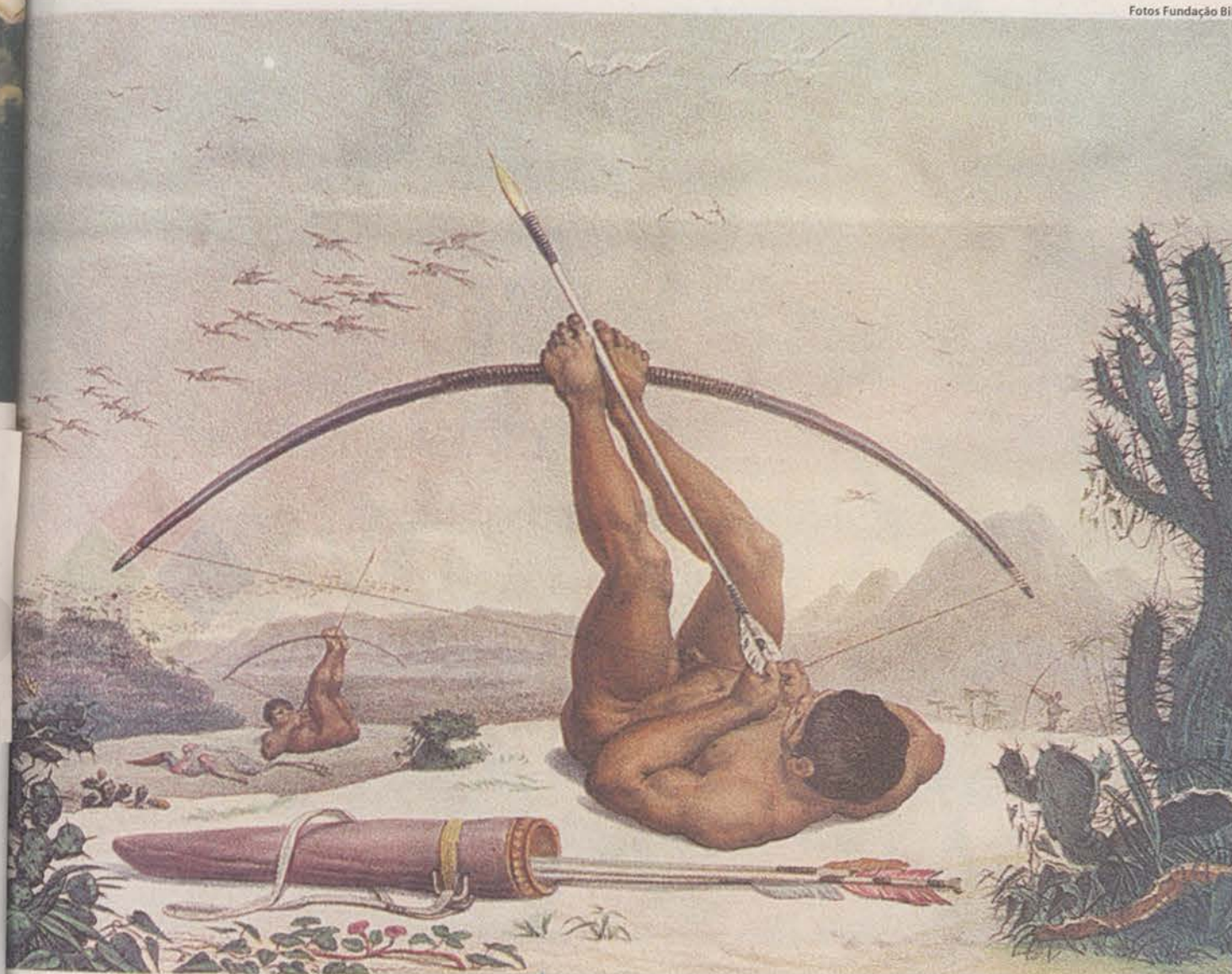
34	35	35
20	27	
21	28	
22	29	
23	30	
24	31	
25		1
26		2



Volta a Portugal

"A Abdicação de d. Pedro 1º", quadro do pintor Aurélio de Figueiredo retrata o imperador entregando o documento de abdicação, em 7 de abril de 1831; pouco depois, d. Pedro 1º partiu para a Europa, deixando o trono para seu filho caçula, d. Pedro 2º, que ficou sob a tutela de José Bonifácio

"Independência ou Morte", quadro de Pedro Américo (1843-1905), representa d. Pedro 1º no momento do grito do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822; a Guarda de Honra que está na tela ainda não existia — o pintor adotou o anacronismo para ressaltar o papel de d. Pedro 1º e dar mais dinamismo ao quadro



Fotos Fundação Bibi

September		Oktober							Novem.							
34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	44	4				
20	27		3	10	17	24		1	8	15	22	29				
21	28		4	11	18	25		2	9	16	23	30				
22	29		5	12	19	26		3	10	17	24	31				
23	30		6	13	20	27		4	11	18	25			1		
24	31		7	14	21	28		5	12	19	26			2		
25			8	15	22	29		6	13	20	27			3	11	
26			9	16	23	30		7	14	21	28			4	1	

primeiro governador-geral

ato, que integra o livro "Histoire du Brésil", de Beauchamp, traz o primeiro governador-geral do Brasil desembarcando na Bahia, em abril de 1549; em São Vicente, de Souza concentrou seus esforços na defesa da região contra os tamoios e chegou a enviar o aventureiro alemão Hans Staden para comandar o forte de São Tiago (que se vê à esquerda, no quadro abaixo, de Benedicto Calixto), em Bertioga



Velho Mundo e Novo Mundo se encontram no convés da Capitânia. Brancos e índios — e, um pouco mais tarde, negros — iniciam uma história de aproximação e conflito.

Para contar a origem do país, a imagem de Pedro Álvares

Cabral com os índios é referência obrigatória. De braços erguidos para o céu, frei Henrique celebra a nova terra. O bandeirante desbravador, a expulsão dos holandeses e o gesto do imperador libertando o país de quem o colonizou são outros elementos de uma história contada, em grande parte, por pintores do século 19, discípulos de uma escola artística que enalteceu os símbolos nacionais.

FOLHA DE S. PAULO

Fotos "O Exército na História do Brasil"





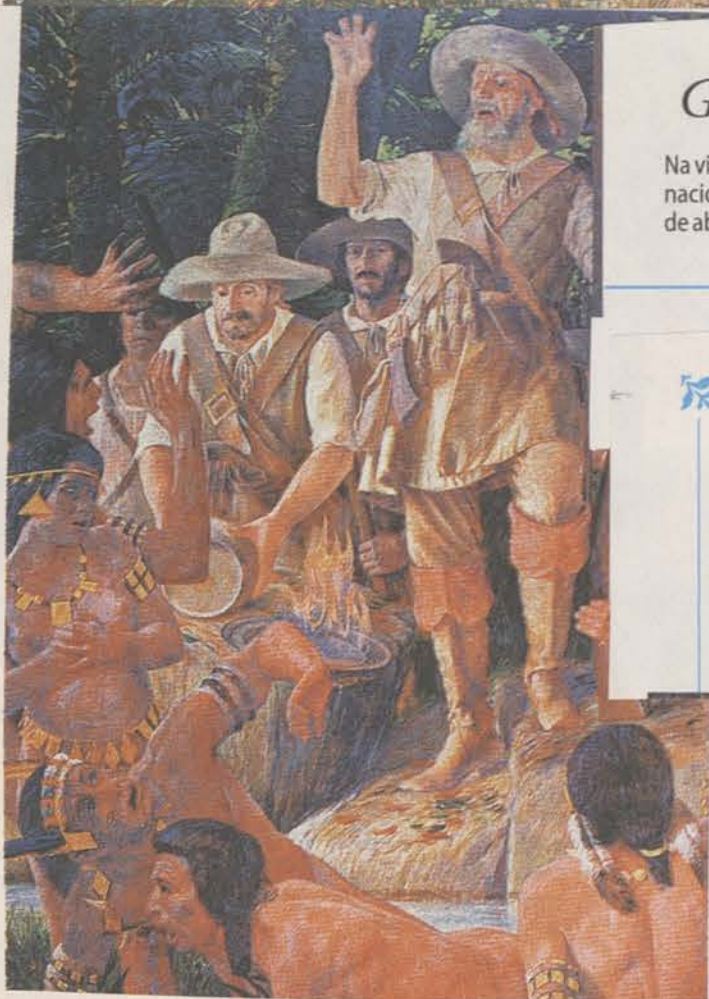
Estácio de Sá

O quadro de Benedicto Calixto mostra o português partindo de São Vicente para combater os franceses no Rio de Janeiro, em 1565; os franceses tinham ao seu lado os tamoios; Estácio de Sá aliou-se aos temiminós para combatê-los



Holanda aqui

Dapper (1639-1689) retrata a invasão do Nordeste pela Companhia das Índias Ocidentais para explorar a cana-de-açúcar na região. Em 1624, os holandeses invadiram a Bahia e, em 1630, Pernambuco. Foram expulsos completamente apenas em 1654



Guerra contra os invasores

Na visão romantizada de Victor Meirelles, uma nova nacionalidade se organiza na "Batalha de Guararapes", em 19 de abril de 1648, marco na luta contra os holandeses

Anhanguera

Pintura de Teodoro Braga mostra o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (com a mão para o alto) acendendo uma vasilha com álcool. Para os índios, que não conheciam o produto, ele teria posto fogo em água; o truque teria rendido a Bueno da Silva o nome de Anhanguera (diabo velho)



34	35	36	37	38	39				
20	27		3	10	17	24			
21	28		4	11	18	25			
22	29		5	12	19	26			
23	30		6	13	20	27			
24	31		7	14	21	28			
25			1	8	15	22	29		
26			2	9	16	23	30		

500 ANOS *Parlapatões, Patifes e Paspalhões encenam "Caguei pros 500"*

Evento "anticomemora" Descobrimento do Brasil

da Redação

Antes que o leitor se indigne com as linhas que seguem, vai aqui uma advertência dos patifes, ops, Parlapatões, Patifes e Paspalhões: "Cagamos para todos os moralistas que não vão entender e nem dar atenção às nossas ironias".

Aos apreciadores de ironias e afins, eis aqui a reportagem. "Cagamos pros 500" é o "espetáculo-performance-festa-protesto" que alguns artistas da cidade de São Paulo irão protagonizar hoje, na virada da noite, no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), para "anticomemorar" o Descobrimento do Brasil.

"Está uma visão tão oficial de tudo que a gente decidiu fazer uma brincadeira", explica o ator Hugo Possolo, 37, um dos integrantes do Parlapatões.

A inspiração partiu de um grupo colombiano que, segundo relatou o crítico e dramaturgo Aimar Labaki a Possolo, apresentou em Bogotá, por ocasião dos 500 anos da América, em 1992, um espetáculo cômico intitulado "Me Cago para los 500", uma sátira rasgada.

Além do grupo, participam do evento o Pia Fraus (com seus bonecos e números circenses), Gér-

son de Abreu (para lembrar Tom Jobim), La Mínima Trupe (com um número inédito), Circo Udi Grudi, de Brasília (com os sons de seu espetáculo "O Cano"), José Rubens "Chachá" (com uma releitura da carta de Pero Vaz de Caminha), Letícia Coura (fazendo versão de Carmem Miranda), Bloco Cara Pintada (samba no comando do mestre Marcelo Bianca), Miguel Briamonte (no teclado) e Coral Collegium Musicum, sob a regência de Abel Rocha.

Essas atrações serão "amarradas" segundo a visão "mais debochada possível" dos principais fatos da história do Brasil.

"É importante que a gente olhe para o passado e tenha uma certidão de nascimento, como é o caso da Carta de Caminha, mas não dá para suportar essa visão tacanha e tímida de hoje, pior do que na época do regime militar", compara Possolo.

"O país não pode ficar olhando para a história como os governantes olham, ignorando a realidade e o povo. Estão fazendo uma festa para inglês ver", critica o "parlapatão" Possolo.

Escolinha de FHC

Para Beto Andretta, 38, um dos integrantes do grupo Pia Fraus, não se trata de um olhar pessimis-

ta. "A gente quer apontar apenas que temos 500 anos, tudo bem, mas a situação não está nada legal", afirma. "A ironia ajuda a despertar a atenção."

No texto que enviaram à imprensa, os organizadores escrevem que "o país se transformou em uma grande escolinha em que o professor Fernando Henrique Raimundo mandou que fizéssemos a lição de casa, 'comemorar os 500 anos de colonização', mas

não somos trouxas e resolvemos rir das babaquices sociais".
(VALMIR SANTOS)

Evento: Cagamos pros 500

Com: vários

Quando: hoje, à meia-noite ("à 0h05 faremos um minuto de silêncio pela entrada do dia 22!")

Onde: Teatro Brasileiro de Comédia -sala TBC (r. Major Diogo, 315, Bela Vista, tel. 0/xx/11/3115-4622)

Quanto: R\$ 5

MANDAMENTOS

"Cagamos pros 500 relógios horríveis que a Globo espalhou pra imitar os colonizadores e suas cruzes (...)
Cagamos pros 500 quilos daquela cruz de ferro que impuseram aos índios, na Bahia (...)

Cagamos pros governantes baianos que destruíram o monumento indígena (...)
E, por fim, cagamos para todos os moralistas que não vão entender e nem dar atenção às nossas ironias."

Trecho do manifesto "Caguei pros 500"

500 ANOS Para não ir ao protesto, sem-terra pedem audiência com FHC; pre

Oposição quer reunir 10 m

da Agência Folha em Porto Seguro

A um dia das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil, partidos de oposição, sindicalistas e líderes de movimentos negros, indígenas e de sem-terra esperavam reunir 10 mil pessoas no centro de Porto Seguro (BA) em um protesto contra o governo.

Ontem, no início da noite, já estavam em Porto Seguro 2.000 índios, vindos de uma conferência paralela ao protesto, além de cerca de 300 manifestantes que chegaram de ônibus à cidade.

As articulações para o protesto começaram a ser feitas na semana passada por líderes indígenas e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

"Vamos colocar o povo nas ruas de Porto Seguro para cobrar do presidente mais atenção para os

excluídos", disse Walmir Assunção, líder do MST na Bahia.

Ontem à tarde, cerca de 2.000 sem-terra acampados em Eunápolis desde terça decidiram marchar para Porto Seguro (705 km ao sul de Salvador) amanhã.

Para não protestar contra FHC, o MST impôs ontem uma condição. "Nós queremos uma audiência com o presidente Fernando Henrique em Porto Seguro, Brasília ou qualquer outro lugar", disse Lúcia Barbosa, também da direção do MST baiano.

A decisão de manter a exigência de um encontro com o presidente da República foi tomada depois que o ministro Raul Jungmann (Reforma Agrária) não recebeu em audiência dirigentes do MST.

Para receber os sem-terra, o ministro exige a desocupação da sede do Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), em Salvador (BA).

"Nós temos que aproveitar este momento. Depois de sábado

(amanhã), o presidente Fernando Henrique e seus ministros vão esquecer os negros, os sem-terra e os índios", disse Barbosa.

No final da tarde de ontem, os sem-terra demonstraram estar dispostos para o protesto.

Eles interditaram por 20 minutos a BR-367, que faz a ligação entre Eunápolis e Porto Seguro.

Índios

Ontem pela manhã, os índios que estão participando de uma conferência em Santa Cruz Cabralia (a 16 km de Porto Seguro) também decidiram participar do protesto contra FHC.

"Nós vamos às ruas protestar contra este governo que não respeita os direitos dos índios", disse o líder indígena Nailton Pataxó.

Mesmo sem estar presente em Porto Seguro, FHC foi vaiado pelos índios na manhã de ontem.

A vaia aconteceu depois que os organizadores da conferência informaram que os índios vão en-

tregar um documento reivindicativo ao presidente.

Além dos índios e sem-terra, os coordenadores da manifestação também esperam reunir no ato contra FHC outras 6.000 pessoas, entre desempregados, bancários e outros sindicalistas.

De Salvador, partiram ontem para Porto Seguro 50 ônibus, com cerca de 2.000 manifestantes. Mais 60 ônibus, de oito Estados brasileiros, também são esperados amanhã em Porto Seguro.

Até ontem à tarde, o local do protesto contra o governo Fernando Henrique Cardoso ainda não havia sido definido.

"Nós estamos aguardando a divulgação da agenda de FHC em Porto Seguro para definir o local", disse Walmir Assunção. Os organizadores esperam contar ainda no protesto com a participação de moradores de Porto Seguro (cidade com 60 mil habitantes) e dos índios que moram nas imediações (cerca de 1.500).



Pataxós de Coroa Vermelha carregam bote após desembarque de tripulantes do barco Bahia, vencedor da regata dos 500 anos

Presidente ainda não divulgou agenda Brasil na Bahia

TERRA À VISTA

Invadidos, invasores e brasileiros

CONTARDO CALIGARIS
Colunista da Folha

PORTO SEGURO - Na Conferência dos Povos Indígenas em Coroa Vermelha, escuto os discursos roucos, tensos, comovidos. Por um lado, os índios se fazem porta-vozes de todos os excluídos da história do Brasil. Isso funciona sem problema.

Por outro lado, lembram a tragédia deles: como repetem os oradores, são 500 anos de invasão e extermínio. "Antes de 1500, cada dia era dia de índio". É verdade, mas agora é complicado distribuir os crachás da história.

A oposição entre invasores e invadidos é emaranhada. É tarde para resolvê-la pensando

em planos de resistência e de guerra. Os índios, com a exceção de alguns silvícolas, não são mais os mesmos que receberam Nicolau Coelho nessas praias. Hoje eles vestem suas saias de palha, pintam o rosto e o corpo, mas sabem que para muitos é uma maneira de lembrar quem eles foram. Um artifício temporário.

Os pretensos brancos sabem que desde o descobrimento escravizaram, exterminaram os índios, mas não pararam de sonhar com sua pureza. E com sua beleza. Não pararam de idealizá-los. Eles sabem também (não precisam de Gilberto Freire para isso, é uma verdade confirmada pelo DNA) o quanto é frequente haver uma índia no passado da família.

"Descobrimto" é um termo problemático. "Achamento", que é a palavra de Pero Vaz de Caminha, se presta à mesma complicação. Os portugueses, segundo eles, "descobriram" os índios. Ora, os índios já sabiam existir bem antes da chegada dos portugueses. E poderiam dizer que descobriram os portugueses e suas caravelas 500 anos atrás.

Mas "os brasileiros", a descendência dos marujos portugueses que pularam no mar e decidiram ficar com os índios, foram o quê?

A "invenção" dos brasileiros (e portanto do Brasil) teria minha preferência, pois colocaria o acento sobre o que os portugueses e os índios (e depois os negros e todos os outros) fizeram juntos.

Para isso seria preciso acreditar que todos compartilham hoje um pouco do mesmo des-

tino, que têm uma invenção comum, além do prazer de misturar genes.

★
Na Conferência dos Povos Indígenas, R., brasileira "branca", deixa cair uma lágrima. Índios, malocas e indiadas, ela está vendo pela primeira vez na vida. Mas as histórias que ela escuta lhe doem como se fossem as suas. Chora de pena? De culpa? Chora de divisão. Justamente porque essas histórias são também suas.

★
A miscigenação complica e cria dificuldades semânticas entre invasor e invadido, colonizador e colonizado.

Se os 500 anos não tivessem produzido tamanha exclusão, quem sabe a coisa se resolvesse na possibilidade de dizerem todos, hoje: "nós, brasileiros".



CARLOS HEITOR CONY

Perspectivas do brasileiro

Outro dia, em Curitiba, deram-me como assunto de palestra um tema esquisito, embora atual: o brasileiro nos próximos 500 anos. Seria mais difícil se me pedissem para falar sobre o brasileiro dos últimos 500 anos. Mesmo assim, aceitei a provocação, sendo como sou: um cara que nem sabe o que será nos próximos cinco minutos.

Para começar, fiz uma solene declaração de princípios, um dos quais é justamente não ter princípio algum. Lembro o "generalíssimo" Franco, ditador na Espanha durante mais de 40 anos. Um opositor de seu regime fora condenado à morte, com um tipo de execução tipicamente espanhol: o garrote vil. Para falar a verdade, nem sei exatamente como era esse tipo de pena capital, mas, pelo nome (garrote vil), devia ser especialíssimo, pior do que o fuzilamento, o enforcamento, a cadeira elétrica, a câmara de gás.

Houve uma onda internacional contra a sentença, o papa, as Nações Unidas, o Dalai Lama, as entidades mais nobres da humanidade apelaram ao ditador para que comutasse a pena, matasse o adversário, mas por outro meio, uma coisa mais civilizada.

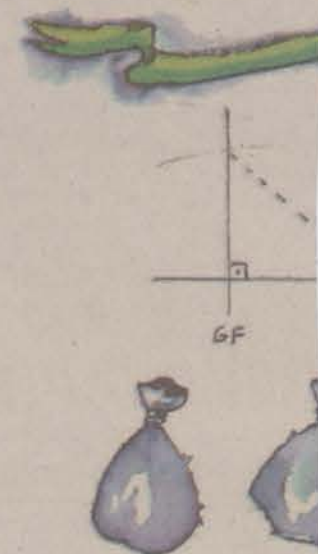
A resposta do ditador foi breve e bastante: nada podia fazer porque se tratava de um princípio. E

ele, bem como seu regime, tinham princípios. Desde então eu comecei a suspeitar toda a vez que alguém apela para um princípio a fim de fazer ou não fazer determinada coisa.

Invocando minha absoluta falta de princípios, pintei um quadro aterrador dos próximos 500 anos para o brasileiro, para o Brasil, para o mundo. Não me incluí nesta perspectiva porque não pretendo durar tanto tempo.

Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiro lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaima, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter —como queria o próprio Mário de Andrade.

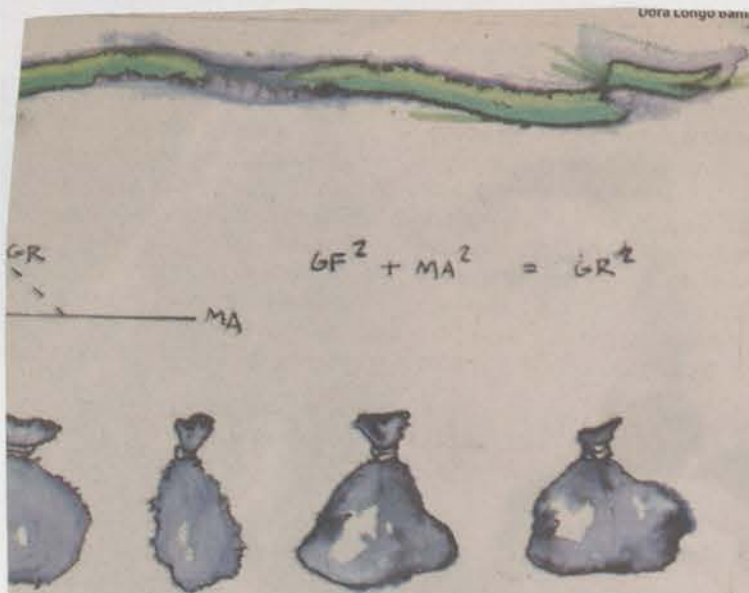
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu adulta que estava dentro da casca da Capitu menina —e teremos como sempre a intervenção soberana de Ma-



chado de Assis.

Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa —outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refúgio consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento so-

iro para 500 anos



cial do qual se afastou e contra o qual procura lutar.

É também macunático, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói — ou heroína — sem nenhum caráter.

Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando

o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora — e acho que fui entendido.

Mas aí quem não entendeu mais nada fui eu mesmo. Aliás, pouco entendo de mim e, quanto mais o tempo passa, mais me surpreendo com o que digo e faço. O brasileiro não merecerá perdão nos próximos 500 anos? Por que perdão e por que tanto tempo para chegar a algum lugar, ainda que este lugar seja o perdão?

Já li em algum lugar que daqui a cem anos seremos todos iguais,

búlgaros e paraguaios, croatas e esquimós. Sendo assim, ficará difícil descobrir um brasileiro no meio da multidão uniforme que comporá a humanidade futura. Mas sempre haverá algum cacete que nos identificará nacionalmente, um atributo inarredável que nos marcará pela eternidade afora.

É a coação do saco. Não se trata de uma afirmação de virilidade ou de má educação. Muito menos de hostilidade social ou de doença sexual. É um hábito que adquirimos nem sei onde nem para quê. Dizem que o italiano gesticula demais, o inglês fala com asma, o português bota o lápis na orelha, o espanhol é contra o governo, o alemão bebe cerveja e o americano mastiga chicletes. O brasileiro coça o saco, insensivelmente, sem maldade e sem cociceira específica. É uma declaração de princípios — e volto eu a falar em princípios, embora não os tenha.

Não sei se me expliquei decentemente. Pode parecer uma vulgaridade a mais falar dessa característica nacional, mas há piores. De maneira que não tenho nenhum interesse em saber como seremos daqui a 500 anos. Não iremos para a lata de lixo da história. Mas continuaremos a não chegar a lugar algum.

500 ANOS Porto Alegre sedia "Descobrimento", show tran Gaúchos evocam cu

MARILENE FELINTO
enviada especial a Porto Alegre

Uma homenagem aos viajantes portugueses e à cultura de além-mar: essa é a tônica da comemoração dos 500 anos do Descobrimento em Porto Alegre, iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura (SMC).

Desde o início de abril, uma série de eventos vai erguendo pontes que pretendem concretizar esse "duplo descobrimento", como explicam os organizadores.

Hoje a comemoração culmina com seção especial de "Descobrimento", show que é misto de canto e balé, com tratamento cênico teatral, em que seis atores interpretam canções evocadoras da

colonização portuguesa.

O espetáculo — que estreou dia 13 e tem direção de Luciano Alabarse — foi transformado em CD de mesmo nome, lançado na noite de ontem. O repertório traz composições do cancionário moderno português e da música popular brasileira.

Entre os brasileiros, Milton Nascimento e Chico Buarque. Os portugueses vêm na voz de Maria João, Dulce Pontes e Mísia, que musicou poemas de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa.

Também ontem foi lançado o livro "Outros 500 - Novas Conversas sobre o Jeito do Brasil". A edição é transcrição das palestras do seminário homônimo, realizado

no ano passado no centro cultural Usina do Gasômetro, com a participação de nomes como o do político petista Tarso Genro, do crítico literário Roberto Schwartz e do historiador Décio Freitas.

Avaliação

Os pronunciamentos fazem uma avaliação crítica do Brasil. Schwartz trata do sentimento de identidade nacional percebido por Machado de Assis.

"Machado de Assis criticou um sentimento de identidade nacional superficial para propor outro mais verdadeiro", diz ele.

"Ao chegar a este outro mais verdadeiro, a identidade nacional deixou de ser algo positivo para ser algo negativo. Isso é impor-

DE S.PAULO

sexta-feira, 21 de abril de 2000 ilustrada 5 ■ 3

Transformado em CD de música portuguesa e brasileira Altura d'além-mar

tante, quer dizer, no primeiro momento que a literatura brasileira ganha força de grande literatura contemporânea, a identidade nacional se torna negativa, um problema."

Para Tarso Genro, o Brasil se realiza como não-nação, "um país deformado, integrado e subordinado". Genro comenta: "O Brasil não é uma nação. O Brasil é um grande país. É um belo e luminoso país com um povo generoso, maravilhoso e uma natureza pródiga e abençoada, mas não é uma nação. Uma nação se afirma pela revolução da cultura, dos costumes, da economia, pela revolução da transformação dos hábitos políticos (...)."

A agenda das comemorações

do Descobrimento em Porto Alegre contou ainda com a presença da Companhia de Dança de Lisboa, que trouxe o espetáculo "Cabo da Boa Esperança - 512 Anos Depois", sob direção de José Manuel de Oliveira, uma alegoria coreográfica sobre a conquista dos mares pelos portugueses.

Inspirado em Luis de Camões e seu "Canto Nono", de "Os Lusíadas", o espetáculo está atualmente em excursão pelo Brasil e se apresentará em São Paulo amanhã, no Teatro Municipal (veja programação em quadro à pág. 5-1).

Na trilha sonora, canções de Madreus e Amália Rodrigues.

Espectáculo: Descobrimento

Direção: Luciano Alabarse

Com: Antonio C. Brunet, Margarida Peixoto, Sandra Dani, Sandra Loureiro, Zé Adão Barbosa, Bettina Mondino e Phoenix Grupo de Dança;

Quando: hoje, às 21h

Onde: teatro Renascença (av. Érico Veríssimo, 307, Cidade Baixa, Porto Alegre, tel.: 0/xx/51/221-6622, r. 232)

Livro: Outros 500 - Novas Conversas sobre o Jeito do Brasil

Autor: vários

Editora: Secretaria Municipal de Cultura/Coordenação de Projetos Especiais, Porto Alegre

Onde encontrar: o livro e o CD "Descobrimento" estarão à venda hoje, no saguão do teatro Renascença

Informações: centro cultural Usina do Gasômetro, tel.: 0/xx/51/212-5979

Tel.: 0/xx/11/224-7842. Fax: 0/xx/11/224-2284. E-mail: ilustrad@uol.com.br * Serviço de atendimento ao assinante: 0/xx/11/224-3090

FOLHA **ilustr**

5º CADERNO * PÁGINA 1 * SÃO PAULO, SEXTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2000

A cultura dos 500

Daniel Guimarães/Folha Imagem

*Mostra do Redescobrimento, Caetano
Veloso e Dulce Pontes, carta de Pero
Vaz e a dúvida: comemorar o quê?*

Editoria de Arte/Folha Imagem

Destaques culturais dos 500 anos no Brasil

São Paulo

21 de abril

→ O quê: exposição "Viagens e Descobrimientos: A Descrição dos 500 anos do Brasil"

Onde: biblioteca Mário de Andrade (r. da Consolação, 94, tel. 0/xx/11/256-5777)

Quando: de seg. a sex., das 9h às 21h, sáb., das 9h às 18h. Até 30/4

Quanto: grátis

→ O quê: exposição "Estórias do Brasil"

Onde: Memorial do Imigrante (r. Visconde de Parnaíba, 1.316, Brás, tel. 0/xx/11/6692-1335)

Quando: ter. a dom., das 10h às 17h, até 4/6

Quanto: R\$ 2 (adulto) e R\$ 1 (criança)

→ O quê: exposição de Trajes Moda 500 anos e Máquinas de Costura

Onde: Conjunto Cultural da Caixa (pça. da Sé, 111, 3º andar, tel. 0/xx/11/3107-0498)

Quando: de seg. a sex., das 10h às 16h, até 30/6

Quanto: grátis

→ O quê: exposição "A Esquadra de Cabral - Algumas Léguas para Oeste"

Onde: Centro Cultural Fiesp (av. Paulista, 1313, tel. 0/xx/11/284-3639)

Quando: de ter. a dom., das 9h às 19h, até 29/4

Quanto: grátis

→ O quê: exposição "Terra Brasilis", de Ronald Sperling

Onde: Espaço Cultural do Banco Central (av. Paulista, 1.804, tel. 0/xx/11/252-1916)

Quando: seg. a sex., das 10h às 16h30, até 4/5

Quanto: grátis

→ O quê: exposição "Terra do Pau-brasil"

Onde: Empório Beraldin (r. Mateus Grou, 604, Pinheiros, tel. 0/xx/11/210-8200)

Quando: das 9h30 às 19h, até 20/5

Quanto: grátis

→ O quê: "Colombo", de Carlos Gomes, com o Coral Lírico de Brasília

Onde: Theatro São Pedro (r. Barra Funda, 171, tel. 0/xx/11/3661-6529)

Quando: sex. e sáb., às 20h30

Quanto: R\$ 10

→ O quê: peça "Vozes Dissonantes"

Onde: Sesc Ipiranga - teatro (r. Bom Pastor, 822, tel. 0/xx/11/3340-2036)

Quando: hoje e amanhã, às 21h; dom., às 20h.

Quanto: R\$ 6

→ O quê: espetáculo "Caguel pros 500" com Parlapatões, Patifes e Paspalhões e Cia. Pia Fraus

Onde: TBC (r. Major Diogo, 315, tel. 0/xx/11/3115-4622)

Quando: 23h30

Quanto: R\$ 5

→ O quê: "Brasil 500 Anos em Esculturas de Areia"

Onde: praia de Itararé, em São Vicente, SP

Quando: das 10h às 24h, diariamente

Quanto: R\$ 2

22 de abril

→ O quê: show de Caetano Veloso e Dulce Pontes

Onde: pça. da Paz - parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/n)

Quando: às 16h

Quanto: grátis

→ O quê: Balé "Cabo da Boa Esperança", de Lisboa

Onde: Teatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/n, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quando: 21h

Quanto: R\$ 10 a R\$ 20

→ O quê: show "Cantando o Samba pela Raiz", com Quinteto em Branco e Preto, Nei Lopes e João Nogueira

Onde: Sesc Ipiranga (r. Bom Pastor, 822, tel. 0/xx/11/3340-2000)

Quando: às 23h

Quanto: R\$ 8 (comerciários, estudantes e 3ª idade), R\$ 12 (usuários matriculados) e R\$ 16

→ O quê: show da Orquestra Jazz Sinfônica de São Paulo com participação de Eugénia Melo e Castro

Onde: Credicard Hall (av. das Nações Unidas, 17.955, Santo Amaro, tel. 0/xx/11/5643-2500)

Quando: sáb. às 22h e dom. às 20h

Quanto: R\$ 10 a R\$ 60

→ O quê: Orquestra Sinfônica do Estado e Coral Sinfônico do Estado

Onde: Sala São Paulo (pça. Júlio Prestes, s/n, tel. 0/xx/11/221-3980)

Quando: às 16h30

Quanto: R\$ 10 a R\$ 30 (p/ estudantes: R\$ 5 a R\$ 15)

23 de abril

→ O quê: Balé Folclórico da Bahia

Onde: parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/n)

Quando: às 21h

Quanto: grátis

→ O quê: "Brasil! Outros 500, Uma Poop-Ópera", de Millôr Fernandes

Onde: Teatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/n, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quando: domingo às 19h, ter. a sáb., às 21h, até 30/4

Quanto: R\$ 20 a R\$ 100

24 de abril

→ O quê: Balé Folclórico da Bahia

Onde: Teatro Municipal de São Paulo (pça. Ramos de Azevedo s/n, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quando: às 21h

Quanto: R\$ 3 e R\$ 15

→ O quê: exposição "Maquetes Náuticas"

Onde: Nóbrega Antiquário e Galeria de Arte (r. Padre João Manoel, 1.231, tel. 0/xx/11/3068-9388)

Quando: seg. a sex., das 10h às 18h30, sáb., das 10h às 13h, até 8/5

Quanto: grátis

25 de abril

→ O quê: Mostra do Redescobrimento

Onde: parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/n, informações no tel. 0800-780500)

Quando: ter. a sex., das 14h às 22h. Sáb., dom. e feriados, das 9h às 22h, até 7/9

Quanto: de R\$ 7 a R\$ 15

27 de abril

→ O quê: ópera cômica "Pedro Malazarte", de Camargo Guarnieri

Onde: Theatro São Pedro (r. Barra Funda, 171, tel. 0/xx/11/3667-0499)

Quando: 27, 28, 29 de abril, às 21h

Quanto: R\$ 20

→ O quê: "Brasil 500 Anos: Música e História", com Grupo Vox

Onde: Sesc Ipiranga (r. Bom Pastor, 822, tel. 0/xx/11/3340-2000)

Quando: às 21h

Quanto: grátis (retirar ingresso com antecedência)

→ O quê: "Brasil 500 anos - Ares de Vera Cruz", recital com a Cia. Papagalina

Onde: Instituto Moreira Salles (r. Piauí, 844, 1º andar, tel. 0/xx/11/825-2560)

Quando: às 21h

Quanto: grátis (retirar ingresso com antecedência)

→ O quê: projeto "Ritos de Passagem", com Índios Xavantes e Mehinaku

Onde: parque Ibirapuera, atrás do MAM (Museu de Arte Moderna)

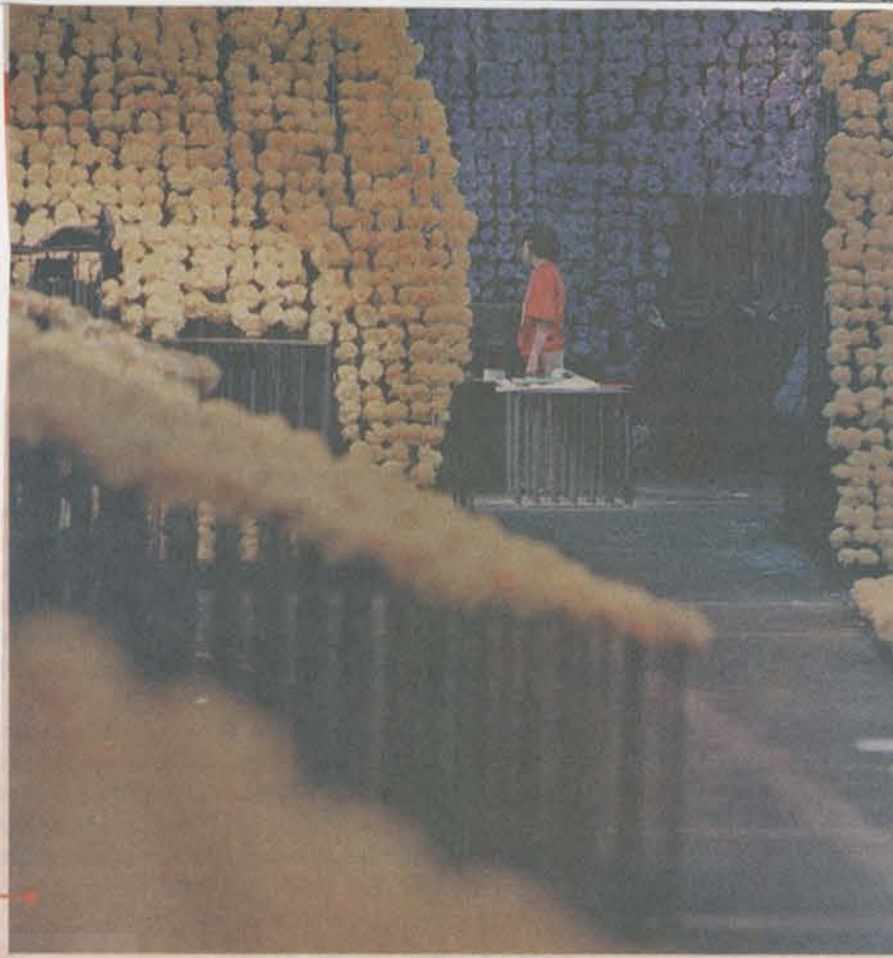
Quando: às 20h

Quanto: grátis

Rio de Janeiro

21 de abril

→ O quê: exposição "500 Anos Depois...", com fotos de José de Paula Machado



Onde: Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/n, tel. 0/xx/21/620-2400)

Quando: ter. a dom., das 11h às 19h, sáb. das 13h às 21h. Até 25/6

Quanto: R\$ 2. Aos domingos, grátis

→ O quê: "Canta Brasil 500", show de gospel e espaço cívico alusivo ao descobrimento.

Onde: Estádio do Maracanã (r. Professor Eurico Rabelo, s/n, tel. 0/xx/21/263-7995)

Quando: 14h

Quanto: grátis

22 de abril

→ O quê: show de fados e canções folclóricas portuguesas da cantora Marli Gonçalves

Onde: teatro Municipal de Niterói (r. Quinze de Novembro, 35, tel. 0/xx/21/620-1624)

Quando: às 21h

Quanto: R\$ 2

23 de abril

→ O quê: show com Caetano Veloso e Dulce Pontes

Onde: Posto 10 - Praia de Ipanema

Quando: 18h

Quanto: grátis

25 de abril

→ O quê: exposição "O Azulejo em Portugal no Século XX"

Onde: Museu Histórico Nacional (pça. Marechal Âncora, 200, tel. 0/xx/21/240-2092)

Quando: ter. a sex., das 10h às 17h30, sáb., dom. e feriados, das 14h às 18h, até final de julho

Quanto: R\$ 4

Bahia

22 de abril

→ O quê: "O Dia em Que o Brasil Nasceu", espetáculo cênico. Queima de quatro toneladas de fogos de artifício em homenagem aos povos que constituíram a população brasileira

Quando: 22 e 23 de abril

Onde: Porto Seguro, em frente à Passarela do Alcool

Quanto: grátis

→ O quê: "O Achamento do Brasil" - exposição com 42 painéis que retratam a chegada dos portugueses ao Brasil

Quando: até 31 de maio

Onde: Fundação Pedro Calmon, na praça Municipal, em Salvador

Quanto: grátis

→ O quê: "Bahia, 500 Anos do Brasil: Um Olhar Cultural" - exposição fotográfica e bibliográfica de obras raras e apresentações de grupos folclóricos

Quando: Até 2 de maio

Onde: biblioteca pública dos Barris (rua General Babatut, 27, Salvador)

Quanto: grátis

23 de abril

→ O quê: "Brasil 500 Anos" - desfile com queima de fogos de artifício no forte de São Marcelo

Quando: 23 de abril, a partir das 18h

Onde: do Campo Grande à praça Municipal, em Salvador

Quanto: grátis

→ O quê: exposição "A Arte dos Biombos dos Portugueses, Brasileiros e Orientais"

Onde: Museu de Arte da Bahia (av. Sete de Setembro, 2340, corredor da Vitória, Salvador, tel. 0/xx/71/366-8413)

Quando: ter. a sex., das 14h às 19h, sáb. e dom., das 13h30 às 18h30, até 25/5

Quanto: grátis

25 de abril

→ O quê: espetáculo teatral "Supernova", do dramaturgo português Abel Neves

Onde: teatro Vila Velha (av. Sete de Setembro, s/n, Passeio Público, Salvador, tel. 0/xx/71/336-1384)

Quando: ter. às 21h, até 13/5

Quanto: R\$ 10

→ O quê: descerramento da escultura Tissot 500 anos, criada pelo artista plástico Nicolas Vlavianos

Onde: praia Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia

Quando: às 19h30

Amazonas

→ O quê: Festival Amazonas de Ópera, apresentação de "Il Guarany"

Onde: teatro Amazonas (pça. Sebastião, s/n, Manaus, tel. 0/xx/92/234-0508)

Quando: 25, 27, 29 de abril, às 20h

Quanto: R\$ 10 a R\$ 40

na realização de seus planos mais importantes. Convincente e alerta, seus amigos e inimigos o(a) respeitam e são assagem. Aproveite para adquirir alguns valores materiais, pois seu poder de negociação está alto.

TOURO (21 abr. a 20 mai.)

O fato real de ter de resolver pendências, dívidas e outros problemas não o(a) obriga a ter atitudes violentas consigo próprio(a). Evite girar em todos os mesmos pensamentos, para não sentir encurralado(a) — o que faz toda diferença na hora de formalizar acordos importantes. Respire fundo e vá com calma, não exhiba temor.

GÊMEOS (21 mai. a 20 jun.)

Há diversas explicações, mas o fato é que, às vezes, ficamos enfeitados por alguém a quem atribuímos um poder que seres humanos não possuem. E está fazendo isso, hoje é dia para desmanchar essa feliçaria que você mesmo criou. O pior é que as outras pessoas chamam que você é quem tem um fascínio poderoso! Como pode?

possível que eventuais complicações com colegas de trabalho ou empregados aconteçam, exigindo de você sangue-frio e atitudes desapaixonadas. Se deixar claro que você não é manipulável, tudo se resolve bem.

LEÃO (22 jul. a 22 ago.)

A Lua em aspecto com Plutão intensifica seus dotes inspiradores. Você está com força emocional e pode convencer muita gente nesta sexta-feira. Um verdadeiro leão não se deixa intimidar por fofocas e maledicências. Enquanto os outros falam, você tem vitórias e mostra seu potencial ao mundo. Os cães ladram e a caravana passa.

VIRGEM (23 ago. a 22 set.)

Você entende de modo profundo como sua postura e seu jeito de agir impressionam as pessoas. Apesar disso, se cair na tentação de usar seu encanto pessoal para conseguir poder sobre outras pessoas, saiba que a mistificação dura apenas algumas horas. Seria melhor adotar uma postura mais grave e exibir seriedade de intenções.

ranjar alguma coisa divertida para fazer, em vez de levar a sério os tormentos criados por "maya", a ilusão, um atributo da Lua, que ronda a mente alheia. Criativo(a), inspirado(a) e entusiasmado(a), você será sua melhor companhia.

ESCORPIÃO (23 out. a 21 nov.)

Vá fundo em suas emoções, tente entendê-las melhor para usá-las de maneira criativa, extraindo mais riqueza da vida. Um dia para consolidar projetos, sem pressa de responder a todas as demandas externas. Equacione a sua vida financeira, contando com a ajuda de profissionais. Corte despesas supérfluas e invista em você mesmo(a).

SAGITÁRIO (22 nov. a 21 dez.)

Sua vontade de chegar ao essencial, de se livrar do superficial, está bem grande hoje. Você é capaz de provocar impacto em seu meio e atrair mudanças. Embora não seja do seu estilo, chorar muitas vezes limpa a alma. Você se sentirá mais leve e inteiro(a) se abrir as comportas emocionais — na privacidade, claro.

mo obsessivo? No fundo, pode ser nas a sensação de que o tempo está sendo perdido, de que você tem muito a fazer e ninguém coopera. Mas é ali, bem no meio da solidão, que você encontra força para agir. Vá no seu ritmo, pois sempre você se adianta, como já sabe.

AQUÁRIO (21 jan. a 19 fev.)

Amigos chegam perto, projetos surgem, você desconfia de tudo isso porque parece ser muito bom demais para ser fácil. Usando seu distanciamento emocional, você irá exibir a liberdade de ação e a sabedoria para consolidar o que já começou a realizar. Você tem força para atrair quem quiser para junto — tudo depende da sua ética.

PEIXES (20 fev. a 20 mar.)

Assuntos do passado podem mentar seu dia, mas nada se conclui (a não ser por meio do diálogo com o passado). Você diz as coisas com coragem. Você está mais claro(a) e persistente. Aproveite para detonar as armadilhas da casa que você anda deixando para o futuro, porque mais tarde a sua atenção estará em outro lugar.

CYNARA MENEZES especial para a Folha

Enfim, é amanhã. Há 500 anos, uma esquadra de caravelas liderada por Pedro Álvares Cabral tomava, em nome do rei de Portugal, d. Manuel, posse deste território e revelava sua existência ao mundo.



Hoje, em Porto Seguro, índios protestam por terem sido os que tiveram as maiores perdas com a colonização e com o que se seguiu a ela. No resto do Brasil, uma festa tímida, envergonhada, lembra o Descobrimto. Só há duas escolhas: ou assumir que não há o que comemorar e simplesmente ignorar a efeméride ou aproveitar para conhecer um pouco da história brasileira em alguns dos bons eventos que estão programados — longe de Porto Seguro.

Quem for partidário da segunda opção que siga esta carta de marcar pelo que aconteceu na parte festiva do Descobrimto.

Brasil e Portugal se encontram pela música amanhã no parque Ibirapuera, em São Paulo, com o concerto ao ar livre de Caetano Veloso e Dulce Pontes. E nem é preciso dar colares de contas em troca: é grátis. Outro encontro musical acontece durante a Bienal do Livro, na capital paulista, com a apresentação dos portugueses Maria João e Mário Laginha, apresentando seu novo disco, "Chorinho Feliz", com ritmos brasileiros, no dia 6 de maio.

O parque Ibirapuera também sedia, a partir de terça-feira, a Mostra do Redescobrimto, que promete ser a mais interessante exposição já feita pelo Brasil sobre o próprio umbigo — afinal, é esse o momento. Aliás, a certidão de nascimento estará lá: a famosa carta de Pero Vaz de Caminha, muito citada e pouco lida, é uma das jóias da exposição.

Outras delícias são as exposições "Os Biombos dos Portugueses", no Museu de Arte da Bahia, a partir de amanhã em Salvador, e "O Azulejo em Portugal no Século 20", no Museu Histórico Nacional, no Rio.

Uma das poucas boas iniciativas oficiais, as cinco sinfonias elaboradas por compositores brasileiros para os 500 anos têm audição prevista em Porto Seguro amanhã. Os concertos serão apresentados durante o ano também em outras cidades, começando por São Paulo, Santos e Campinas.

A mais brasileira das óperas, "O Guarani", de Carlos Gomes, é apresentada para o público de Manaus, no Bumbódromo, entre segunda e quarta-feira.

Os outros eventos oficiais são as inaugurações em Porto Seguro: Museu Aberto do Descobrimto, Museu Indígena, uma nova cruz no lugar em que houve a Primeira Missa e até instalações voltadas para o turismo. A regata dos 500 anos, que chega ao Brasil, como Cabral, por lá, tem embarcações curiosas, como a Barconau-

ta, uma réplica de navio negreiro que estará aberta à visitação também no Rio, na semana seguinte.

O evento mais deslocado na história parece ser o desfile temático Aqui Nasceu o Brasil, que acontece em Salvador, no domingo, com personagens a caráter que em tudo lembram as antigas paradas de Sete de Setembro durante o regime militar: Tiradentes, Cabral, índios... Acabará em Carnaval?

→ LEIA MAIS às págs. 5-3, 5-4, 5-5 e 5-7

500 ANOS Netinho e Banda Eva tocam amanhã em

Bahia dá o troco,

PAULO VIEIRA
enviado especial a Portugal

500 anos depois, damos o troco. Amanhã, no mesmo 22 de abril do desembarque português na Bahia, os baianos Netinho e Banda Eva apresentam-se em Lisboa, capital portuguesa, em espetáculos gratuitos e, no caso de Netinho, com cerveja na faixa.

O trio elétrico de Netinho irá percorrer as avenidas da área portuária da região oriental de Lis-

boa, revitalizada com a Expo 98.

Para Maria Jucá, manager das bandas, a experiência servirá como prévia das micaretas anuais que os baianos querem promover em Lisboa e possivelmente também no Algarve, sempre no verão (julho ou agosto), a partir de 2001.

Várias outras atrações brasileiras irão este ano a Portugal, dentro do calendário de celebrações do "achamento" — a palavra que escolheram. A atrações nordestinas, quase exclusivamente: em

maio, em Lisboa, o ex-armorialista folclorista pernambucano Antonio Nóbrega tem duas datas; Caetano Veloso e Maria Bethânia, por sua vez, dividem o palco do Pavilhão Atlântico, da Expo.

Em junho, há exibição de grupos de maracatu em Lisboa. No Porto, capital econômica e cidade de rivalidade histórica e proverbial com Lisboa, há shows de Tom Zé com Margareth Menezes e Zeca Baleiro com Arnaldo Antunes. Em julho, o mangue beat debu-

FOLHA DE S. PAULO

sexta-feira, 21 de abril de 2000 ilustrada 5 ■ 7

Lisboa; micaretas anuais em Portugal estão nos planos

500 anos depois

ta na península num show com Otto, Nação Zumbi e o Mundo Livre S/A. Serão ladeados por atrações portuguesas de um gênero que elas mesmas denominaram

"tejobeat". Uma semana depois, os cariocas do Rappa fazem a preliminar do show da banda de rock decana Xutos e Pontapés.

Depois deles, apenas em outu-

bro, Adriana Calcanhoto e uma montagem de "Il Guarany", no Teatro São Carlos de Lisboa, dão seguimento ao "redescobrimto" brasileiro pelos portugueses.

500 ANOS Para não ir ao protesto, sem-terra pedem audiência com FHC; pre-

Oposição quer reunir 10 m

da Agência Folha em Porto Seguro

A um dia das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil, partidos de oposição, sindicalistas e líderes de movimentos negros, indígenas e de sem-terra esperavam reunir 10 mil pessoas no centro de Porto Seguro (BA) em um protesto contra o governo.

Ontem, no início da noite, já estavam em Porto Seguro 2.000 índios, vindos de uma conferência paralela ao protesto, além de cerca de 300 manifestantes que chegaram de ônibus à cidade.

As articulações para o protesto começaram a ser feitas na semana passada por líderes indígenas e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

"Vamos colocar o povo nas ruas de Porto Seguro para cobrar do presidente mais atenção para os



excluídos", disse Walmir Assunção, líder do MST na Bahia.

Ontem à tarde, cerca de 2.000 sem-terra acampados em Eunápolis desde terça decidiram marchar para Porto Seguro (705 km ao sul de Salvador) amanhã.

Para não protestar contra FHC, o MST impôs ontem uma condição. "Nós queremos uma audiência com o presidente Fernando Henrique em Porto Seguro, Brasília ou qualquer outro lugar", disse Lúcia Barbosa, também da direção do MST baiano.

A decisão de manter a exigência de um encontro com o presidente da República foi tomada depois que o ministro Raul Jungmann (Reforma Agrária) não recebeu em audiência dirigentes do MST.

Para receber os sem-terra, o ministro exige a desocupação da sede do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), em Salvador (BA).

"Nós temos que aproveitar este momento. Depois de sábado

(amanhã), o presidente Fernando Henrique e seus ministros vão esquecer os negros, os sem-terra e os índios", disse Barbosa.

No final da tarde de ontem, os sem-terra demonstraram estar dispostos para o protesto.

Eles interditaram por 20 minutos a BR-367, que faz a ligação entre Eunápolis e Porto Seguro.

Índios

Ontem pela manhã, os índios que estão participando de uma conferência em Santa Cruz Cabralia (a 16 km de Porto Seguro) também decidiram participar do protesto contra FHC.

"Nós vamos às ruas protestar contra este governo que não respeita os direitos dos índios", disse o líder indígena Nailton Pataxó.

Mesmo sem estar presente em Porto Seguro, FHC foi vaiado pelos índios na manhã de ontem.

A vaia aconteceu depois que os organizadores da conferência informaram que os índios vão en-

tregar um documento reivindicativo ao presidente.

Além dos índios e sem-terra, os coordenadores da manifestação também esperam reunir no ato contra FHC outras 6.000 pessoas, entre desempregados, bancários e outros sindicalistas.

De Salvador, partiram ontem para Porto Seguro 50 ônibus, com cerca de 2.000 manifestantes. Mais 60 ônibus, de oito Estados brasileiros, também são esperados amanhã em Porto Seguro.

Até ontem à tarde, o local do protesto contra o governo Fernando Henrique Cardoso ainda não havia sido definido.

"Nós estamos aguardando a divulgação da agenda de FHC em Porto Seguro para definir o local", disse Walmir Assunção. Os organizadores esperam contar ainda no protesto com a participação de moradores de Porto Seguro (cidade com 60 mil habitantes) e dos índios que moram nas imediações (cerca de 1.500).

Presidente ainda não divulgou agenda

il na Bahia

Invadidos, invasores e brasileiros

CONTARDO CALIGARIS
Colunista da Folha

PORTO SEGURO - Na Conferência dos Povos Indígenas em Coroa Vermelha, escuto os discursos roucos, tensos, comovidos. Por um lado, os índios se fazem porta-vozes de todos os excluídos da história do Brasil. Isso funciona sem problema.

Por outro lado, lembram a tragédia deles: como repetem os oradores, são 500 anos de invasão e extermínio. "Antes de 1500, cada dia era dia de índio". É verdade, mas agora é complicado distribuir os crachás da história.

A oposição entre invasores e invadidos é emaranhada. É tarde para resolvê-la pensando

em planos de resistência e de guerra. Os índios, com a exceção de alguns silvícolas, não são mais os mesmos que receberam Nicolau Coelho nessas praias. Hoje eles vestem suas saias de palha, pintam o rosto e o corpo, mas sabem que para muitos é uma maneira de lembrar quem eles foram. Um artifício temporário.

Os pretensos brancos sabem que desde o descobrimento escravizaram, exterminaram os índios, mas não pararam de sonhar com sua pureza. E com sua beleza. Não pararam de idealizá-los. Eles sabem também (não precisam de Gilberto Freire para isso, é uma verdade confirmada pelo DNA) o quanto é frequente haver uma índia no passado da família.

País sofre auto-exílio

da Redação

A revista "The Economist" desta semana publica o editorial "Os 500 anos de solidão do Brasil". "Está mais do que na hora de o gigante da América do Sul abandonar seu complexo de inferioridade", diz a revista.

O editorial aponta que, enquanto os outros países do continente celebraram a descoberta da América em 1992, o Brasil aguardou o ano 2000 para comemorar seus 500 anos "quase completamente ignorado" pelo resto do mundo.

"A língua, a geografia e a história se combinaram para isolar o Brasil de seus vizinhos de fala espanhola, da floresta amazônica à bacia do rio Paraná, sem falar do resto do mundo."

Segundo a revista, o Brasil ainda é um país jovem e de conquistas pouco divulgadas. "Só o Japão registrou crescimento econômico mais rápido de 1900 a 1982."

Apesar da abertura econômica dos últimos anos, para a "The Economist", o país ainda não deixou de ser "um anão do comércio".

O editorial afirma que a queda no comércio exterior pode ser revertida se o Brasil "superar seu complexo de inferioridade". "Eles não tomam muito a liderança."



Índios xucurus aplaudem a apresentação de um relatório na Conferência dos Povos Indígenas.

Índios supostamente feridos e em conflito são encontrados ilesos

MARCOS VITA
da Agência Folha, em Salvador

Os índios pataxós que estavam desaparecidos depois de conflito com pistoleiros na fazenda Boa Vista, em Prado (110 km de Porto Seguro), invadida por eles, foram localizados no fim da tarde de anteontem por agentes da Funai e da Polícia Federal. Nenhum deles estava ferido.

A informação foi dada pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário), a mesma entidade que havia denunciado, no início desta semana, que dois índios estavam feridos e outros 22 eram mantidos em cárcere privado na fazenda

da invadida.

O delegado da PF da Bahia, Jones Ferreira Leite, negou, contudo, que a Polícia Federal tenha participado de uma operação para localizar os índios.

A Agência Folha não encontrou ninguém ontem no posto da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Eunápolis (sul da Bahia) para confirmar a informação.

Segundo a versão apresentada pelo Cimi na terça-feira, o confronto teria acontecido depois que pistoleiros tentaram expulsar 56 índios que estavam na fazenda havia duas semanas.

"Os índios haviam fugido para aldeias próximas durante o ata-

que de pistoleiros. A informação de que havia dois índios perdidos no mato foi dada por pistoleiros aos índios de anteontem, era falsa", afirmou o presidente do Cimi, Saulo Ferreira.

Anteontem à tarde, em uma reunião de convocação dos índios, em Ilhéus (BA), havia dito que derivava uma "levianada" de feridos, já que até aquele momento não existia nenhuma informação de que isso tivesse ocorrido. Eles ainda não tinham sido encontrados, contudo, o que ocorreu no conflito.

Colaborou ANDRÉA DE LIMA, da Agência Folha



Pataxós de Coroa Vermelha carregam bote após desembarque de tripulantes do barco Bahia, vencedor da regata dos 500 anos.

FHC faz papel de ditador, diz Rainha

EDMILSON ZANETTI
da Agência Folha

O dirigente do MST José Rainha disse ontem que o presidente Fernando Henrique Cardoso assumiu "papel de ditador", ao tentar impedir os protestos programados para Porto Seguro na comemoração dos 500 anos.

O presidente disse anteontem que "a festa dos 500 anos não deve ser um convite a um velório" e que "não há baderneiro capaz de enfrentar" sua autoridade. As declarações foram uma alusão aos protestos que MST, CUT e outras entidades prometem realizar.

Segundo Rainha, "velório ele patrocinou, esse governo, em vários lugares: temos aí Eldorado do Carajás, Corumbiara. É a violência patrocinada por esse plano econômico suicida". Para o líder do MST, "não existe velório maior que esse plano econômico suici-

da, que está botando milhares de pessoas na extrema miséria".

Rainha disse que "não permitir que o povo proteste nos 500 anos de exploração é uma vergonha". "O Fernando Henrique não tem mais o que dizer à sociedade, porque está assumindo papel de ditador." Segundo ele, as manifestações programadas vão acontecer de qualquer maneira: "Temos direito de protestar".

Jorge Sampaio

O presidente de Portugal, Jorge Sampaio, desembarca às 13h de hoje em Salvador, onde será recebido pelo presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e pelo governador César Borges (PFL). Sampaio e sua comitiva participam amanhã das comemorações dos 500 anos de Descobrimto do Brasil, em Porto Seguro (BA). Hoje, ele janta com FHC em Comandatuba.

"Descobrimto" é um termo problemático. "Achamento", que é a palavra de Pero Vaz de Caminha, se presta à mesma complicação. Os portugueses, segundo eles, "descobriram" os índios. Ora, os índios já sabiam existir bem antes da chegada dos portugueses. E poderiam dizer que descobriram os portugueses e suas caravelas 500 anos atrás.

Mas "os brasileiros", a descendência dos marujos portugueses que pularam no mar e decidiram ficar com os índios, foram o quê?

A "invenção" dos brasileiros (e portanto do Brasil) teria minha preferência, pois colocaria o acento sobre o que os portugueses e os índios (e depois os negros e todos os outros) fizeram juntos.

Para isso seria preciso acreditar que todos compartilham hoje um pouco do mesmo des-

tino, que têm uma invenção comum, além do prazer de misturar genes.

★
Na Conferência dos Povos Indígenas, R., brasileira "branca", deixa cair uma lágrima. Índios, malocas e índiadas, ela está vendo pela primeira vez na vida. Mas as histórias que ela escuta lhe doem como se fossem as suas. Chora de pena? De culpa? Chora de divisão. Justamente porque essas histórias são também suas.

★
A miscigenação complica e cria dificuldades semânticas entre invasor e invadido, colonizador e colonizado.

Se os 500 anos não tivessem produzido tamanha exclusão, quem sabe a coisa se resolvesse na possibilidade de dizerem todos, hoje: "nós, brasileiros".



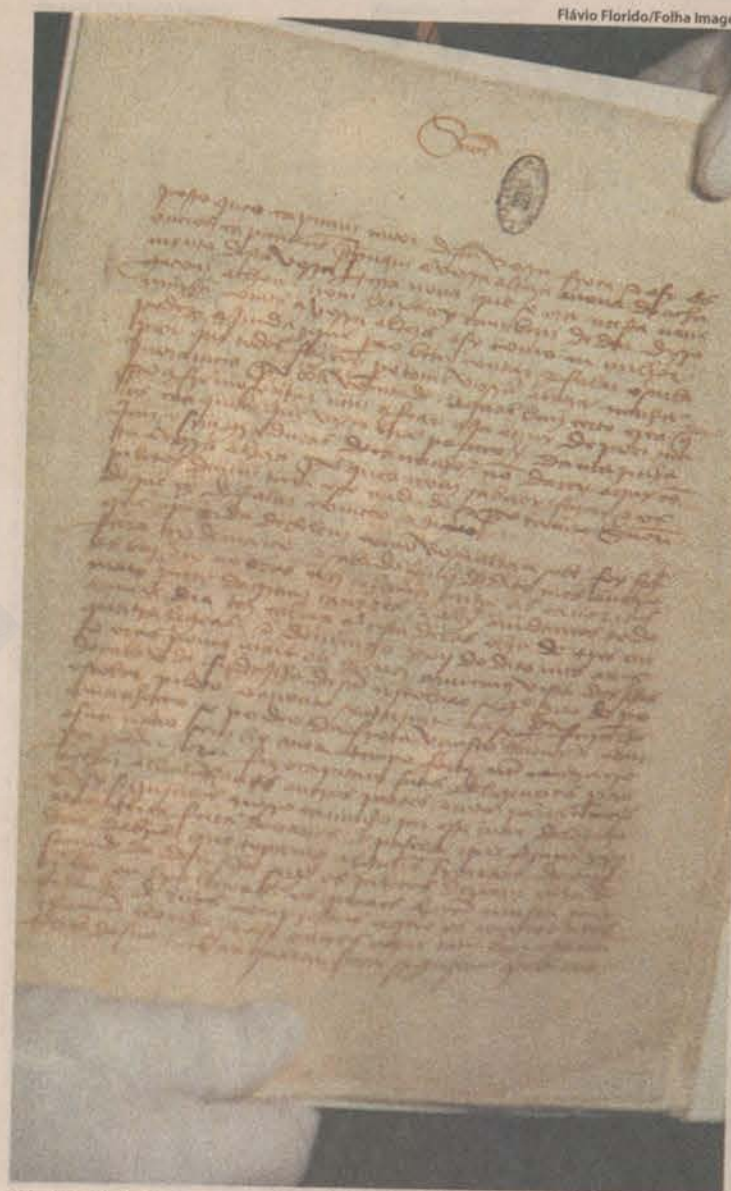
Jupati Pataxó, 13, vende maracas nas barracas da praia

Moacyr Lopes Júnior/Folha Imagem

500 ANOS Carta de Caminha (1500) e manto tupinambá

Vedetes do Descobri

Flávio Florido/Folha Imagem



Página da Carta em que Caminha noticia a descoberta do Brasil

TRECHOS DA CARTA

“A horas de véspera, houvementos vista de terra! A saber, primeira-mente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!”

Ao avistar o Brasil

“Andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.”

Sobre as índias

“De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos (...). Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos.”

Descrevendo a terra

“Peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro — o que d'Ela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.”

Pedindo favores ao rei

Saiba quem foi Caminha

da Redação

Pero Vaz de Caminha (1437-1500), navegante português, foi o primeiro a escrever sobre o descobrimento do Brasil. Sua carta foi enviada ao rei D. Manuel em 1º de maio de 1500, quando a esquadra de Cabral partiu para Calicu-

te, possessão portuguesa na Índia. Lá, Caminha morreria em um ataque dos mouros.

Não há muita informação sobre sua vida antes da expedição. Sabe-se apenas que, em 1476, assumiu o lugar de seu pai como mestre da balança da Casa da Moeda, no Porto.



(séc. 17) estão na mostra que é inaugurada domingo
Documento chegam a SP

CELSO FIORAVANTE
 da Reportagem Local

Batedores, escoltas, carros fortes, segurança máxima. Foi esse o tom da chegada da carta de Pero Vaz de Caminha a São Paulo. O documento histórico que marca o achamento do país em 1500 é uma das vedetes da Mostra do Redescobrimento, evento que os presidentes Fernando Henrique e Jorge Sampaio, de Portugal, inauguram no próximo domingo, no parque Ibirapuera. Para o público em geral, o evento começa na próxima terça.

A Carta deveria chegar ao aeroporto de Cumbica às 5h20, mas o voo 1569 da TAP atrasou cerca de uma hora. Do aeroporto, com um esquema de segurança digno de chefes de Estado, o documento foi levado ao Pavilhão Manoel da Nóbrega, no parque Ibirapuera, onde será exposta. Ali foi recebida pelo banqueiro Edegar Cid Ferreira, presidente da Associação Brasil 500 Anos, que organiza a Mostra do Redescobrimento.

"A carta é um símbolo que o país escolheu para comemorar seus 500 anos. Trata-se da primeira reportagem feita sobre o país. Estamos tratando-a com toda a responsabilidade, com todo o controle de luminosidade, umidade e segurança. Nosso compromisso técnico com a Torre do Tombo é que suas páginas sejam

expostas em sistema de revezamento, de duas em duas", explicou Edegar Cid Ferreira.

Do pavilhão, a Carta seguiu para um cofre climatizado da Bradesco Seguros, em Osasco, onde será mantida até o domingo.

O documento histórico nunca será exibido em sua totalidade durante sua estadia no país. Por questões de conservação, serão sempre exibidas duas páginas, em sistema de revezamento. Seis homens estarão alocados constantemente para a segurança do documento.

Segundo a historiadora Maria Luiza Macedo, que acompanhou o documento de Lisboa até São Paulo, a Torre do Tombo não empresta seus documentos por mais de três meses, mas, excepcionalmente, a carta ficará no Brasil por quase um ano.

O escrivão de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, escreveu a carta entre os dias 22 de abril e 1º de maio de 1500 e dirigiu-a ao rei d. Manoel 1º de Portugal. Nela descreveu o primeiro contato dos portugueses com os índios, as características físicas dos habitantes locais e as maravilhas da natureza que encontrou.

Sobre os índios, por exemplo, escreveu: "A inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior". A carta permaneceu obscura por séculos, mas foi identificada em 1817 pelo padre Manuel Aires do Casal, que a publicou no Rio de Janeiro.

Apesar de a Torre do Tombo não ter registro de qualquer saída da carta de Portugal, não é a primeira vez que ela vem ao país (leia texto abaixo). A última vez foi em São Paulo, em 1954, quando foi exibida na "Exposição de História", no Quarto Centenário de São Paulo, trazida pelo professor Jaime Cortesão, curador da mostra.

Depois de São Paulo, a carta será exibida em outras quatro cidades: Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Manto tupinambá

Outra vedete da exposição que também chegou ontem pela manhã à cidade, mas só desembarcou no parque Ibirapuera às 17h, foi o manto tupinambá, a obra mais esperada do módulo Artes Indígenas.

Proveniente do Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague, a obra de 1,2 metro de comprimento, realizada com fibras naturais e penas de guará, chegou em uma caixa de alumínio lacrada. Segundo a curadora Anne Lisbeth Schmidt, a caixa permaneceria fechada pois necessita de 24 horas de estabilidade climática (adaptação da peça às condições de umidade, temperatura e iluminação local).

O manto foi levado de Pernambuco para a Europa por Maurício de Nassau durante a ocupação holandesa do Nordeste, entre 1637 e 1644, e foi presenteado ao rei da Dinamarca.

Documento já veio ao Brasil no séc. 19

da Sucursal do Rio

A carta de Pero Vaz de Caminha já esteve ao menos uma vez no Brasil. Documento da Biblioteca Nacional lista a carta entre os manuscritos que vieram ao país no início do século 19 com a biblioteca da Academia Real dos Guar-

das-Marinhas (Escola Naval).

O historiador Antonio Luiz Porto e Albuquerque encontrou um registro da vinda da carta ao Brasil na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Em um catálogo feito em 1812, a pedido de D. João 6º, são inventariados os bens trazidos para o Brasil com a bi-

blioteca dos Guardas-Marinhas. Na página 17 do inventário, datado de 24 de julho de 1812, há a referência à carta de Pero Vaz de Caminha. A biblioteca chegou ao Brasil em 1810. É provável que a carta tenha voltado a Portugal em 1821, junto com d. João 6º.

(CG)

500 ANOS Porto Alegre sedia "Descobrimento", show tran:
Gaúchos evocam cu

MARILENE FELINTO
 enviada especial a Porto Alegre

Uma homenagem aos viajantes portugueses e à cultura de além-mar: essa é a tônica da comemoração dos 500 anos do Descobrimento em Porto Alegre, iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura (SMC).

Desde o início de abril, uma série de eventos vai erguendo pontes que pretendem concretizar esse "duplo descobrimento", como explicam os organizadores.

Hoje a comemoração culmina com seção especial de "Descobrimento", show que é misto de canto e balé, com tratamento cênico teatral, em que seis atores interpretam canções evocadoras da

colonização portuguesa.

O espetáculo — que estreou dia 13 e tem direção de Luciano Alabarse — foi transformado em CD de mesmo nome, lançado na noite de ontem. O repertório traz composições do cancionário moderno português e da música popular brasileira.

Entre os brasileiros, Milton Nascimento e Chico Buarque. Os portugueses vêm na voz de Maria João, Dulce Pontes e Mísia, que musicou poemas de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa.

Também ontem foi lançado o livro "Outros 500 - Novas Conversas sobre o Jeito do Brasil". A edição é transcrição das palestras do seminário homônimo, realizado

no ano passado no centro cultural Usina do Gasômetro, com a participação de nomes como o do político petista Tarso Genro, do crítico literário Roberto Schwartz e do historiador Décio Freitas.

Avaliação

Os pronunciamentos fazem uma avaliação crítica do Brasil. Schwartz trata do sentimento de identidade nacional percebido por Machado de Assis.

"Machado de Assis criticou um sentimento de identidade nacional superficial para propor outro mais verdadeiro", diz ele.

"Ao chegar a este outro mais verdadeiro, a identidade nacional deixou de ser algo positivo para ser algo negativo. Isso é impor-

transformado em CD de música portuguesa e brasileira
ltura d'além-mar

tante, quer dizer, no primeiro momento que a literatura brasileira ganha força de grande literatura contemporânea, a identidade nacional se torna negativa, um problema."

Para Tarso Genro, o Brasil se realiza como não-nação, "um país deformado, integrado e subordinado". Genro comenta: "O Brasil não é uma nação. O Brasil é um grande país. É um belo e luminoso país com um povo generoso, maravilhoso e uma natureza pródiga e abençoada, mas não é uma nação. Uma nação se afirma pela revolução da cultura, dos costumes, da economia, pela revolução da transformação dos hábitos políticos (...)."

A agenda das comemorações

do Descobrimento em Porto Alegre contou ainda com a presença da Companhia de Dança de Lisboa, que trouxe o espetáculo "Cabo da Boa Esperança - 512 Anos Depois", sob direção de José Manuel de Oliveira, uma alegoria coreográfica sobre a conquista dos mares pelos portugueses.

Inspirado em Luis de Camões e seu "Canto Nono", de "Os Lusíadas", o espetáculo está atualmente em excursão pelo Brasil e se apresentará em São Paulo amanhã, no Teatro Municipal (veja programação em quadro à pág. 5-1).

Na trilha sonora, canções de Madreus e Amália Rodrigues.

Espectáculo: Descobrimento

Direção: Luciano Alabarse

Com: Antonio C. Brunet, Margarida Peixoto, Sandra Dani, Sandra Loureiro, Zé Adão Barbosa, Bettina Mondino e Phoenix Grupo de Dança;

Quando: hoje, às 21h

Onde: teatro Renascença (av. Érico Veríssimo, 307, Cidade Baixa, Porto Alegre, tel. 0/xx/51/221-6622, r.232)

Livro: Outros 500 - Novas Conversas sobre o Jeito do Brasil

Autor: vários

Editora: Secretaria Municipal de Cultura/Coordenação de Projetos Especiais, Porto Alegre

Onde encontrar: o livro e o CD "Descobrimento" estarão à venda hoje, no saguão do teatro Renascença

Informações: centro cultural Usina do Gasômetro, tel.: 0/xx/51/212-5979

CARLOS HEITOR CONY

Perspectivas do brasileiro

Outro dia, em Curitiba, deram-me como assunto de palestra um tema esquisito, embora atual: o brasileiro nos próximos 500 anos. Seria mais difícil se me pedissem para falar sobre o brasileiro dos últimos 500 anos. Mesmo assim, aceitei a provocação, sendo como sou: um cara que nem sabe o que será nos próximos cinco minutos.

Para começar, fiz uma solene declaração de princípios, um dos quais é justamente não ter princípio algum. Lembro o "generalíssimo" Franco, ditador na Espanha durante mais de 40 anos. Um opositor de seu regime fora condenado à morte, com um tipo de execução tipicamente espanhol: o garrote vil. Para falar a verdade, nem sei exatamente como era esse tipo de pena capital, mas, pelo nome (garrote vil), devia ser especialíssimo, pior do que o fuzilamento, o enforcamento, a cadeira elétrica, a câmara de gás.

Houve uma onda internacional contra a sentença, o papa, as Nações Unidas, o Dalai Lama, as entidades mais nobres da humanidade apelaram ao ditador para que comutasse a pena, matasse o adversário, mas por outro meio, uma coisa mais civilizada.

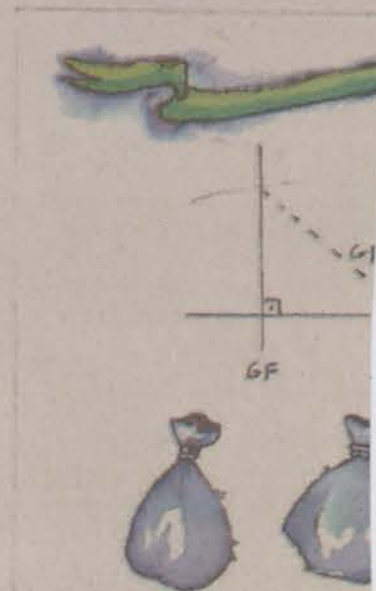
A resposta do ditador foi breve e bastante: nada podia fazer porque se tratava de um princípio. E

ele, bem como seu regime, tinham princípios. Desde então eu comecei a suspeitar toda a vez que alguém apela para um princípio a fim de fazer ou não fazer determinada coisa.

Invocando minha absoluta falta de princípios, pintei um quadro aterrador dos próximos 500 anos para o brasileiro, para o Brasil, para o mundo. Não me incluí nesta perspectiva porque não pretendo durar tanto tempo.

Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiro lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter — como queria o próprio Mário de Andrade.

Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu adulta que estava dentro da casca da Capitu menina — e teremos como sempre a intervenção soberana de Ma-

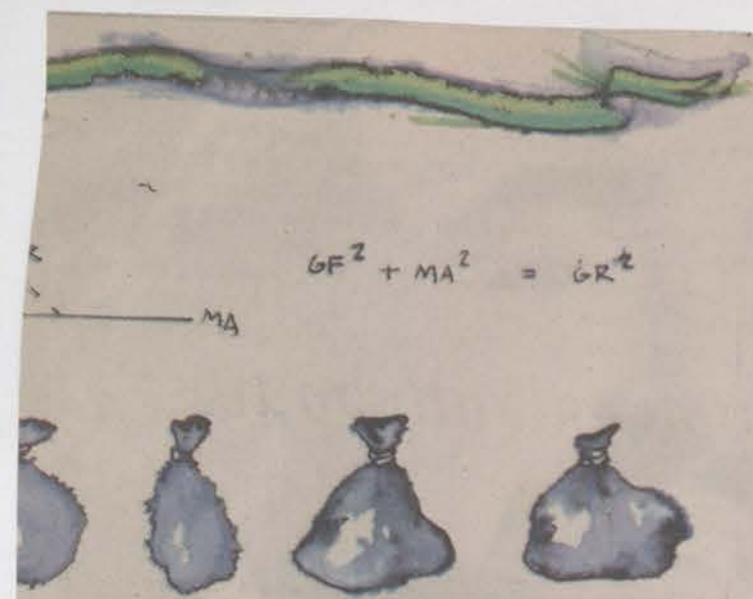


chado de Assis.

Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa — outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refúgio consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento so-

ro para 500 anos

Dora Longo Bahia



cial do qual se afastou e contra o qual procura lutar.

É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói — ou heroína — sem nenhum caráter.

Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando

o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora — e acho que fui entendido.

Mas aí quem não entendeu mais nada fui eu mesmo. Aliás, pouco entendo de mim e, quanto mais o tempo passa, mais me surpreendo com o que digo e faço. O brasileiro não merecerá perdão nos próximos 500 anos? Por que perdão e por que tanto tempo para chegar a algum lugar, ainda que este lugar seja o perdão?

Já li em algum lugar que daqui a cem anos seremos todos iguais,

búlgaros e paraguaios, croatas e esquimós. Sendo assim, ficará difícil descobrir um brasileiro no meio da multidão uniforme que comporá a humanidade futura. Mas sempre haverá algum cacete que nos identificará nacionalmente, um atributo inarredável que nos marcará pela eternidade afora.

É a coação do saco. Não se trata de uma afirmação de virilidade ou de má educação. Muito menos de hostilidade social ou de doença sexual. É um hábito que adquirimos nem sei onde nem para quê. Dizem que o italiano gesticula demais, o inglês fala com asma, o português bota o lápis na orelha, o espanhol é contra o governo, o alemão bebe cerveja e o americano mastiga chicletes. O brasileiro coça o saco, insensivelmente, sem maldade e sem coceira específica. É uma declaração de princípios — e volto eu a falar em princípios, embora não os tenha.

Não sei se me expliquei decentemente. Pode parecer uma vulgaridade a mais falar dessa característica nacional, mas há piores. De maneira que não tenho nenhum interesse em saber como seremos daqui a 500 anos. Não iremos para a lata de lixo da história. Mas continuaremos a não chegar a lugar algum.

500 ANOS *Netinho e Banda Eva tocam amanhã em*

Bahia dá o troco,

PAULO VIEIRA
enviado especial a Portugal

500 anos depois, damos o troco. Amanhã, no mesmo 22 de abril do desembarque português na Bahia, os baianos Netinho e Banda Eva apresentam-se em Lisboa, capital portuguesa, em espetáculos gratuitos e, no caso de Netinho, com cerveja na faixa.

O trio elétrico de Netinho irá percorrer as avenidas da área portuária da região oriental de Lis-

boa, revitalizada com a Expo 98.

Para Maria Jucá, manager das bandas, a experiência servirá como prévia das micaretas anuais que os baianos querem promover em Lisboa e possivelmente também no Algarve, sempre no verão (julho ou agosto), a partir de 2001.

Várias outras atrações brasileiras irão este ano a Portugal, dentro do calendário de celebrações do "achamento" — a palavra que escolheram. Atrações nordestinas, quase exclusivamente: em

maio, em Lisboa, o ex-armorial folclorista pernambucano Antonio Nóbrega tem duas datas; Caetano Veloso e Maria Bethânia, por sua vez, dividem o palco do Pavilhão Atlântico, da Expo.

Em junho, há exibição de grupos de maracatu em Lisboa. No Porto, capital econômica e cidade de rivalidade histórica e proverbial com Lisboa, há shows de Tom Zé com Margareth Menezes e Zeca Baleiro com Arnaldo Antunes.

Em julho, o mangue beat debu-

FOLHA DE S. PAULO

sexta-feira, 21 de abril de 2000 ilustrada 5 ■ 7

Lisboa; micaretas anuais em Portugal estão nos planos

500 anos depois

ta na península num show com Otto, Nação Zumbi e o Mundo Livre S/A. Serão ladeados por atrações portuguesas de um gênero que elas mesmas denominaram

"tejobeat". Uma semana depois, os cariocas do Rappa fazem a preliminar do show da banda de rock decana Xutos e Pontapés.

Depois deles, apenas em outu-

bro, Adriana Calcanhoto e uma montagem de "Il Guarany", no Teatro São Carlos de Lisboa, dão seguimento ao "redescobrimen-

to" brasileiro pelos portugueses.

MATO GROSSO DO SUL

Índios vão bloquear rodovia

da Agência Folha, em Campo Grande

Líderes das aldeias Bororo e Jaguapiru afirmaram ontem que reunirão amanhã cerca de 2.000 mil índios para bloquear a rodovia MS-156, rodovia estadual que liga Dourados, segunda cidade do Estado, a Japorã (MS).

Nessa estrada, segundo a Polícia Rodoviária Estadual, trafegam cerca de 200 veículos por hora. Os líderes disseram que o bloqueio é um protesto contra as comemorações 500 anos do Brasil.

O sargento Sidnei Berwanger, da Polícia Rodoviária, afirmou que dez patrulheiros vão acompanhar a manifestação. Segundo ele, não haverá transtornos, pois os motoristas terão como alternativa as estradas vicinais.



Os índios pretendem interditar a rodovia pela manhã e, à tarde, seguir a pé para a praça central de Dourados, a oito quilômetros do local do protesto. Na praça farão apresentações culturais com danças típicas.

Nas aldeias Jaguapiru e Bororo, com cerca de 3.000 hectares, vivem 9.000 índios guaranis caietés e terenas. É a área indígena mais problemática de Mato Grosso do Sul, onde ocorre um grande número de suicídios.

Os suicídios são atribuídos à ocupação das reservas por fazendeiros, o que tem levado à escassez de terras e à desagregação das tradições indígenas.

Dados da Funai mostram que 327 índios se suicidaram apenas nesta década. De janeiro para cá, foram 16 casos.

Nas aldeias, são registrados casos de alcoolismo e violência. O Estado possui a segunda maior população indígena do país, com cerca de 50 mil índios distribuídos em 58 aldeias.

ERRATA

No Guia de Compras das lojas ELETRO, encartado no dia 19 de abril de 2000 no jornal Folha de São Paulo, com validade de 19 a 30 de abril de 2000, foi publicada indevidamente a fotografia do forno de microondas Brastemp Crisp BMC 38A para ilustrar o forno de microondas Brastemp. As lojas ELETRO

Índios supostamente feridos em conflito são encontrados ilesos

MARCOS VITA
da Agência Folha, em Salvador

Os índios pataxós que estavam desaparecidos depois de conflito com pistoleiros na fazenda Boa Vista, em Prado (110 km de Porto Seguro), invadida por eles, foram localizados no fim da tarde de anteontem por agentes da Funai e da Polícia Federal. Nenhum deles estava ferido.

A informação foi dada pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário), a mesma entidade que havia denunciado, no início desta semana, que dois índios estavam feridos e outros 22 eram mantidos em cárcere privado na fazen-

21-4-00
da invadida.

O delegado da PF da Bahia, Jones Ferreira Leite, negou, contudo, que a Polícia Federal tenha participado de uma operação para localizar os índios.

A Agência Folha não encontrou ninguém ontem no posto da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Eunápolis (sul da Bahia) para confirmar a informação.

Segundo a versão apresentada pelo Cimi na terça-feira, o confronto teria acontecido depois que pistoleiros tentaram expulsar 56 índios que estavam na fazenda havia duas semanas.

“Os índios haviam fugido para aldeias próximas durante o ata-

que de pistoleiros. A informação de que havia dois índios feridos e perdidos no mato foi dada pelos pistoleiros aos índios e, felizmente, era falsa”, afirmou o vice-presidente do Cimi, Saulo Feitosa.

Anteontem à tarde, antes da localização dos índios, Márcio Torres, procurador da República em Ilhéus (BA), havia dito que considerava uma “leviandade” falar em feridos, já que até aquele momento não existia nenhuma evidência de que isso tivesse realmente ocorrido. Eles ainda investigam, contudo, o que ocorreu durante o conflito.

Colaborou ANDRÉA DE LIMA, da Agência Folha



Jupati Pataxó, 13, vende maracas nas barracas da praia

A programação de FHC na Bahia

Dia 21

- 15h - Chegada em Ilhéus, de Boeing, vindo de Brasília. Troca de aeronave. Vai, de helicóptero, para a ilha de Comandatuba (a cerca de 70 km do litoral)
- 16h - Chegada a Comandatuba
- 20h - Encontro com o presidente de Portugal, Jorge Sampaio, na companhia do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL), e do governador da Bahia, César Borges (PFL), no hotel em Comandatuba
- 21h - Jantar privado

Dia 22

- 11h30 - Saída de Comandatuba, em helicóptero, para Porto Seguro
- 12h - Deslocamento para o Hotel Vela Branca, no promontório da vila histórica de Porto Seguro. Almoço oferecido por FHC a 300 convidados
- 16h - Visita à vila histórica de Nossa Senhora da Peña, o único evento a céu aberto de que FHC deve participar nos festejos. Breve concerto musical na igreja matriz. Inauguração do restauro do sítio histórico. Plantio de muda de pau-brasil. Recebe a "Chama do Conhecimento". Caminhada até o mirante para assistir à largada da Parada Naval
- 18h30 - Chegada ao Centro de Convenções de Porto Seguro. Inauguração das instalações. Sinfonia Brasil 500 anos. Atos solenes. Lançamento de selos e entrega de medalhas
- 19h50 - Pronunciamento oficial de FHC à nação
- 20h - Pronunciamento do papa João Paulo 2º, direto do Vaticano. Queima de fogos de artifício (prevista para todo o país)
- 20h30 - Decolagem de FHC para São Paulo
- 21h30 - Espetáculo cênico, por meio de retroprojeção na água, intitulado "O dia em que o Brasil nasceu", na área central de Porto Seguro ("Passarela do Álcool"), sem a participação de FHC. É esperada a presença de 6.000 pessoas



Os sem-terra

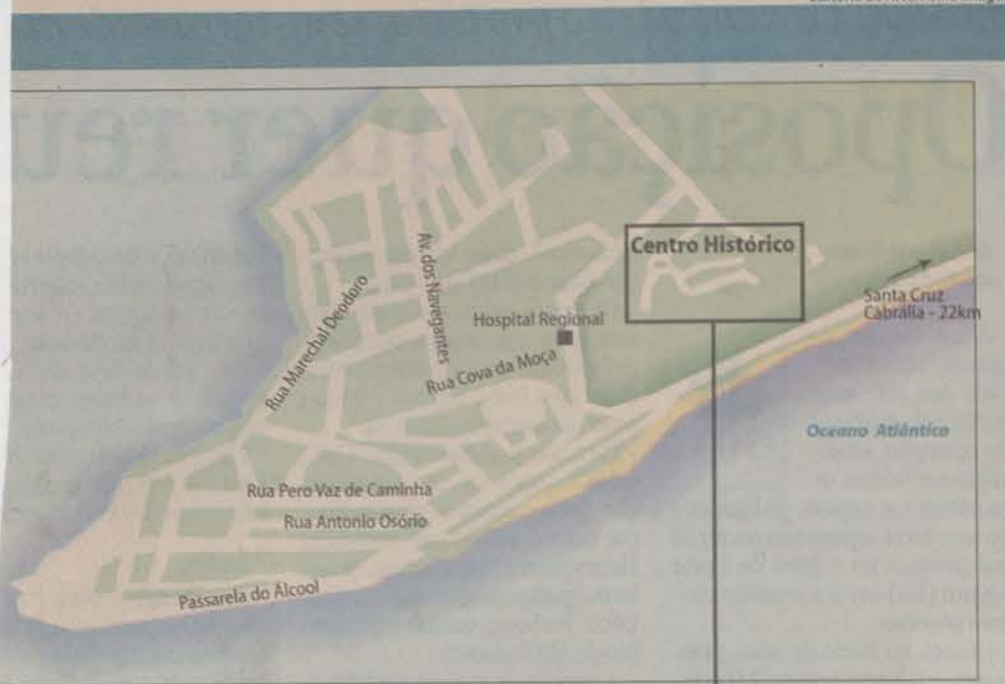
■ Se não forem recebidos até hoje pelo ministro Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário), eles prometem sair de Eunápolis (a 62 km de Porto Seguro), onde estão desde o dia 17, e seguir para Porto Seguro. Barreiras policiais tentarão impedir o acesso

O caminho do p...

1 FHC chega a Porto Seguro e almoça no Hotel Vela Branca



Editoria de Arte/Folha Imagem



residente no Centro Histórico



21.4.00

500 ANOS *Parlapatões, Patifes e Paspalhões encenam "Caguei pros 500"*
Evento "anticomemora"
Descobrimento do Brasil

da Redação

Antes que o leitor se indigne com as linhas que seguem, vai aqui uma advertência dos patifes, ops, Parlapatões, Patifes e Paspalhões: "Cagamos para todos os moralistas que não vão entender e nem dar atenção às nossas ironias".

Aos apreciadores de ironias e afins, eis aqui a reportagem. "Cagamos pros 500" é o "espetáculo-performance-festa-protesto" que alguns artistas da cidade de São Paulo irão protagonizar hoje, na virada da noite, no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), para "anticomemorar" o Descobrimento do Brasil.

"Está uma visão tão oficial de tudo que a gente decidiu fazer uma brincadeira", explica o ator Hugo Possolo, 37, um dos integrantes do Parlapatões.

A inspiração partiu de um grupo colombiano que, segundo relatou o crítico e dramaturgo Aimar Labaki a Possolo, apresentou em Bogotá, por ocasião dos 500 anos da América, em 1992, um espetáculo cômico intitulado "Me Cago para los 500", uma sátira rasgada.

Além do grupo, participam do evento o Pia Fraus (com seus bonecos e números circenses), Gér-

son de Abreu (para lembrar Tom Jobim), La Mínima Trupe (com um número inédito), Circo Udi Grudi, de Brasília (com os sons de seu espetáculo "O Cano"), José Rubens "Chachá" (com uma releitura da carta de Pero Vaz de Caminha), Letícia Coura (fazendo versão de Carmem Miranda), Bloco Cara Pintada (samba no comando do mestre Marcelo Bianca), Miguel Briamonte (no teclado) e Coral Collegium Musicum, sob a regência de Abel Rocha.

Essas atrações serão "amarradas" segundo a visão "mais debochada possível" dos principais fatos da história do Brasil.

"É importante que a gente olhe para o passado e tenha uma certidão de nascimento, como é o caso da Carta de Caminha, mas não dá para suportar essa visão tacanha e tímida de hoje, pior do que na época do regime militar", compara Possolo.

"O país não pode ficar olhando para a história como os governantes olham, ignorando a realidade e o povo. Estão fazendo uma festa para inglês ver", critica o "parlapatão" Possolo.

Escolinha de FHC

Para Beto Andretta, 38, um dos integrantes do grupo Pia Fraus, não se trata de um olhar pessimis-

ta. "A gente quer apontar apenas que temos 500 anos, tudo bem, mas a situação não está nada legal", afirma. "A ironia ajuda a despertar a atenção."

No texto que enviaram à imprensa, os organizadores escrevem que "o país se transformou em uma grande escolinha em que o professor Fernando Henrique Raimundo mandou que fizéssemos a lição de casa, 'comemorar os 500 anos de colonização', mas

não somos trouxas e resolvemos rir das babaquices sociais". (VALMIR SANTOS)

Evento: Cagamos pros 500

Com: vários

Quando: hoje, à meia-noite ("à 0h05 faremos um minuto de silêncio pela entrada do dia 22")

Onde: Teatro Brasileiro de Comédia - sala TBC (r. Major Diogo, 315, Bela Vista, tel. 0/xx/11/3115-4622)

Quanto: R\$ 5

MANDAMENTOS

"Cagamos pros 500 relógios horríveis que a Globo espalhou pra imitar os colonizadores e suas cruzes (...)
 Cagamos pros 500 quilos daquela cruz de ferro que impuseram aos índios, na Bahia (...)

Cagamos pros governantes baianos que destruíram o monumento indígena(...)
 E, por fim, cagamos para todos os moralistas que não vão entender e nem dar atenção às nossas ironias."

Trecho do manifesto "Caguei pros 500"

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Para lembrar

PIERRE SANÉ

22-4-00

A vela que simboliza a Anistia Internacional tem estado acesa por apenas 40 dos 500 anos do Brasil. Porém sua chama contém a memória coletiva de mais de 1 milhão de membros em todo o mundo que estarão relembrando nesse aniversário as centenas de brasileiros pelos quais fizeram campanha nestes anos.

O Brasil hoje é muito diferente daquele que descrevemos em nossos primeiros relatórios anuais, no início dos anos 70. Naquela época o Parlamento fora dissolvido, a censura era rigorosa, centenas de supostos "subversivos" eram vítimas de tortura e "desaparecimento", protestos de ativistas de direitos humanos passavam despercebidos.

Agora, relatamos com regularidade uma série de iniciativas positivas: o Programa Nacional de Direitos Humanos estabelece uma pauta importante; as autoridades têm cooperado com a sociedade civil em projetos que abrangem desde a proteção de testemunhas até a profissionalização de policiais e guardas de presídios; a polícia submeteu-se ao escrutínio de ouvidorias em vários Estados; existem propostas para solucionar a crise de desumanidade reinante no sistema prisional.

A concretização desses avanços deveu-se exclusivamente à tenacidade de indivíduos que tiveram a coragem de defender a dignidade humana, percorrendo o caminho desbravado por aqueles que lutaram contra a extinção das comunidades indígenas, que batalharam para pôr fim à escravidão e que protestaram contra a tortura e o assassinio sob o regime militar. São essas pessoas que proporcionam ao Brasil motivos para celebrar o dia de amanhã.

Talvez seja óbvio afirmar que ainda existe um longo caminho a percorrer. Mas vale repetir, uma vez que continuamos recebendo diariamente denúncias de assassinios e tortura — herança terrível de uma história de impunidade no Brasil. Somente nos últimos meses perdemos mais um defensor dos direitos humanos, João Elísio Pessoa, morto a tiros diante da mulher por ter denunciado um grupo de extermínio



policial que se acredita seja responsável pela morte de uma centena de pessoas.

Assistimos também à morte de João Ferreira da Silva nas mãos de policiais militares durante uma manifestação pacífica em Brasília. Continuamos a observar o fracasso das autoridades em proporcionar uma força policial profissional, treinada e equipada para prevenir e investigar o crime, bem como proteger a sociedade.

Os familiares dos milhares de vítimas de assassinato e tortura policial não estarão celebrando os 500 anos do Brasil. Eles são, em sua maioria, os pobres e ignorados, já sem esperança de que a justiça seja feita. A impunidade permanece firmemente estabelecida e ainda não

existe um sistema efetivo de investigação independente dos abusos cometidos por policiais.

Mesmo em alguns dos casos de maior destaque, que provocaram indignação no país e no exterior — Carandiru, Corumbiara e Eldorado do Carajás —, os responsáveis ainda não fo-

ram levados a julgamento. Em outros casos, tais como as chacinas da Candelária e de Vigário Geral, mesmo com a condenação de policiais em julgamentos-espetáculo, nenhuma vítima recebeu nem sequer um real de compensação.

Talvez os que menos tenham razões para celebrar a data de amanhã sejam os povos indígenas do Brasil, vítimas de

violência, repressão e privações desde que os portugueses desembarcaram em suas praias.

Estranhamente, as autoridades têm falhado em proteger o seu direito à vida e à dignidade, na prestação de cuidados adequados para lhes permitir enfrentar as epidemias que os têm dizimado e em defendê-los dos povos não-indígenas que cobiçam suas terras. Ainda no mês passado, em Roraima, índios e missionários que os apoiavam foram alvo de ameaças e intimidações. Em janeiro, índios do povo guarani-nhandeva foram espancados durante uma tentativa ilegal de expulsão ocorrida no Mato Grosso do Sul. Os perpetradores de tais atos sempre escapam à Justiça.

Essas são apenas algumas das razões pelas quais os membros da Anistia Internacional do mundo inteiro, de todas as culturas e camadas sociais, estarão amanhã pensando no Brasil.

Lembrarão os "desaparecidos", as incontáveis vítimas da tortura e os que morreram nas chacinas. Lembrarão os defensores que deram sua vida pelos direitos dos outros. Lembrarão junto com os pais que perderam seus filhos, com homens e mulheres que perderam seus esposos, com os amigos que perderam amigos. Eles lembram quando todos os demais já esqueceram. Lembram a fim de responsabilizar matadores e torturadores. Mas, acima de tudo, para aprender as lições do passado e avançar rumo a um futuro em que a dignidade humana seja primordial.

Pierre Sané, 51, economista senegalês, doutor em ciência política pela Universidade de Ottawa (Canadá), é secretário-geral da Anistia Internacional.

SALVADOR

Desfile reunirá 3.000

da Agência Folha, em Salvador

Grande palco dos festejos oficiais, a Bahia vai comemorar os 500 anos do Brasil com uma programação que inclui shows, exposições, espetáculos de luz e artes plásticas, regatas e desfiles.

Em 23 de abril, as comemorações tomam conta de Salvador.

A capital baiana programou um desfile alegórico que vai contar a história dos diversos componentes da população que vive hoje no Brasil.

O desfile, que contará com 3.000 figurantes, vai seguir o mesmo roteiro realizado pelos blocos e carros elétricos que participam do Carnaval da cidade —do Campo

Grande à praça Municipal, no centro de Salvador.

Na primeira parte, o cortejo vai mostrar “os que aqui estavam” antes do Descobrimento —os índios, a fauna e a flora.

Depois, surgem os portugueses, os jesuítas, a escravidão e as invasões estrangeiras.

Entre os dias 17 e 25 de junho, as comemorações serão transferidas para Lisboa.

O governo português vai promover um festival de artes e gastronomia para marcar a data.

Um mês antes, no dia 22 de maio, os cantores Caetano Veloso e Maria Bethânia fazem um concerto no Parque das Nações. (LUIZ FRANCISCO)

SÃO PAULO

Portugueses fazem festa

free-lance para a Folha

Durante todo o fim-de-semana é possível conferir espetáculos teatrais, shows, concertos, exposições, programas de rádio e de televisão alusivos ao 5º Centenário do Descobrimento do Brasil.

Abrindo o Projeto Pão Music 2000, Caetano Veloso faz show ao lado da cantora portuguesa Dulce Pontes na praça da Paz do parque Ibirapuera, amanhã, às 16h.

A exemplo desse show, boa parte da programação é gratuita. Entre os destaques está a apresentação do Balé Folclórico da Bahia, no domingo, às 21h, também no parque Ibirapuera.

Além disso, centros culturais,

restaurantes e shoppings organizaram eventos gratuitos, com temas relativos a data.

O Teatro Municipal também abriga neste final de semana um outro balé: “Cabo da Boa Esperança”, interpretado pela Companhia de Dança de Lisboa.

Completa a programação do Municipal a poop-ópera “Brasil! Outros 500”, com direção de Roberto Lage, que estreou ontem e fica em cartaz até domingo.

No Credicard Hall, mais um dueto luso-brasileiro: amanhã e domingo, a Orquestra Jazz Sinfônica recebe a cantora Eugénia Melo e Castro em concerto com participação do saxofonista Roberto Sion. (MARINA MONZILLO)

Mostra do Redescobrimento, Caetano Veloso e Dulce Pontes, carta de Pero Vaz e a dúvida: comemorar o quê?

5º CADERNO ★ PÁGINA 1 ★ SÃO PAULO, SEXTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2000

A cultura dos 500

CYNARA MENEZES
especial para a Folha

Enfim, é amanhã. Há 500 anos, uma esquadra de caravelas liderada por Pedro Álvares Cabral tomava, em nome do rei de Portugal, d. Manuel, posse deste território e revelava sua existência ao mundo.

Hoje, em Porto Seguro, índios protestam por terem sido os que tiveram as maiores perdas com a colonização e com o que se seguiu a ela. No resto do Brasil, uma festa tímida, envergonhada, lembra o Descobrimento. Só há duas escolhas: ou assumir que não há o que comemorar e simplesmente ignorar a efeméride ou aproveitar para conhecer um pouco da história brasileira em alguns dos bons eventos que estão programados —longe de Porto Seguro.

Quem for partidário da segunda opção que siga esta carta de marcar pelo que acontece na parte festiva do Descobrimento.

Brasil e Portugal se encontram pela música amanhã no parque Ibirapuera, em São Paulo, com o concerto ao ar livre de Caetano Veloso e Dulce Pontes. E nem é preciso dar colares de contas em troca: é grátis. Outro encontro musical acontece durante a Bienal do Livro, na capital paulista, com a apresentação dos portugueses Maria João e Mário Laginha, apresentando seu novo disco, "Chorinho Feliz", com ritmos brasileiros, no dia 6 de maio.

O parque Ibirapuera também sedia, a partir de terça-feira, a Mostra do Redescobrimento, que promete ser a mais interessante exposição já feita pelo Brasil sobre o próprio umbigo —afinal, é esse o momento. Aliás, a certidão de nascimento estará lá: a famosa carta de Pero Vaz de Caminha, muito citada e pouco lida, é uma das jóias da exposição.



Outras delícias são as exposições "Os Biombos dos Portugueses", no Museu de Arte da Bahia, a partir de amanhã em Salvador, e "O Azulejo em Portugal no Século 20", no Museu Histórico Nacional, no Rio.

Uma das poucas boas iniciativas oficiais, as cinco sinfonias elaboradas por compositores brasileiros para os 500 anos têm audição prevista em Porto Seguro amanhã. Os concertos serão apresentados durante o ano também em outras cidades, começando por São Paulo, Santos e Campinas.

A mais brasileira das óperas, "O Guarani", de Carlos Gomes, é apresentada para o público de Manaus, no Bumbódromo, entre segunda e quarta-feira.

Os outros eventos oficiais são as inaugurações em Porto Seguro: Museu Aberto do Descobrimento, Museu Indígena, uma nova cruz no lugar em que houve a Primeira Missa e até instalações voltadas para o turismo. A regata dos 500 anos, que chega ao Brasil, como Cabral, por lá, tem embarcações curiosas, como a Barconauta, uma réplica de navio negreiro que estará aberta à visitação também no Rio, na semana seguinte.

O evento mais deslocado na história parece ser o desfile temático Aqui Nasceu o Brasil, que acontece em Salvador, no domingo, com personagens a caráter que em tudo lembram as antigas paradas de Sete de Setembro durante o regime militar: Tiradentes, Cabral, índios... Acabará em Carnaval?

→ LEIA MAIS às págs. 5-3, 5-4, 5-5 e 5-7

+

Destaques culturais dos 500 anos no Brasil

Editoria de Arte/Folha Imagem

São Paulo



21 de abril

→ O que: exposição "Viagens e Descobrimientos: A Descrição dos 500 anos do Brasil"

Onde: biblioteca Mário de Andrade (r. da Consolação, 94, tel. 0/xx/11/256-5777)

Quando: de seg. a sex., das 9h às 21h, sáb., das 9h às 18h. Até 30/4

Quanto: grátis

→ O que: exposição "Estórias do Brasil"

Onde: Memorial do Imigrante (r. Visconde de Parnaíba, 1.316, Brás, tel. 0/xx/11/6692-1335)

Quando: ter. a dom., das 10h às 17h, até 4/6

Quanto: R\$ 2 (adulto) e R\$ 1 (criança)

→ O que: exposição de Trajes Moda 500 anos e Máquinas de Costura

Onde: Conjunto Cultural da Caixa (pça. da Sé, 111, 3º andar, tel. 0/xx/11/3107-0498)

Quando: de seg. a sex., das 10h às 16h, até 30/6

Quanto: grátis

→ O que: exposição "A Esquadra de Cabral - Algumas Léguas para Oeste"

Onde: Centro Cultural Fiesp (av. Paulista, 1313, tel. 0/xx/11/284-3639)

Quando: de ter. a dom., das 9h às 19h, até 29/4

Quanto: grátis

→ O que: exposição "Terra Brasilis", de Ronald Sperling

Onde: Espaço Cultural do Banco Central (av. Paulista, 1.804, tel. 0/xx/11/252-1916)

Quando: seg. a sex., das 10h às 16h30, até 4/5

Quanto: grátis

→ O que: exposição "Terra do Pau-brasil"

Onde: Empório Beraldin (r. Mateus Grou, 604, Pinheiros, tel. 0/xx/11/210-8200)

Quando: das 9h30 às 19h, até 20/5

Quanto: grátis

→ O que: "Colombo", de Carlos Gomes, com o Coral Lírico de Brasília

Onde: Teatro São Pedro (r. Barra Funda, 171, tel. 0/xx/11/3661-6529)

Quando: sex. e sáb., às 20h30

Quanto: R\$ 10

→ O que: peça "Vozes Dissonantes"

Onde: Sesc Ipiranga - teatro (r. Bom Pastor, 822, tel. 0/xx/11/3340-2036)

Quando: hoje e amanhã, às 21h; dom., às 20h.

Quanto: R\$ 6

→ O que: espetáculo "Caguei pros 500" com Parlapatões, Patifes e Paspalhões e Cia. Pia Fraus

Onde: TBC (r. Major Diogo, 315, tel. 0/xx/11/3115-4622)

Quando: 23h30

Quanto: R\$ 5

→ O que: "Brasil 500 Anos em Esculturas de Areia"

Onde: praia de Itararé, em São Vicente, SP

Quando: das 10h às 24h, diariamente

Quanto: R\$ 2

→ O que: show de Caetano Veloso e Dulce Pontes

Onde: pça. da Paz - parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/n)

Quando: às 16h

Quanto: grátis

→ O que: Balé "Cabo da Boa Esperança", de Lisboa

Onde: Teatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/n, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quando: 21h

Quanto: R\$ 10 a R\$ 20

→ O que: show "Cantando o Samba pela Raiz", com Quinteto em Branco e Preto, Nel Lopes e João Nogueira

Onde: Sesc Ipiranga (r. Bom Pastor, 822, tel. 0/xx/11/3340-2000)

Quando: às 23h

Quanto: R\$ 8 (comerciários, estudantes e 3ª idade), R\$ 12 (usuários matriculados) e R\$ 16

→ O que: show da Orquestra Jazz Sinfônica de São Paulo com participação de Eugénia Melo e Castro

Onde: Credicard Hall (av. das Nações Unidas, 17.955, Santo Amaro, tel. 0/xx/11/5643-2500)

Quando: sáb. às 22h e dom. às 20h

Quanto: R\$ 10 a R\$ 60

→ O que: Orquestra Sinfônica do Estado e Coral Sinfônico do Estado

Onde: Sala São Paulo (pça. Júlio Prestes, s/n, tel. 0/xx/11/221-3980)

Quando: às 16h30

Quanto: R\$ 10 a R\$ 30 (p/ estudantes: R\$ 5 a R\$ 15)

23 de abril

→ O que: Balé Folclórico da Bahia

Onde: parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/n)

Quando: às 21h

Quanto: grátis

→ O que: "Brasil! Outros 500, Uma Poop-Ópera", de Millôr Fernandes

Onde: Teatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/n, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quando: domingo às 19h, ter. a sáb., às 21h, até 30/4

Quanto: R\$ 20 a R\$ 100

24 de abril

→ O que: Balé Folclórico da Bahia

Onde: Teatro Municipal de São Paulo (pça. Ramos de Azevedo, s/n, tel. 0/xx/11/222-8698)

Quando: às 21h

Quanto: R\$ 3 e R\$ 15

→ O que: exposição "Maquetes Náuticas"

Onde: Nóbrega Antiquário e Galeria de Arte (r. Padre João Manoel, 1.231, tel. 0/xx/11/3068-9388)

Quando: seg. a sex., das 10h às 18h30, sáb., das 10h às 13h, até 8/5

Quanto: grátis

25 de abril

→ O que: Mostra do Redescobrimento

Onde: parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/n, informações no tel. 0800-780500)

Quando: ter. a sex., das 14h às 22h. Sáb., dom. e feriados, das 9h às 22h, até 7/9

Quanto: de R\$ 7 a R\$ 15

27 de abril

→ O que: ópera cómica "Pedro Malazarte", de Camargo Guarnieri

Onde: Teatro São Pedro (r. Barra Funda, 171, tel. 0/xx/11/3667-0499)

Quando: 27, 28, 29 de abril, às 21h

Quanto: R\$ 20

→ O que: "Brasil 500 Anos: Música e História", com Grupo Vox

Onde: Sesc Ipiranga (r. Bom Pastor, 822, tel. 0/xx/11/3340-2000)

Quando: às 21h

Quanto: grátis (retirar ingresso com antecedência)

→ O que: "Brasil 500 anos - Ares de Vera Cruz", recital com a Cia. Papagalina

Onde: Instituto Moreira Salles (r. Piauí, 844, 1º andar, tel. 0/xx/11/825-2560)

Quando: às 21h

Quanto: grátis (retirar ingresso com antecedência)

→ O que: projeto "Ritos de Passagem", com índios Xavantes e Mehinaku

Onde: parque Ibirapuera, atrás do MAM (Museu de Arte Moderna)

Quando: às 20h

Quanto: grátis

Rio de Janeiro

21 de abril

→ O que: exposição "500 Anos Depois...", com fotos de José de Paula Machado



Onde: Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/n, tel. 0/xx/21/620-2400)
Quando: ter. a dom., das 11h às 19h, sáb. das 13h às 21h. Até 25/6
Quanto: R\$ 2. Aos domingos, grátis

→ **O quê:** "Canta Brasil 500", show de gospel e espaço cívico alusivo ao descobrimento.
Onde: Estádio do Maracanã (r. Professor Eurico Rabelo, s/n, tel. 0/xx/21/263-7995)
Quando: 14h
Quanto: grátis

■ 22 de abril

→ **O quê:** show de fados e canções folclóricas portuguesas da cantora Marli Gonçalves
Onde: teatro Municipal de Niterói (r. Quinze de Novembro, 35, tel. 0/xx/21/620-1624)
Quando: às 21h
Quanto: R\$ 2

■ 23 de abril

→ **O quê:** show com Caetano Veloso e Dulce Pontes
Onde: Posto 10 - Praia de Ipanema
Quando: 18h
Quanto: grátis

■ 25 de abril

→ **O quê:** exposição "O Azulejo em Portugal no Século XX"
Onde: Museu Histórico Nacional (pça. Marechal Âncora, 200, tel. 0/xx/21/240-2092)
Quando: ter. a sex., das 10h às 17h30, sáb., dom. e feriados, das 14h às 18h, até final de julho
Quanto: R\$ 4

Bahia

■ 22 de abril

→ **O quê:** "O Dia em Que o Brasil Nasceu", espetáculo cênico. Queima de quatro toneladas de fogos de artifício em homenagem aos povos que constituíram a população brasileira
Quando: 22 e 23 de abril
Onde: Porto Seguro, em frente à Passarela do Alcool
Quanto: grátis

→ **O quê:** "O Achamento do Brasil" - exposição com 42 painéis que retratam a chegada dos portugueses ao Brasil

Quando: até 31 de maio

Onde: Fundação Pedro Calmon, na praça Municipal, em Salvador
Quanto: grátis

→ **O quê:** "Bahia, 500 Anos do Brasil: Um Olhar Cultural" - exposição fotográfica e bibliográfica de obras raras e apresentações de grupos folclóricos

Quando: Até 2 de maio
Onde: biblioteca pública dos Barris (rua General Babatut, 27, Salvador)
Quanto: grátis

■ 23 de abril

→ **O quê:** "Brasil 500 Anos" - desfile com queima de fogos de artifício no forte de São Marcelo
Quando: 23 de abril, a partir das 18h
Onde: do Campo Grande à praça Municipal, em Salvador
Quanto: grátis

→ **O quê:** exposição "A Arte dos Biombos dos Portugueses, Brasileiros e Orientais"

Onde: Museu de Arte da Bahia (av. Sete de Setembro, 2340, corredor da Vitória, Salvador, tel. 0/xx/71/366-8413)
Quando: ter. a sex., das 14h às 19h, sáb. e dom., das 13h30 às 18h30, até 25/5
Quanto: grátis

■ 25 de abril

→ **O quê:** espetáculo teatral "Supernova", do dramaturgo português Abel Neves
Onde: teatro Vila Velha (av. Sete de Setembro, s/n, Passeio Público, Salvador, tel. 0/xx/71/336-1384)
Quando: ter. às 21h, até 13/5
Quanto: R\$ 10

→ **O quê:** descerramento da escultura Tissot 500 anos, criada pelo artista plástico Nicolas Vlavianos

Onde: praia Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia
Quando: às 19h30

Amazonas

→ **O quê:** Festival Amazonas de Ópera, apresentação de "Il Guarany"

Onde: teatro Amazonas (pça. Sebastião, s/n, Manaus, tel. 0/xx/92/234-0508)
Quando: 25, 27, 29 de abril, às 20h
Quanto: R\$ 10 a R\$ 40

A arte dos 500 anos

As artes visuais também entram na onda das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, com a realização do megaevento "Mostra do Redescobrimto", em São Paulo. São cerca de 15 mil obras, provenientes de coleções nacionais e internacionais, que traçam a história da arte brasileira — da cultura pré-colonial à arte contemporânea. Entre os destaques estão nomes como Aleijadinho, Frans Post, Debret, Victor Meirelles, Pedro Américo, Almeida Júnior, Rodolfo Bernadelli, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Portinari e Lygia Clark. As obras estão divididas em 13 módulos, sendo que o último apresenta a carta de Pero Vaz de Caminha, pela segunda vez no País desde 1954. Parque do Ibirapuera. Tel. 0800-780500. Terça a domingo, 8h30 às 22h. R\$ 7 a R\$ 15. De domingo (23) a 7 de setembro.

SÃO PAULO

▲ **Brasil 500 anos — Descobrimto e Colonização.** Documentos e obras que nunca estiveram no País são a grande atração da mostra, como o original do Tratado de Tordesilhas e a carta do Mestre João, um dos navegadores da esquadra de Cabral. São mais de 200 itens, entre pinturas, desenhos, mapas e documentos. Masp, av. Paulista, 1.578. Tel. 11/251-5644. Terça a domingo, 11h às 18h. R\$ 10. Até 7 de maio.

▲ **Brasil sobre Papel: Matizes e Vivências.** A mostra traz a coleção Ary Siqueira, com obras de artistas como Di Cavalcanti, Portinari, Tarsila do Amaral e José Pancetti. Universidade Cidade de São Paulo, r. Cesário Galeno, 475. Tel. 11/6190-1200. Segunda a sexta, 9h às 21h; sábado, 10h às 15h. Até 3 de maio.

▲ **Carla Caffé.** A desenhista lançou recentemente o livro "São Paulo na Linha", que traz ilustrações de paisagens típicas da cidade. A exposição tem 30 desses trabalhos, que mostram bares, edifícios e estações de metrô, captados de forma muito particular pela artista. Pinacoteca do Estado, Praça da Luz, 2. Tel. 11/229-9844. Terça a domingo, 10h às 18h. R\$ 5. Até dia 30.

▲ **Coleção Brasileira.** A paisagem do Brasil do século XIX é o tema desta coleção. Com mais de 100 telas de artistas consagrados, como Debret e Rugendas, e de autores desconhecidos e anônimos,

o acervo pertencia a um marchand europeu desde meados deste século e só veio à exposição pública há três anos. Pinacoteca do Estado, praça da Luz, 2. Tel. 11/229-9844. Terça a domingo, 10h às 18h. Até dia 30.

▲ **Di Cavalcanti.** Seleção de 100 desenhos, dentre os 564 do acervo do Museu de Arte Contemporânea (MAC), compõe a mostra "Di Cavalcanti/Desenhos — A Invenção do Brasil Modernista". São trabalhos em várias técnicas, como aquarela, guache, pastel, crayon, grafite e nanquim, em que o artista mostra seu traço modernista e boêmio. Em um núcleo à parte, estão expostos dez óleos sobre tela. Galeria de Arte do Sesi, av. Paulista, 1.313. Tel. 11/284-3639. Terça a domingo, 10h às 19h. Até 11 de junho.

▲ **Ester Grinspum.** Relevos e esculturas produzidos no período em que a artista plástica esteve na França. Galeria Marflia Razuk, av. Nove de Julho, 5.719. Tel. 11/881-9853. Segunda a sexta, 10h30 às 19h; sábado, 10h30 às 13h. Até 20 de maio.

▲ **Fernando e Humberto Campana.** Reconhecidos internacionalmente, os irmãos têm quatro trabalhos no acervo do MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York). A mostra "Entre o Design e a Arte: Irmãos Campana" expõe 30 de suas peças, inovadoras no uso de materiais como fibras de algodão e piaçava. MAM, Parque do Ibirapuera, portão 3. Tel.

EXPOSIÇÃO



Obra de Lasar Segall, na Mostra do Redescobrimento, em São Paulo

11/549-9688. Terça, quarta e sexta, 12h às 18h; quinta, 12h às 22h; sábado e domingo, 10h às 18h. R\$ 5. Até 7 de maio.

▲ **Helmut Newton e Alice Springs.** Além da mostra no MAM, com 100 trabalhos do casal de fotógrafos, começa nesta semana uma outra, mais modesta, com dez fotos de nus em preto-e-branco. MAM, Parque do Ibirapuera, portão 3. Tel. 11/549-9688. Terça, quarta e sexta, 12h às 18h; quinta, 12h às 22h; sábado e domingo, 10h às 18h. Até 7 de maio. R\$ 5. Shopping Villa Lobos, av. das Nações Unidas, 4.777. Segunda a domingo, 10h às 22h. Até 7 de maio. Grátis.

▲ **Laura Cardoso Pereira.** A mostra "Arte Aplicada" reúne os originais de ilustrações e de capas de livros feitas pela artista plástica. Fnac, av. Pedroso de Moraes, 858. Tel. 11/867-0022. Segunda a domingo, 10h às 22h. Grátis. Até 7 de maio.

▲ **Mixta: Jovens Artistas Chilenos.** Os chilenos Caterina Purdy, Criatián Silva Avaria e Patrick Hamilton apresentam esculturas e fotografias contemporâneas. Zouk Galeria de Arte, al. dos Nambiquaras, 2.076. Tel.

11/530-5820. Segunda a sexta, 9h às 18h; sábado, 9h às 14h. De terça (25) a 1º de julho.

▲ **Mulheres Sobretudo Mulheres.** Panorama do fenômeno social e estético, a moda, através da seleção de trabalhos de fotógrafos internacionais — Jacques Henry-Lartigue, William Klein, Lilian Bassman, Sarah Moon, Frank Horvat e David LaChapelle. Faap, r. Alagoas, 908. Tel. 11/3662-1662. Segunda a sexta, 10h às 21h; sábado e domingo, 13h às 18h. Até 4 de maio.

▲ **Nicolas de Ferran.** O pintor francês apresenta 20 telas em que se destacam os amplos formatos e as cores vibrantes. Galeria Mali Villas-Boas, r. Bento de Andrade, 662. Tel. 11/885-1803. Segunda a sexta, 10h às 21h. De quarta (26) a 9 de maio.

▲ **Sebastião Salgado.** O fotógrafo está em duas mostras: no Sesc Pompéia apresenta "Êxodos", sobre o fenômeno migratório no final do século XX; no Conjunto Cultural da Caixa, está a mostra "Índios 2000" em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil. Sesc Pompéia, r. Clélia, 93. Tel.

11/3871-0071. Terça a sábado, 10h às 21h; domingo e feriados, 10h às 20h. Até 4 de junho. Grátis. Conjunto Cultural da Caixa, Praça da Sé, 111. Tel. 11/3107-0498. Segunda a sexta, 10h às 16h. Até 23 de maio. Grátis.

▲ **Um olhar sobre o mundo.** A mostra apresenta mais de 80 fotografias da centenária revista americana National Geographic. Museu da Imagem e do Som, av. Europa, 158. Tel. 11/852-9197. Terça a domingo, 14h às 22h. Grátis. Até 7 de maio.

RIO DE JANEIRO

▲ **Afonso Reidy.** A mostra, uma homenagem ao arquiteto, foi organizada por Nabil Bonduki. É o resultado da pesquisa realizada por ele sobre urbanismo e habitação entre 1930 e 1964. MAM, av. Infante Dom Henrique, 85. Tel. 21/210-2188. Terça, quarta e sexta, 12h às 18h; quinta, 12h às 20h; sábado e domingo, 13h às 20h. R\$ 8. Até 15 de maio.

▲ **Albuquerque Mendes.** O artista português apresenta oito pinturas, sete esculturas, quatro em terracota e três em raku. Galeria Anna Maria Niemeyer, rua Marquês de São Vicente, 52/205. Tel. 21/239-9144. Segunda a sexta, 10h às 21h. Sábado, 10h às 18h. Até 29 de abril.

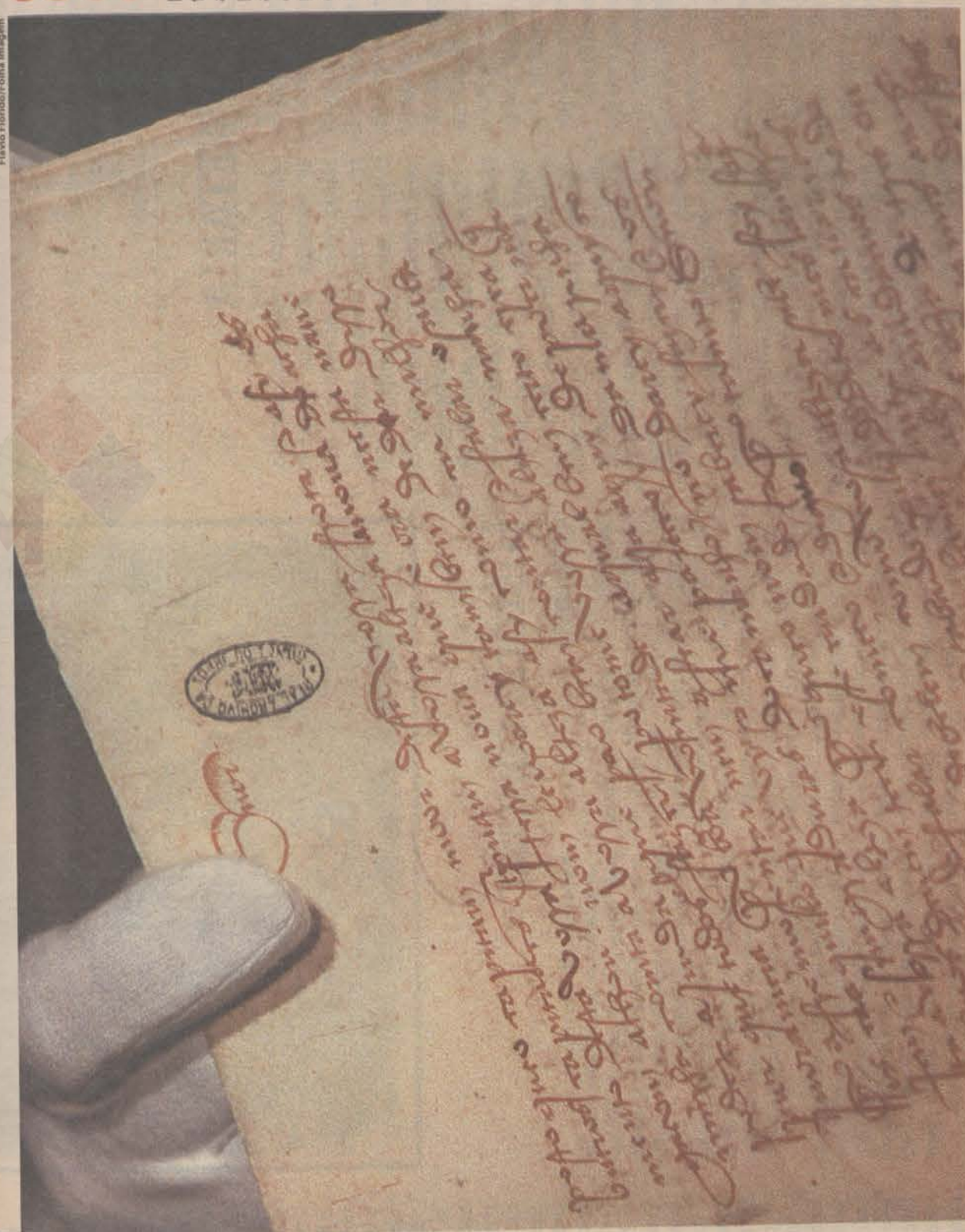
▲ **Antoni Muntadas.** O artista catalão tem seus trabalhos na mostra "Projetos". São cinco instalações em diversas mídias, sua marca registrada. MAM, av. Infante D. Henrique, 85. Tel. 21/210-2188. Terça a domingo, 12h às 18h; quinta, 12h às 20h; sábado e domingo, 13h às 20h. R\$ 8. Até domingo (23).

▲ **Guignard.** Grande retrospectiva do modernista, com cerca de 140 trabalhos. O artista dedicou-se ao desenho e a todos os gêneros da pintura — a tragédia e o lirismo de sua obra podem ser comprovados nos auto-retratos e na aparente simplicidade de suas paisagens e dos vasos com flores. Museu Nacional de Belas Artes, av. Rio Branco, 199. Tel. 21/262-6067. Terça a sexta, 10h às 18h; sábado e domingo, 14h às 18h. R\$ 8. Até 28 de maio.

Carta de Caminha chega para exposição

Batedores e carros fortes foram acionados ontem para acompanhar a chegada da carta de Pero Vaz de Caminha a São Paulo. Ela estará na Mostra do Redescobrimento, que será aberta domingo pelos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio, de Portugal. Até domingo, a carta ficará no cofre climatizado de um banco. Só 2 das 14 páginas da carta serão expostas de cada vez, em sistema de revezamento. Escrita entre os dias 22 de abril e 1º de maio de 1500 e dirigida ao rei d. Manoel 1º, a carta será exibida pela terceira vez no Brasil — a última foi em 1954.

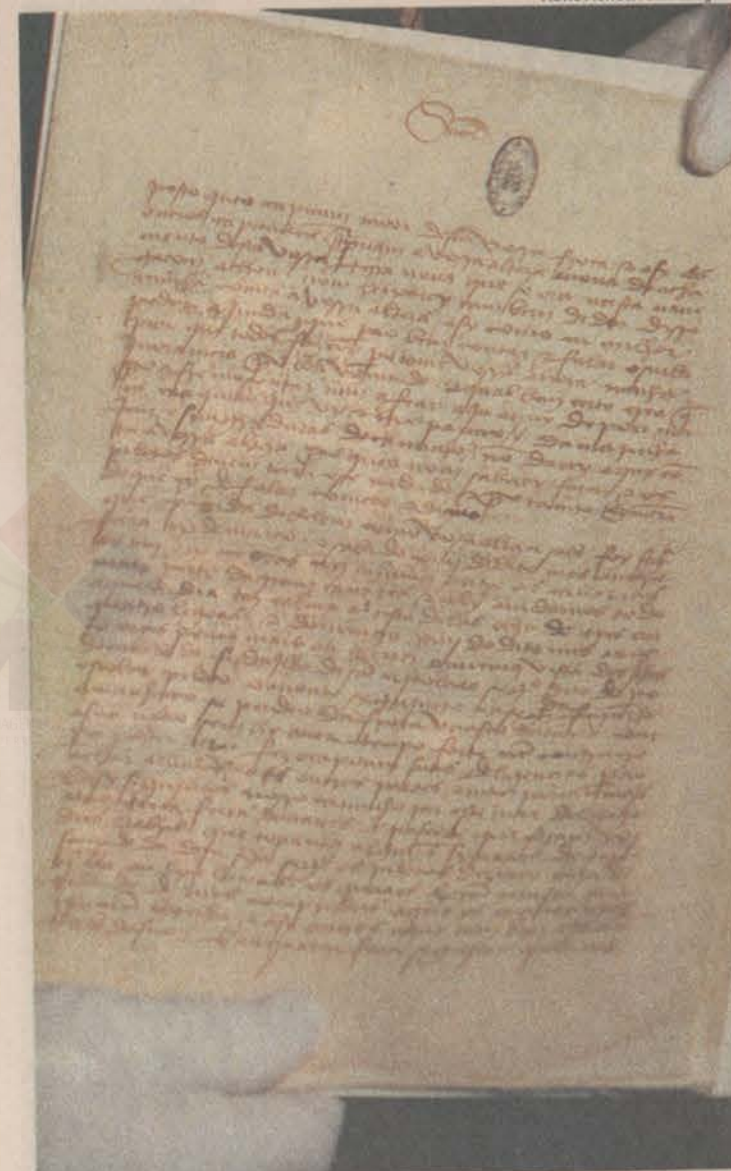
Flávio Florido/Folha Imagem



500 ANOS Carta de Caminha (1500) e manto tupinambá

Vedetes do Descobri

Flávio Florido/Folha Imagem



Página da Carta em que Caminha noticia a descoberta do Brasil

TRECHOS DA CARTA

“A horas de véspera, houemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!”

Ao avistar o Brasil

“Andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.”

Sobre as índias

“De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo serião nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos (...). Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos.”

Descrevendo a terra

“Peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro — o que d’Ela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.”

Pedindo favores ao rei

Saiba quem foi Caminha

da Redação

Pero Vaz de Caminha (1437-1500), navegante português, foi o primeiro a escrever sobre o descobrimento do Brasil. Sua carta foi enviada ao rei D. Manuel em 1º de maio de 1500, quando a esquadra de Cabral partiu para Calicu-

te, possessão portuguesa na Índia. Lá, Caminha morreria em um ataque dos mouros.

Não há muita informação sobre sua vida antes da expedição. Sabe-se apenas que, em 1476, assumiu o lugar de seu pai como mestre da balança da Casa da Moeda, no Porto.



(séc. 17) estão na mostra que é inaugurada domingo

Documentos chegam a SP

CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

Batedores, escoltas, carros fortes, segurança máxima. Foi esse o tom da chegada da carta de

Pero Vaz de Caminha a São Paulo. O documento histórico que marca o achamento do país em 1500 é uma das vedetes da Mostra do Redescobrimento, evento que os presidentes Fernando Henrique e Jorge Sampaio, de Portugal, inauguram no próximo domingo, no parque Ibirapuera. Para o público em geral, o evento começa na próxima terça.

A Carta deveria chegar ao aeroporto de Cumbica às 5h20, mas o voo 1569 da TAP atrasou cerca de uma hora. Do aeroporto, com um esquema de segurança digno de chefes de Estado, o documento foi levado ao Pavilhão Manoel da Nóbrega, no parque Ibirapuera, onde será exposta. Ali foi recebida pelo banqueiro Edegar Cid Ferreira, presidente da Associação Brasil 500 Anos, que organiza a Mostra do Redescobrimento.

"A carta é um símbolo que o país escolheu para comemorar seus 500 anos. Trata-se da primeira reportagem feita sobre o país. Estamos tratando-a com toda a responsabilidade, com todo o controle de luminosidade, umidade e segurança. Nosso compromisso técnico com a Torre do Tombo é que suas páginas sejam

expostas em sistema de revezamento, de duas em duas", explicou Edegar Cid Ferreira.

Do pavilhão, a Carta seguiu para um cofre climatizado da Bradesco Seguros, em Osasco, onde será mantida até o domingo.

O documento histórico nunca será exibido em sua totalidade durante sua estadia no país. Por questões de conservação, serão sempre exibidas duas páginas, em sistema de revezamento. Seis homens estarão alocados constantemente para a segurança do documento.

Segundo a historiadora Maria Luiza Macedo, que acompanhou o documento de Lisboa até São Paulo, a Torre do Tombo não empresta seus documentos por mais de três meses, mas, excepcionalmente, a carta ficará no Brasil por quase um ano.

O escrivão de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, escreveu a carta entre os dias 22 de abril e 1º de maio de 1500 e dirigiu-a ao rei d. Manoel 1º de Portugal. Nela descreveu o primeiro contato dos portugueses com os índios, as características físicas dos habitantes locais e as maravilhas da natureza que encontrou.

Sobre os índios, por exemplo, escreveu: "A inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior". A carta permaneceu obscura por séculos, mas foi identificada em 1817 pelo padre Manuel Aires do Casal, que a publicou no Rio de Janeiro.

Apesar de a Torre do Tombo não ter registro de qualquer saída da carta de Portugal, não é a primeira vez que ela vem ao país (leia texto abaixo). A última vez foi em São Paulo, em 1954, quando foi exibida na "Exposição de História", no Quarto Centenário de São Paulo, trazida pelo professor Jaime Cortesão, curador da mostra.

Depois de São Paulo, a carta será exibida em outras quatro cidades: Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Manto tupinambá

Outra vedete da exposição que também chegou ontem pela manhã à cidade, mas só desembarcou no parque Ibirapuera às 17h, foi o manto tupinambá, a obra mais esperada do módulo Artes Indígenas.

Proveniente do Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague, a obra de 1,2 metro de comprimento, realizada com fibras naturais e penas de guará, chegou em uma caixa de alumínio lacrada. Segundo a curadora Anne Lisbeth Schmidt, a caixa permanecerá fechada pois necessita de 24 horas de estabilidade climática (adaptação da peça às condições de umidade, temperatura e iluminação local).

O manto foi levado de Pernambuco para a Europa por Maurício de Nassau durante a ocupação holandesa do Nordeste, entre 1637 e 1644, e foi apresentado ao rei da Dinamarca.

Documento já veio ao Brasil no séc. 19

da Sucursal do Rio

A carta de Pero Vaz de Caminha já esteve ao menos uma vez no Brasil. Documento da Biblioteca Nacional lista a carta entre os manuscritos que vieram ao país no início do século 19 com a biblioteca da Academia Real dos Guar-

das-Marinhas (Escola Naval).

O historiador Antonio Luiz Porto e Albuquerque encontrou um registro da vinda da carta ao Brasil na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Em um catálogo feito em 1812, a pedido de D. João 6º, são inventariados os bens trazidos para o Brasil com a bi-

blioteca dos Guardas-Marinhas. Na página 17 do inventário, datado de 24 de julho de 1812, há a referência à carta de Pero Vaz de Caminha. A biblioteca chegou ao Brasil em 1810. É provável que a carta tenha voltado a Portugal em 1821, junto com d. João 6º. (CG)

Samstag, 22. April 2000

VON HERO BUSS

San José - Ähnlich wie Kolumbus in der Karibik „zufällig“ Amerika entdeckte, verlief auch die erste nachgewiesene Landung portugiesischer Seefahrer an der Küste Brasiliens.

Es begann mit einem Irrtum: Gleich Kolumbus (im Auftrag des spanischen Königshauses) suchte Pedro Alvarez de Cabral für die Portugiesen nach einem westlichen Seeweg nach Indien. Kolumbus glaubte, er hätte es geschafft. Er taufte die von ihm entdeckten Inseln und Küsten „Índias Occidentales“ - Westindien. Alvares meinte, die Bucht von Porto Seguro im heutigen Bundesstaat Bahia, in die er am 23. April 1500 segelte, sei Teil einer unbekanntem Insel.

Kolumbus füllte seine Tagebücher mit großen Mengen mystischen Unfugs. Im Gefolge von Alvarez dagegen befand sich ein vergleichsweise nüchterer Chronist namens Pedro Vaz de Caminha. Er hat die ersten Eindrücke der Portugiesen von der Neuen Welt aufgezeichnet, auch den ersten Kontakt der Seefahrer mit Ureinwohnern. Freundlich seien sie empfangen worden von Männern, die Pfeil und Bogen trugen, aber keine Kleidung. Sie besaßen weder Gold und Silber noch Perlen oder Edelsteine.

Als „höchste Wunder der Natur“ empfand Pedro Vaz die (ebenfalls nackten) Frauen und die Papageien - in dieser Reihenfolge. Was die Fremden an Tieren mitbrachten, schien wenig zu interessieren. Die Indios hielten keine Haustiere. Vaz schreibt: „Wir zeigten ihnen einen Hammel - sie beachteten ihn kaum. Wir zeigten ihnen ein Huhn, sie hatten fast Angst vor ihm.“ Als die Seeleute ein Kreuz zimmerten und aufstellten, habe niemand nach dessen Bedeutung gefragt. Alle aber hätten sich sehr für die Werkzeuge interessiert.

Besonders farbig schildert der Portugiese die Tanzfreude der Indios: „Jenseits des Flusses bewegten sich viele von ihnen glücklich und tanzend. Sie machten es gut. Darauf setzte Diego Dias, ein heiterer und lustiger Mann, auf das andere Ufer über. Einer unserer Musikanten mit seinem Dudelsack begleitete ihn. Sie begannen, mit ihnen zu tanzen, und nahmen sie bei den Händen. Sie freuten sich und lachten und folgten geschickt den Takten.“

Die spanischen Eroberungen erfolgten in atemberaubendem Tempo und mit großer Grausamkeit. Die Konquistadoren stießen auf Hochkulturen (Azteken, Maya, Inka) mit großen, befestigten Städten, hinter deren Mauern sie (zu Recht) gewaltige Schätze an Gold und Edelsteinen vermuteten. Sie

NDL. 2,45 HFL / FRANKREICH
ÖSTERR. 14 öS / SPAN. 190 P



Im Stammestocht: Ein Angehöriger der Maxacall-Indios auf dem Strand, auf dem die Jubiläumsfeier zur Entdeckung Brasiliens gefeiert werden soll. FOTO: ...

In Brasilien gaben sich die Europäer als sanfte Eroberer. Die Besitznahme des Landes erfolgte sehr langsam



ordert sie zur

Foto: Raimundo Paco/AP

zwangen die besiegten Indios zu Frondiensten in Gold- und Silberminen, bauten Städte mit Palästen, Kathedralen und Klöstern.

Die Besitznahme Brasiliens vollzog sich sehr viel langsamer und „sanfter“. Gierige Eroberer gab es nicht, denn außer Papageien und Palisanderholz (Palo Brasil - Namensgeber des Landes) schien nichts der Ausfuhr wert zu sein. Überliefert ist, dass im 16. Jahrhundert die Ladung eines Handelsschiffes mit 600 Papageien bezahlt wurde.

Zwei Jahrhunderte lang kamen in relativ kleinen Gruppen Siedler, die sich auf den fruchtbaren Böden in Küstennähe niederließen. Plantagenwirtschaft entstand, zunächst mit Zuckerrohr, später mit Kakao, Tabak und Kaffee. Erst um 1700 wurden im Landesinneren Gold- und

Edelsteinvorkommen entdeckt - spätes Glück für das Königshaus in Lissabon und spätes Unglück für die Sklaven. Im 18. Jahrhundert wurden in Brasilien mehr als 800 Tonnen Gold gefördert.

Mittelpunkt des Lebens in der neuen Kolonie war lange Zeit nicht die städtische Plaza, sondern die Casa Grande, das Herrschaftshaus des Landbesitzers, umgeben von Häusern für Arbeiter und Dienstpersonal, von Zuckermühlen und Werkstätten, Kirche und eigenem Friedhof. Grausamkeiten hielten sich, gemessen an spanischen Umgangsformen, in diesem patriarchalischen System in Grenzen. Die Gutsherren zeugten Kinder, die sie als eigene anerkannten, mit Indianerinnen und afrikanischen Sklavinnen. Obwohl erst 1888 die Sklaverei abgeschafft wurde, kam es schon früh in Brasilien zu Rassenintegration.

Gewaltsame Auseinandersetzungen mit den Ureinwohnern gab es zunächst nur mit Kannibalenstämmen, später - ähnlich wie in Nordamerika - zwischen Siedlern und einheimischen Völkern, die ihren Lebensraum verteidigten. Er spart blieb Brasiliens Indios, von wenigen Ausnahmen abgesehen, auch die Bekehrung mit dem Schwert. Die immer weit von der Küste entfernt (und Welten von den Autoritäten in Lissabon) lebenden Fazenderos, die Gutsherren der Casa Grande, duldeten Naturreligionen und afrikanischen Geisterkult - nach dem Kirchgang.

Die „sanfte“ Tradition griff auch auf die Politik über. Als einziges Land Südamerikas streifte Brasilien seine Kolonialvergangenheit ohne Blutvergießen ab. Als der von Napoleon ins brasilianische Exil vertriebene König nach Lissabon zurückkehren konnte, hinterließ er seinen früheren Untertanen einen Sohn - als Kaiser eines unabhängigen Brasiliens.

Eroberer
cht, denn
ppageien
anderholz
ichts der
ert zu sein

22.4.80

W

500

Indios wollen Jubiläums

Proteste anlässlich des 500. Jahrestags der Entdeckung Brasiliens

VON HERO BUSS

San José - Vor acht Jahren feierten Spanien und die lateinamerikanischen Länder spanischer Sprache den 500. Jahrestag der „Entdeckung Amerikas“. Heute nun ziehen Brasilianer und Portugiesen nach - mit nicht vorhergesehenen Schwierigkeiten.

Ein rauschendes zweitägiges Fest war ursprünglich am Atlantikstrand des Bundesstaats Bahia im Nordosten von Brasilien geplant - mit historischer Regatta, Paraden, Festschmaus, viel Musik, monumentalem Feuerwerk und Enthüllung eines Monuments durch die Staatspräsidenten beider Länder. Dann aber machten die Nachkommen derjenigen, die vor 500 Jahren von den Portugiesen „entdeckt“ wurden, den Feierlustigen einen Strich durch die Rechnung.

Seit Tagen kempieren mehr als 3000 Indios, Abordnungen der heute noch in Brasilien überlebenden rund 200 Ethnien, in unmittel-

barer Nähe der Stelle, wo im Jahr 1500 ein Dutzend Karavellen Anker warfen und wo zum ersten Mal ein portugiesisches Banner in brasilianischen Boden gerammt wurde. Viele der Ureinwohner tragen Kriegsschmuck oder haben sich als Zeichen der Trauer die Gesichter schwarz-rot gemalt. In einem Zirkuszelt beraten sie seit Wochenbeginn und ziehen ihre eigene Geschichtsbilanz.

900 verschiedene Völker oder Stämme hat es zur Wende vom 15. zum 16. Jahrhundert auf dem Gebiet gegeben, das heute brasilianisches Territorium ist und fast die Hälfte des südamerikanischen Kontinents ausmacht. Sechs Millionen Indios lebten verstreut unter dem Dach eines acht Millionen Quadratkilometer großen Urwalds, in dem Deutschland 25 Mal Platz fände. Nach 300 Jahren portugiesischer Kolonialzeit und knapp 200 Jahren brasilianischer Unabhängigkeit haben nicht mehr als 300 000 überlebt - Folge von Skla-

verei, aus Europa eingeschleppten Seuchen wie Masern und Syphilis und der von landhungrigen Siedlern angerichteten Massaker, die an der Grenze der „Zivilisation“ im Amazonasgebiet heute noch vorkommen.

Die „Barbarei“ im Umgang mit den Naturvölkern sei „unbeschreiblich“ gewesen, heißt es in einer Erklärung der brasilianischen Bischofskonferenz. Sowohl die Regierung wie auch die katholische Kirche stünden bei den Naturvölkern in der Schuld. Einig sind sich die Bischöfe mit Häuptlingen und Schamanen, dass es zum 500. Jahrestag portugiesischer Besitznahme „nichts zu feiern“ gebe. Beim verbalen Protest aber wollen es die Kaziken nicht belassen. Sie haben vor, die Feiern zu verhindern. Einen Protestmarsch werde es geben, mehr wollen sie nicht preisgeben. Mehrere Tausend Sympathisanten hatten sich ihnen schon im Lauf der Woche angeschlossen: Mitglieder der Landlo-



JAHRE BRASILIEN

feier torpedieren

liens - Festkomitee reduziert Programm

1,20 DM BERLIN UND BRANDENBURG / 1,40 DM AUS- WÄRTS / ÖSTERR. 14 05 / SPAN. 14 05

CAUSAS

ENOSCERE




senbewegung, Studenten, Gewerkschafter, sogar eine in Krawallen erprobte Gruppe von Punks. Mit 10 000 gewaltbereiten Marschierern rechnet die Polizei, insgesamt könnten es 70 000 werden. Zeitgleich mit den Protesten kündigte die Landlosenbewegung die Besetzung von 500 Großbländereien in ganz Brasilien an.

Historischer Landetag der ersten Portugiesen ist der 23. April 1500. Die runden 500 Jahre werden am Sonntag erreicht. Deshalb sollten die Jubelfeier am Strand 48 Stunden dauern, mit Start am Samstag und Ende am Montag, elf davon in Anwesenheit des portugiesischen und des brasilianischen Staatschefs. Inzwischen ist das Präsidentenprogramm kräftig gestutzt worden: auf fünf Stunden.

Am Donnerstag hatten Sicherheitsberater Staatschef Fernando Henrique Cardoso sogar empfohlen, auf eine Anwesenheit an historischer Stelle ganz zu verzichten. Dagegen protestierte dann aber das

Protokoll, denn Ehrengast Jorge Sampaio, der Präsident von Portugal, befand sich bereits im Anflug.

Nicht den Indios und ihren Freunden kann das Festkomitee die Schuld dafür zuschreiben, dass ein angesagter „Glanzpunkt“ des Programms ausfallen muss. Eine Marineparade in Porto Seguro, der Bucht des historischen portugiesischen Landgangs, muss heute ohne den Nachbau der „Capitania“ stattfinden, des Flaggschiffs von Entdecker Pedro Alvares Cabral. Der Neubau, erst am Montag vom Stapel gelaufen, hatte Schlagseite und überstand die technische Überprüfung durch Marineingenieure nicht. Jetzt wartet man in der Werft von Salvador, der Hauptstadt Bahias, auf 800 Kilogramm Blei, die zur Stabilisierung der Karavelle Baujahr 2000 im entfernten São Paulo bestellt worden sind.

 **Brasilien im Internet:**
www.auswaertiges-amt.de/5_laende/index.htm

Kersten Knipp

Sklavenhütte und Herrenhaus

Seit fünfhundert Jahren: Schmelztiegel Brasilien

Am Morgen sahen wir Vögel, und in den Abendstunden desselben Tages war Land in Sicht. Als Erstes erkannten wir einen großen Berg, sehr hoch und rund, etwas südlich von ihm weitere, ein wenig niedrigere Gipfel sowie flaches Land mit großen Wäldern. Den hohen Berg nannte der Kommandant „Osterberg“, das Land hingegen „Land des wahren Kreuzes“. Wie eine Wiederauferstehung im Kleinen, ein Ostergeheimnis ganz eigener Art dürfte es den Schiffsreisenden vorgekommen sein, als sie am 22. April 1500, zwei Tage nach Ostermontag, erstmals die Konturen jenes unbekanntes Landes im Westen am Horizont erspähten. Sieben Wochen lang hatten sie den Atlantik durchquert, eine Nacht noch harrten sie an Deck, dann endlich war es so weit: Unter dem Oberkommando von Pedro Alvares Cabral betraten die Portugiesen als erste Europäer brasilianischen Boden.

So zumindest will es die Legende, so wollen es vor allem die 160 Millionen Brasilianer, die an diesem Samstag zum fünfhundertsten Mal der Entdeckung ihres Landes gedenken. Die Wirklichkeit war etwas anders. Die Portugiesen sind zwar die Eroberer Brasiliens – aber nicht seine Entdecker. Im Januar und Februar 1500, also nur wenige Monate bevor Cabrals Flotte in unmittelbarer Nähe des heutigen Porto Seguro vor Anker ging, hatten bereits zwei spanische Kommandanten brasilianisches Küstengebiet durchkreuzt. Das Land fiel nur deshalb nicht an die kastilische Krone, weil der 1494 geschlossene Vertrag von Tordesillas die Aufteilung des noch unerkundeten Kontinents bereits eindeutig geregelt hatte: Alle Gebiete etwa auf dem 46. Grad westlicher Länge sollten an Spanien, östlich davon an Portugal fallen.

Die Gedenkveranstaltungen gerieten also in Gegensatz zur historischen Evidenz, würden sie den 22. April 1500 tatsächlich als die erste brasilianisch-europäische Kontaktaufnahme feiern. Diskret haben ihnen die Brasilianer daher einen anderen Sinn untergeschoben. Die geniale, noch heute verbindliche Formel lieferte 1900 der Historiker Capistrano de Abreu. Am 22. April, erklärte er, gedenke Brasilien seiner „soziologischen Entdeckung“.

Indianer, Portugiesen, Afrikaner

Viel pikanter ist bis heute eine andere Frage: Wollte Cabral wirklich nach Brasilien, als er im März 1500 in See stach? Oder trieben ihn schlicht die Launen der Natur, sprich unerwartet kräftige Strömungen und überraschend starke Westwinde, an die Ufer der Neuen Welt? Cabrals heroische Atlantikfahrt läuft Tag für Tag Gefahr, als schäbiger Scherz der Weltgeschichte enttarnt zu werden. Denn die erbauliche Geschichte von der Entdeckung Brasiliens leidet bis heute an einem ärgerlichen Missstand: Die Reisedokumente erwähnen nur, dass die Expedition den Indischen Ozean durchkreuzen sollte – von einem Abstecher Richtung Westen ist nirgends die Rede. Der glücklose Cabral, so der zwingende Schluss, müsste sich während seiner Mission also um einige tausend Seemeilen im Kurs geirrt haben – eine Zumutung für den portugiesischen wie den brasilianischen Nationalstolz gleichermaßen.

Patriotisch gestimmte Historiker beider Länder konstruieren deshalb eine andere Lesart: Seitdem Kolumbus 1492 erstmals südamerikanischen Boden betreten hatte, rüsteten die Spanier zahlreiche Flotten, um das neu entdeckte Land näher zu erforschen. Portugal hatte sich bis dahin vornehmlich für die afrikanische Küste interessiert, konnte aber das Gebiet im Westen des Atlantiks nicht allein den Spaniern überlassen. Als 1499 die Nachricht bekannt wurde, dass Vasco da Gama den Seeweg nach Indien entdeckt hatte, beauftragte König Manuel I. Cabral, die Route durch eine weitere Expedition zu sichern. Gut möglich allerdings, dass er ihn zusätzlich mit einer geheimen Mission betraute: Er solle zwar den Seeweg nach Indien sichern – aber vorher einen unbemerkten Abstecher gen Westen machen.

Mit beachtlichem Einfallsreichtum mühten sich Forscher auf beiden Seiten des Atlantiks, die These der absichtsvollen Kursänderung zu erhärten. So flog der brasilianische

Marineoffizier Max Justo Guedes 1979 in einem Hubschrauber die brasilianischen Küstengewässer in exakt der Höhe ab, von der aus Cabrals Späher erstmals die Umrisse des unbekanntes Landes erblickt haben mussten. An welcher Position deckten sich die Messungen aus dem Helikopter mit der in den Reiseaufzeichnungen festgehaltenen Beschreibung des Monte Pascoal? Der entsprechende Punkt befand sich in ruhigen Gewässern, weitab von Sandbänken und anderen Meerestücken. Für Justo Guedes ein eindeutiger Beweis: Cabral wusste, wohin die Reise ging.

Justo Guedes konnte auf philologischen Flankenschutz zählen. Schon zwanzig Jahre zuvor hatte der portugiesische Historiker Jaime Cortesão die Notizen von Ca-

brals Sekretär Pero Vaz de Caminha auf ihre semantischen Feinheiten hin abgeklopft. Caminha sprach in seinem berühmten Bericht vom „achamento“, dem „Finden“ oder „Fund“ Brasiliens. Was, fragte Cortesão, hieß das genau? Findet man, weil man vorher gesucht hat? Oder hat bei dem Fund schlicht ein glücklicher Zufall Regie geführt? In mühsamer philologischer Kleinarbeit durchkämmte der Historiker das gesamte um 1500 gebräuchliche Wortfeld von „Suchen“ und „Finden“, um am Ende die frohe Botschaft zu verkünden. „achamento“ habe nur eine einzige Bedeutung: „Man hat gefunden, was man suchte, in diesem Fall Brasilien.“

Was immer die Portugiesen nach Brasilien geführt haben mag: Von den Bewohnern des Landes berichtet Caminha Erfreuliches. Sie seien „überaus sauber und gepflegt, sehr wohlgenährt und ansehnlich“, notierte er. Nüchtere Worte – um 1500 noch keine Selbstverständlichkeit. Denn auch die Reischronisten erlagen bisweilen den Anfechtungen einer ungestümen Phantasie. Er habe Menschen getroffen „von solcher Größe, dass sie noch knieend größer waren als ich im Stehen“, schrieb Amerigo Vespucci von einer Erkundungsfahrt an die Nordküste Südamerikas, und auch Antonio Pigafetta, 1520 Teilnehmer an Magalhães' Expedition um die Südspitze des südamerikanischen Festlands, berichtete Abenteuerliches: „Eines Tages, als es keiner mehr vermutete, sahen wir einen Giganten. Er war so groß, dass der Größte von uns nur bis an den Gürtel reichte.“

Der Zauber der Exotik hielt nicht lange. Schon in wenigen Jahren würde das tropische Land dem portugiesischen Königreich erhebliche Gewinne einbringen, schätzte Amerigo Vespucci, der 1501 an der Folgeexpedition nach Brasilien teilnahm. Manuel I. sollte den Hinweis beherzigen – später. Denn noch bezog Portugal seine Reichtümer aus dem entgegengesetzten Ende der Welt. Pfeffer, Zimt, Nelken, Muskat – die Europäer lechzten nach Gewürzen, und die portugiesischen Seefahrer verkauften sie ihnen. Seit einigen Jahren schon gingen ihre Schiffe vor der indischen Küste vor Anker, und das kleine Königreich rüstete sich, Ormuz, Malakka, die Gewürzinseln zu erobern, den Sprung nach Japan und China zu wagen.

Erst als die asiatischen Eroberungen immer spärlichere Gewinne abwarfen, besannen sich die Portugiesen wieder auf die unbekannt Kolonie im Westen. Denn dort lockte nicht nur Brasilholz, das dem Land seinen Namen gab, sondern auch ein anderer heiß begehrter Luxusstoff: Zucker. Das milde Klima der Küstenstreifen bot hervorragende Anbaubedingungen, es fehlten nur die Arbeitskräfte. Die Indianer verweigerten den monotonen Arbeitsdienst, flohen in das unzugängliche Hinterland, notfalls zogen sie den Tod vor.

Aus Portugal strömten die Siedler nur spärlich ein. Seit Mitte des 16. Jahrhunderts erfreuten sich darum die Menschenhändler prall gefüllter Auftragsbücher. Zahllose Gefangene trieben sie aus Afrika in die Bäuche ihrer Schiffe, um sie in Brasilien mit hohem Gewinn zu verkaufen. Vier Millionen Schwarze, schätzt man, zwangen die portugiesischen Menschenjäger in die Sklaverei, und kurz darauf, das Land hatte gerade den Schritt vom Kaiserreich zur Republik getan, entsorgte der philanthropisch gesinnte Finanzminister Rui Barbosa sein Land vor den Anklagen zukünftiger Generationen, indem er die entsprechenden Dokumente vernichten ließ.

Die dürre Aktenlage erlaubte es den brasilianischen Historikern bis weit in dieses Jahrhundert hinein, sich das Leben auf den Zuckerplantagen in den sanftesten Farben auszumalen. 1933 veröffentlichte Gilberto Freyre sein einflussreiches Werk „Herrenhaus und Sklavenhütte“. Das koloniale Leben schilderte er in erster Linie als einen gigantischen Fortpflanzungsakt: Schon die ersten portugiesisch-indianischen Kontakte, so der Soziologe, lösten die „Atmosphäre eines Sexualrauschs“ aus, und die Aussicht auf ein freudenreiches Leben jenseits der engen Grenzen europäischer Sexualmoral zog vor allem einen Typus Mann in die Kolonie: den „zügellosten Zuchthengst“. Die schwüle Sinnlichkeit der Tropen, so Freyre, trieb die Portugiesen zu immer neuen Rekorden wilder Promiskuität, und insbesondere die schwarz-weißen Begegnungen schenkten dem brasilianischen Nationalcharakter einige seiner schönsten Eigenschaften. Freyre verschwieg die menschenverachtenden Seiten der Sklaverei nicht. Aber er akzentuierte die freundlichen Aspekte des schwarz-weißen Zusammenlebens, schilderte vor allem die afrikanischen Ammen als heimliche Herrscherinnen über das Herrenhaus – und damit das ganze Land. Über ihre nährenden Brust, so darf man Freyre verstehen, hielten die Kulturen des Schwarzen Kontinents Einzug in Kopf und Seele der Portugiesen, und dies machte sich „in unserem in Gefühlen schwelgenden Katholizismus, unserem Gang, unseren Wiegenliedern, unserer Musik und in allen unseren wesentlichen Lebensäußerungen bemerkbar“.

Erst jüngere Historiker stützten dieses überbordende Sittengemälde auf ein wirklichkeitsnahes Maß zurück. Die Kolonisten mochten schwarze Sklavinnen begehrenswerter finden als die hellhäutigeren Töchter Portugals – jenseits des Bettes endete die Zärtlichkeit, und auch angesichts der kaffeebraunen Nachkommenschaft kamen väterliche Gefühle kaum auf: „limpeza de sangue“, „Blutreinheit“, blieb auch in Brasilien fester Bestandteil des portugiesischen Ehrenkodex. Indianer, Afrikaner und Mischlinge besaßen keine natürliche Würde. Sie durften hoffen, sie zu verdienen – vorausgesetzt, sie beherrschten Sprache und Kultur ihrer Herren wenigstens im Ansatz. „Derartige Rassenvorstellungen“, schreibt der Anthropologe und Schriftsteller Darcy Ribeiro, „erlaubten nicht nur dem gewöhnlichsten Weißen, sich jedem Schwarzen und Mischling überlegen zu fühlen. Sie brachten auch diese selbst dazu, die Vorstellungen von der Überlegenheit der weißen Rasse zu verinnerlichen und fraglos hinzunehmen.“

Die portugiesischen Eroberer waren zwar bis in die hintersten Winkel des riesigen Territoriums vorgedrungen – aber nicht, um es in eine blühende Kulturlandschaft zu verwandeln. Im Gegenteil: Mit harter Hand unterband das Königreich alle Regungen eigenständigen Denkens, hielt vor allem Druckereien und Universitäten sorgsam außer Landesgrenzen. Die brasilianische Elite studierte nicht in Salvador oder Recife, sondern in Coimbra oder Lissabon; Portugal, später zunehmend Frankreich, blieb das geistige Zentrum Brasiliens. Die großen politischen und kulturellen Auseinandersetzungen wurden dort ausgefochten, die tropische Kolonie dämmerte vor sich hin. Während der ersten zwei Jahrhunderte blieben die Werke zu Geographie und Landesgeschichte die einzigen Erzeugnisse originär brasilianischer Kulturschaffens. Brisantere Texte kamen fast ausnahmslos von außen, vor allem von den Jesuiten, den schärfsten Kritikern der kolonialen Missstände.

Die Romantisierung der Ureinwohner

Erste eigene Kultur brachte Brasilien erst zu Beginn des 18. Jahrhunderts hervor. Im unzugänglichen Hinterland von Minas Gerais hatte man riesige Goldvorkommen entdeckt, und die Funde zogen nicht nur zahllose Glücksritter, sondern auch künstlerische Talente an. In den Barockstädten verwandelten sich die Früchte der Gier in Zeugnisse frommen Geistes. Politisch unruhig wurde die Kolonie erst gegen Ende des 18. Jahrhunderts, als die Goldvorkommen sich erschöpften und gleichzeitig das portugiesische Mutterland die Steuerschraube immer enger drehte. In den Fundgebieten steigerte sich die Wut auf die königlichen Geldeintreiber, und

1788 fand sich in Ouro Preto eine Hand voll Männer zur Verschwörung zusammen, um Minas Gerais vom Joch der portugiesischen Herrschaft zu befreien. Doch die Konspiranten hatten Pech: Ihr Komplott wurde verraten, sie selbst zu Gefängnis und Exil verurteilt. Die „Inconfidência Mineira“, die erste Regierung brasilianischer Unabhängigkeit, war gescheitert.

Aufhalten ließ der Freiheitsdrang sich nicht: 1808 floh der portugiesische Hof vor den Truppen Napoleons nach Brasilien. Dreizehn Jahre regierte König João VI. Portugal von Rio de Janeiro aus. Als er 1821 nach Portugal zurückkehrte, ließ er seinen Sohn Pedro als Stammhalter zurück. „Unabhängigkeit oder Tod“, rief der

im September 1822 den Brasilianern zu. Die entschieden sich für die Unabhängigkeit. Wenig später war Pedro der erste Regent des freien Kaiserreichs Brasiliens.

Politisch war das Land unabhängig. Kulturell schielte es weiter auf Europa – für die Schriftsteller des Landes ein unerträglicher Skandal. „Dichtung und Vaterland sind eins“, fand der Dichter Gonçalves de Magalhães und forderte, endlich eine originär brasilianische Literatur zu schaffen. Poetische Stoffe seien im Überfluss vorhanden: eine heldenhafte Vergangenheit, die Schönheiten der Natur und vor allem, konkurrenzlos und einmalig, die ursprüngliche Bevölkerung des Landes, die Indianer.

Gegen Ende der Kolonialzeit auf ein knappes Zehntel der Bevölkerung geschrumpft, feierten die Ureinwohner Brasiliens in der literarischen Romantik eine glänzende Wiederauferstehung. Keine andere Gruppe eignete sich wie diese, die Sehnsüchte ihrer Zeit zu bedienen, den Edelmut und die Freiheitsliebe einer jungen, dem Joch der Tyrannei gerade entronnenen Nation zu verkörpern. Schon vor 1822 schmückten sich viele Brasilianer aus nationalem Selbstbewusstsein mit indianischen Namen, und selbst Pedro I. hörte in der Freimaureerloge, in die er 1820 zur Unterstützung der nationalen Souveränitätsbestrebungen eintrat, auf den klangvollen Namen „Guatimozim“. Was ihn nicht daran hinderte, sich nach dem Eintritt in eine konservativere Loge ausgerechnet auf den Namen des Stammvaters des lateinischen Europas, „Römulo“, taufen zu lassen.

In der eleganten Sprache der Dichter wurde der Indianer zu einem edlen, kultivierten Menschen. Die wohl vollkommene und populärste Ausfertigung dieses Typs schuf 1857 der Schriftsteller José de Alencar in seinem Roman „O Guarani“. Hauptfigur der in den Anfangsjahren der Kolonie angesiedelten Handlung ist der Indianer Peri, „ein portugiesischer Edelmann im Körper eines Wilden“ – wenn gleich ein „Barbar im Vergleich zu den zivilisierten Menschen, deren kulturelle Überlegenheit sein Instinkt anerkannte“.

Die Dichter der Romantik besangen eine untergegangene Ära. Aber längst setzte Brasilien an zum Sprung in die Moderne. „Ordem e Progresso“ (Ordnung und Fortschritt) schrieb das Land auf seine Fahnen und strengte sich an, die Zivilisation auch in die hintersten Winkel zu verbreiten. Die Kaffeepflanzter erschlossen immer weitere Anbauflächen und verbanden ganz nebenbei die Stadt mit dem dünn besiedelten Hinterland. 1852 gab es die erste Telegrafenlinie, zwei Jahre später fuhr die erste Eisenbahn. Aus einem gemeinsam mit den verbündeten Republiken Argentinien und Uruguay ausgefochtenen Krieg gegen Paraguay brachten die brasilianischen Truppen monarchistische Ideen mit nach Hause, außerdem die Einsicht, dass schwarze Soldaten nicht minder tapfer kämpften als weiße. Immer mehr Bürger empfanden die Sklaverei als unerträglichen Skandal, aber erst 1888 wurde sie gesetzlich verboten.

Über Nacht verloren die Nutznießer des Systems, die Großgrundbesitzer, ihre gesamte Sympathie für das Kaiserreich. In Jahr später verließ Pedro II. das Land und öffnete so den Weg zur Republik. Erst jetzt wurde es möglich, den Anteil der Afrikaner an der Entstehung der brasilianischen Nation umfassend zu würdigen. Worum geht es?“, schrieb 1888 der Literaturwissenschaftler Silvio Romero. „Um nichts Geringeres, als den brasilianischen Menschen zu definieren, ihn gegenüber den Portugiesen abzugrenzen... Der Brasilianer ist das Produkt eines vierhundert-

jährigen Prozesses ethnischer Ausdifferenzierung, an dem Portugiesen, Indianer, Afrikaner und das Klima beteiligt waren. Der Brasilianer von heute ist aus einer immensen Vermischung des Blutes und der Leiden entstanden, und er wird in Zukunft noch viel deutlicher aus ihr hervorgehen.“

Aber der brasilianische Mensch, den Silvio Romero so innig beschwor, kannte sich selbst noch kaum. Seit Mitte der siebziger Jahre hatte ein einfacher Wanderprediger, Antônio Maciel „Conselheiro“, im Sertão, dem verlassenen Hinterland des brasilianischen Nordostens, eine immer größere Schar meist bitterarmer Gläubiger um sich geschart. In seinen Predigten wettete der selbst ernannte Prophet gegen die junge Republik und die von ihr verfügte Trennung von Staat und Kirche. Einen Staat im Staat sah die Regierung entstehen und schickte ihre Soldaten. Mit größter Brutalität gingen die Truppen gegen die Gemeinde vor, und als sie 1897 nach mehreren verlustreichen Feldzügen endlich den Sieg errangen, hatte kaum einer der zwanzigtausend Gläubigen überlebt.

Das Erbe der Menschenfresser

Der Bürgerkrieg wäre in Vergessenheit geraten, hätte ihm der Ingenieur und Schriftsteller Euclides da Cunha nicht ein großes literarisch-essayistisches Denkmal gesetzt. Da Cunha, der die letzte Phase des Krieges als Zeitungskorrespondent selbst miterlebte, veröffentlichte seine

Eindrücke 1902 in einem voluminösen Werk mit dem schlichten Titel „Os Sertões. Campanha de Canudos“, deutsch „Der Sertão. Krieg in Canudos“. Darin äußerte er Sympathien für die Aufständischen und deutete ihren religiösen Eifer als unselbige Folge einer verzweifelt wirtschaftlichen Situation. Sein Buch veranlasste die Brasilianer nicht nur, über den Krieg und seine Ursachen neu nachzudenken, sondern auch, die Rückständigkeit des Hinterlandes nach modernen, soziologisch-ökonomischen Kriterien zu beurteilen.

In den Städten hingegen schlug immer vernehmbarer ein urbaner Impuls. Die Industriearbeiter organisierten die ersten Massentriks, anarchische Gewerkschaftsführer gründeten die Kommunistische Partei Brasiliens, junge Offiziere rebellierten gegen die politische Dominanz der Landoligarchen. Aber vor allem die Künstler rüttelten an der herkömmlichen Ordnung. Während der berühmten „Woche der Modernen Kunst“ 1922 in São Paulo attackierten sie in bewusst auf den Skandal angelegten Lesungen, Ausstellungen und Konzerten die eingespielten Geschmacksmuster ihres Publikums, suchten über die Kunst die Gesellschaft zu erneuern. Oswald de Andrade, der frühere Kopf der so genannten „modernistischen“ Bewegung, veröffentlichte 1924 das „Manifest der Brasilholz-Poesie“, eine dadaistisch inspirierte Programmschrift der neuen Ästhetik: „Gegen die romantische Todessehnsucht – für geometrisches Gleichgewicht und technische Vollendung. Gegen die Nachahmung – für die Erfindung, für die Überraschung... Untercheiden wir: Importpoesie. Und Brasilholzpoesie: Exportpoesie.“

Vier Jahre später veröffentlichte er sein „Manifesto Antropófago“, das „Menschenfresser-Manifest“. In den frühen Jahren der Kolonialzeit hatten einige Indianerstämme den Invasoren aus der Alten Welt erbitterten Widerstand geleistet. Ganz besonders grausam, erzählten sich die portu-

giesischen Eroberer, seien die Tupi-Indianer, denn die ließen ihre Gefangenen ausnahmslos im Kochtopf enden. Die Brasilianer von heute, empfahl Andrade, sollten es ihnen gleichtun. Aber nicht den Leib der Europäer, so der Sinn seiner ironiedurchtränkten Zeilen, sollten sie verschlingen, sondern deren kulturelle Vorlagen. Nur wenn Brasilien die Anstöße aus Europa aufnimmt und „verdaut“, will heißen: verarbeitet, wird es sich auch kulturell zu einer souveränen Nation entwickeln. Die Zukunft der Nation, so der schelmische Andrade, ist geborgen im Erbe der Menschenfresser. Man muss sich nur zu ihm bekennten. „Tupi or not tupi, that is the question.“

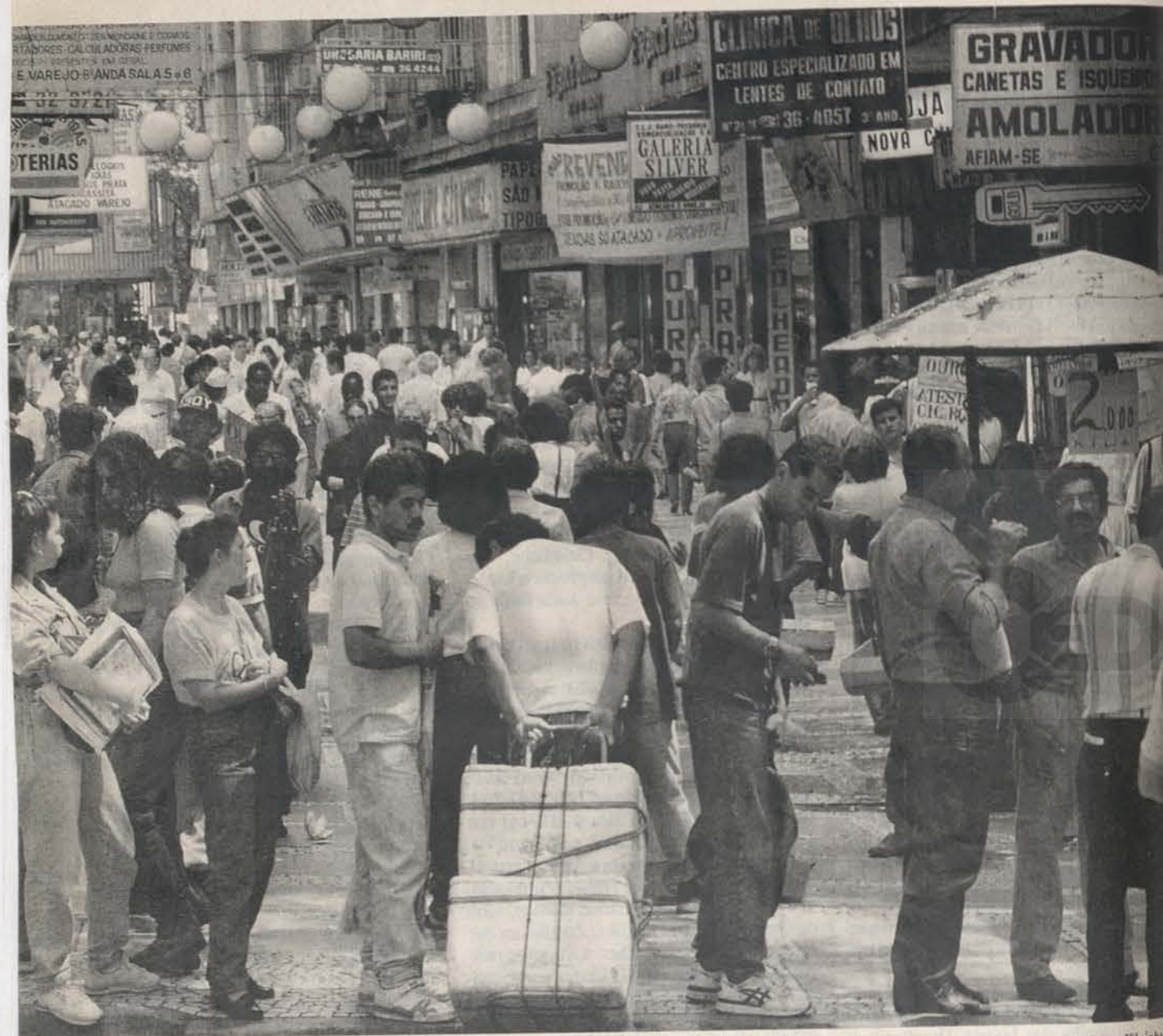
Mit seiner humoresken Formel schrie sich Andrade den Brasilianern auf immer ins Herz. Aber die wirklichen Themen zeitgenössischer Dichtung sah er woanders, in der kühlen Welt von „Ökonomie, Mechanik, Chemie und Ballistik“. Sehr weit brauchten die Schriftsteller ihrer Zeit damit allerdings nicht mehr vorzugreifen. Seit 1930 trieb der Präsident Getúlio Vargas die Industrialisierung entschlossen vor-

ran, in den fünfziger Jahren steckte Juscelino Kubitschek dem Land mit dem Slogan „Fortschritt von fünfzig Jahren in fünf“ die weiteren Ziele. Brasília, die aus der Mitte des Urwalds gestampfte Stadt, war Sinnbild dieser Aufbruchstimmung, ihre futuristische Architektur sollte den nationalen Ehrgeiz zum Ausdruck bringen.

Immer größere Menschenmassen wälzten sich vom Land in die Metropolen, unkontrolliert wucherten an deren Rändern dicht bewohnte Siedlungen. Es eröffneten auch hier die bekannten Formeln der Kulturkritik. Die Zugewanderten würden im Dickicht der Städte ihre Identität verlieren, warnten misstrauische Beobachter. Längst hätten Massenmedien, vor allem das Fernsehen, neue Orientierungsmuster geschaffen, wurde ihnen geantwortet.

„Heimatlos auf der eigenen Erde“ – mit seiner melancholischen Einschätzung der nationalen Befindlichkeit verfehlte der Historiker Sérgio Buarque de Holanda schon 1936 den Nerv der neuen Zeit. Denn bereits 1928 hatte Oswald de Andrades Namensvetter Mario de Andrade einen Roman vorgelegt, der die Suche nach dem nationalen Ursprung wohl endgültig ad absurdum führte: „Macunaíma. Der Held ohne jede Eigenschaft“. „Der Brasilianer“, erläuterte Andrade den provozierenden Titel seines Romans, „hat keine Eigenschaften, denn er besitzt weder eine eigene Zivilisation noch ein eigenes Traditionsbewusstsein.“ Also schickte der Autor seinen indianischen Helden auf der Suche nach der verlorenen Kultur in alle Richtungen des gewaltigen Landes. Auf seiner Reise sammelt er zahllose Erzählungen, Lieder und Bräuche. Doch dann zieht er in die dröhnende Welt der Metropole, und die zerreibt ihm sein indianisches Bewusstsein auf das gründlichste. Macunaíma stirbt, fährt auf in den Himmel, und dort in das Sternbild des Großen Bären einzugehen. Seine Taten der Nachwelt zu berichten bleibt einem Papagei vorbehalten. Ein hübscher Einfall: Ein bunter Vogel plappert besinnliche Strophen – dass sie etwas bedeuten könnten, wird er niemals begreifen. Macunaímas Geschichte, die Geschichte des alten Brasiliens, hat ihren Geist, ihren Sinn verloren. Was bleibt, sind Mythen und Legenden.

Aber die Brasilianer sind poetische Menschen, und bisher haben sie noch aus den abenteuerlichsten Stoffen hübsche Geschichten gestrickt. Und so bleibt auch der 22. April ein Tag der nationalen Größe. Man wird ja wohl noch träumen dürfen.



ner immensen Vermischung des Blutes und der Seelen entstanden...: Menschen in São Paulo

Foto Lutz Kleinhan

22.4.007
500 anos de fé

LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

Estamos celebrando, nestes dias, cinco séculos desde que no solo brasileiro encontram-se as populações indígenas e os contingentes vindos da Europa, da África e mais tarde da Ásia, caldeando raças e culturas e dando origem ao nosso país. Na mesma época recebemos pelo zelo missionário o anúncio de Jesus Cristo Salvador.

Na manhã da ressurreição voltamos, com fé, o olhar para Jesus, que ao vencer o pecado e a morte inaugurou a fase definitiva da humanidade a caminho da vida plena. A paixão de Cristo, sua morte na cruz, tudo demonstra o amor de Deus por nós e seu anseio de eliminar o pecado da história humana, preparando-nos para a alegria da felicidade eterna, em que —pela misericórdia divina— somos chamados a viver em comunhão com Deus e entre nós.

Nos próximos dias, de 26/4 a 3/5, reúnem-se em Porto Seguro (BA) os bispos católicos do Brasil para celebrar, em assembléia geral —unidos ao povo—, as origens e vicissitudes de nossa história. Na oportunidade, recordando os 500 anos, o episcopado enviará mensagem de fraternidade e esperança.

O documento avalia os períodos de formação do povo, constatando que, ao lado de muita coragem e virtude, houve, também, graves injustiças que marcaram de lágrimas e sangue a história do Brasil. O exame de consciência sobre os 500 anos revela a destruição de nações e culturas indígenas e o terrível comércio dos irmãos da África, reduzidos à escravidão. No decorrer dos últimos séculos, infelizmente, houve muitas violações da dignidade da pessoa humana, cuja resultante é, ainda hoje, a exclusão de milhões de brasileiros, sem terra, sem trabalho, vítimas da fome e miséria. No entanto, no Brasil, os contingentes migratórios aprenderam a conviver, superando, aos poucos, distâncias e discriminações e dando origem a um povo que sabe acolher e conserva uma misteriosa capacidade de enfrentar os sofrimentos e manter no coração a alegria que se expressa nos cantos, na dança e nas festas.

Em que modo, ao longo desses séculos, o anúncio da salvação em Jesus Cristo marcou a nossa história? Sejamos agradecidos pelos inúmeros benefícios que o Evangelho nos tem concedido e que penetraram em nosso povo como sementes de vida:

a) Deus é amado com respeito e confiança. Jesus nos ensinou a chamá-lo de "Pai". Dele esperamos o perdão, o pão e a felicidade. Em Jesus Cristo, na proteção de Nossa Senhora e dos santos, encontramos a coragem e a graça diante das dificuldades quotidianas.

b) Da experiência do amor de Deus por nós nasceu no coração de nosso povo a bondade, a tolerância e a compreensão no relacionamento humano. Aprendemos, desde crianças, a lição mais bela do Evangelho, que é o perdão pelas ofensas e o empenho solidário em promover os mais pobres.

c) A Páscoa de Jesus fundamenta e fortalece a esperança do povo que aprende, por amor, a unir seus sofrimentos a Cristo crucificado e encontra nele o auxílio para transformar a sociedade e acreditar na promessa da vida eterna.

A vida nova que a ressurreição de Cristo nos confere, e que comemoramos nesse domingo, continua exigindo de nós um processo de conversão e convida-nos a agradecer a Deus os benefícios recebidos ao longo dos 500 anos. É, também, compromisso de darmos —com alegria e novo ardor— o testemunho da fé em Cristo e do serviço aos irmãos. Feliz Páscoa!

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

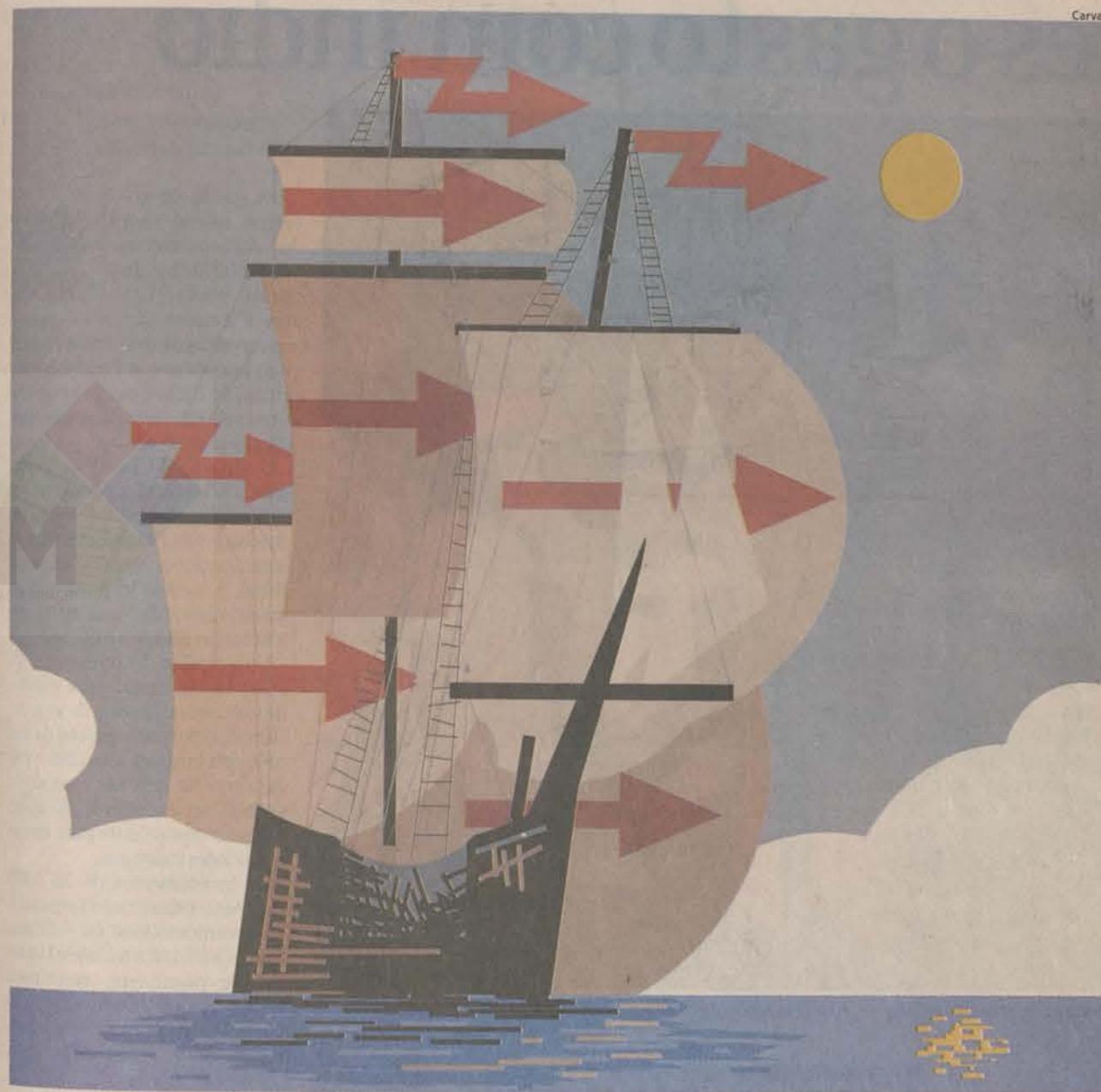
2	33
1	13
0	14
9	15
8	16
7	17
6	18
5	19

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

BRASIL 500 ANOS

22.4.10
#



Pensar o Descobrimento do Brasil

CEED

Pensar o Descobrimento do Brasil é situar o contexto em que ocorrem os debates sobre o Quinto Centenário. Geralmente, o capital histórico alegadamente acumulado no passado é mobilizado para levantar as hipotecas que pesam sobre o presente. O postulado é sempre mesmo: tivemos um passado promissor, portanto somos a Terra da Promissão. Hoje, como nas décadas anteriores, o ufanismo comemorativo brasileiro, num processo de retroalimentação, encontra correspondência na historiografia portuguesa.

De fato, no final dos anos 1930, na Lisboa de Salazar e na Madri de Franco, brotou um iberismo fascista que reescrevia o passado para apagar o antagonismo histórico entre portugueses e espanhóis. Contra essa tendência, o republicano Jaime Cortesão, exilado no Brasil, glorificou os bandeirantes, transformando-os nos primeiros combatentes da luta anti-espanhola que desembocou na restauração da independência portuguesa em 1640.

Essa interpretação, que subalternizava a caça de cativos indígenas — objetivo principal e assumido dos bandeirantes —, caiu como uma luva no imaginário paulista. Em fase de baixa auto-estima por causa do revés da Revo-

lução de 1932, a elite paulista aplaudiu a heroização dos bandeirantes, preadores de índios transvestidos em defensores da liberdade dos povos.

Agora assistimos, por iniciativa de outro historiador português, ao relançamento de uma interpretação feita sob medida para massagear o ego brasileiro: a intencionalidade do Descobrimento. Na sua expressão mais difundida, essa idéia parte de um pressuposto que já contém todo um programa: como é que o Brasil, uma terra tão maravilhosa, pode ter sido descoberto por acaso?

Na realidade, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi o autor da tese da intencionalidade, em meados do século 19. Mas seus argumentos tinham tanto a ver com a história quanto com a insegurança de ser brasileiro.

Como muitos de seus pares, Sousa e Silva não se conformava com os modestos índios que via pelo Brasil afora. Não se conformava que não existisse no Brasil uma civilização pré-colombiana tão avançada como os astecas, os incas e sobretudo como os maias, cujas cidades perdidas haviam sido desco-

bertas pouco tempo antes, nos anos 1840. Sua proposta sobre a intencionalidade destinava-se a reconfortar a idéia da Terra da Promissão: a notícia de que havia uma civilização avançada no Brasil — sinal certo da grandeza de nossas raízes americanas e de nosso porvir — teria levado Cabral a rumar para Porto Seguro.

Gonçalves Dias refutou a tese de Sousa e Silva e Varnhagen nunca a tomou a sério. Alguns historiadores tocavam no assunto de vez em quando, até que a canoa furada da intencionalidade foi de novo posta a navegar.

Com efeito, no seu livro "A Construção do Brasil" (Lisboa, 1995), o historiador português Jorge Couto retoma o argumento da intencionalidade. O retorno dessa idéia no âmbito da historiografia lusitana tem a ver, certamente, com o sumiço da presença portuguesa nas

outras partes ultramarinas. Mal ou bem, o Brasil se transformou no principal trunfo cultural externo de que Portugal dispõe para assentar sua inserção na União Européia.

Em todo o caso, Couto baseia seu argumento da intencionalidade numa frase do geógrafo renascentista Duarte

Pacheco Pereira, no seu livro "Esmeraldo de Situ Orbis" (1505-08). A idéia fez sucesso e virou até capa de revista no Brasil. Ora, outros historiadores portugueses de reconhecido saber, como Duarte Leite e Luís Albuquerque, já haviam derrubado essa hipótese. Mais recentemente, Joaquim Romero Magalhães, também especialista na matéria, ironizou sobre o fato de que toda a argumentação de Couto repousa sobre uma frase ambígua.

Tem havido no debate sobre o Descobrimento um ocultamento do óbvio: a expansão do comércio ocidental impulsionou as explorações ultramarinas. Gente realista, os portugueses não iriam atravessar o oceano para balizar matagais só porque mais tarde ali haveria um país chamado Brasil e uma nação de brasileiros.

Como escrevi alhures, os portugueses foram certamente os primeiros a chegar à Austrália, logo no século 16.

Mas preferiram ficar a 258 milhas da em Timor, onde ganhavam dinheiro com o comércio do sândalo. Duzentos e cinquenta anos mais tarde, os ingleses "descobriram", isto é, ocuparam para valer, a Austrália.

Para todos os efeitos práticos, o Brasil teve um papel bastante secundário durante o apogeu da economia portuguesa na Ásia. Nas 1.102 páginas dos tomos de "Os Lusíadas" (1572), Camões só faz duas curtas referências à Terra da Santa Cruz. Toda essa questão está posta de maneira magistral na obra de Vittorio Magalhães Godinho, "Os Descobri-

mentos e a Economia Mundial" (4 volumes, Lisboa, 1983), estranhamente ausente das listas de livros selecionados por importantes historiadores brasileiros, no "Guia de leitura da história brasileira" (Mais!, edição de 2/4).

Por que então esse retorno à idéia da intencionalidade? Talvez porque a hipótese de que o país foi descoberto por acaso apareça como uma negação retrospectiva da brasilidade. Como desmentido da visão de um território paradisíaco que já prenunciava o nosso vir-a-ser.

O fato é que a busca de certezas no passado reflete as dúvidas sobre o presente. O país enfrenta hoje uma crise de identidade gerada por vários problemas: o impacto da globalização sobre uma comunidade nacional esgarçada pelas diferenças regionais e sociais; décadas de frustrações sobre reformas políticas e econômicas; o dobramento das migrações regionais em imigrações internacionais: pela primeira vez em nossa história, um número crescente de brasileiros, cansado de viver no "país do futuro", vai viver noutro país para realizar seu futuro. Nesse contexto, apesar de tudo, é preciso pensar também no nosso difícil passado. Um passado que soa como uma advertência quando é assim ressonante: a história do mercado brasileiro

amanhado pela pilhagem e o comércio, é longa, mas a história da nação brasileira, fundada na violência e no consentimento, é curta. Ser mercado ou ser nação, eis a questão.

Luiz Felipe de Alencastro, historiador, é pesquisador do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise Planejamento) e professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

A canoa furada da intencionalidade do Descobrimento foi de novo posta a navegar

A história do mercado brasileiro é longa, mas a história da nação brasileira é curta

Os portugueses não iriam balizar matagais só porque mais tarde ali haveria uma nação

500 ANOS Prédio circular, no parque Ibirapuera, em SP, faz Oca de Niemeyer gan



Máscara usada em ritual de iniciação da tribo uaiana, no Pará

CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

O prédio em forma de cúpula no parque Ibirapuera, uma das maiores jóias arquitetônicas brasileiras, de autoria de Niemeyer, terá a partir de amanhã uma função mais nobre do que ser o símbolo paulistano da inoperância, característica que o marcou nos últimos 44 anos, período em que foi sede do Museu de Aeronáutica e do Museu de Folclore. É que amanhã começa a Mostra do Redescobrimento, e o prédio abriga três dos módulos do evento: dois de arqueologia e um de artes indígenas.

No último subsolo, predominam os tons ocres das cerâmicas provenientes dos sítios arqueológicos brasileiros. Nos pavimentos acima, muitas cores e lembranças de culturas vivas ou suprimidas pelo contato com os colonizadores brancos. Lá estarão o vermelho das penas do guará no manto tupinambá, que volta ao Brasil pela primeira vez desde o século 17, quando foi levado para a Dinamarca pelo holandês Maurício de Nassau. Também estão os pontilhados e tracejados dos uaianas (como registra o dicionário "Aurélio"; ou wayanas, como grafava Lúcia Hussak van Velthem, curadora do módulo Artes Indígenas e



S.PAULO

parte do evento que será inaugurado amanhã

ha cores indígenas

Divulgação

30	31	31	32	33
23	30	6	13	
24	31	7	14	
25		1	8	15
26		2	9	16
27		3	10	17
28		4	11	18
29		5	12	19

August

Tribo assimilou contato sem perder identidade

da Reportagem Local

Os índios uaianas vivem no recôncavo do Tumucumaque, entre os rios Jari e Paru, afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, na fronteira do Pará com a Guiana e o Suriname. Segundo a curadora Lúcia Hussak van Velthen, ao todo, em território brasileiro, vivem cerca de 500 uaianas e aparafs (etnia com a qual dividem o mesmo território).

Os uaianas foram contactados pelos brancos no início do século, mas a aproximação se intensificou a partir dos anos 60. "Durante o período militar, o acesso ao local era mais fácil, pois a FAB (Força Aérea Brasileira) tinha dois vôos mensais para a região. Agora nunca se sabe quando terá um vôo", disse a curadora.

Eles pertencem ao grupo indígena caraíba, que, na época da colonização das Américas, ocupava as Pequenas Antilhas, as Guianas e litoral centro-americano.

O contato com o homem branco promoveu, assim como em várias outras tribos indígenas, uma espécie de hibridização. Eles produzem objetos com materiais não-indígenas, como miçangas, que são incorporados pela sociedade dentro de uma lógica interna própria, e também criam objetos para a venda. "As culturas in-

dígenas não permanecem estáticas. Elas mudam constantemente, assim como as outras culturas", disse Van Velthen.

Os uaianas falam carib, uma língua muito complexa, que possui sete declinações, muitos pronomes, vários tempos verbais, junção de palavras, regras de educação e tratamento muito complexas. O próprio termo "uaiana" significa "eu gente", pois estabelece a relação da pessoa com as esferas naturais e sobrenaturais.

"Os uaianas só comem devagar e sentados. Também estão constantemente cuidando de seu eu e dos outros eus" ("uaianaman" significa "o outro"), diz ela.

A iconografia uaiana permite à tribo a visualização dos mitos e a representação de seu cotidiano. Um dos desenhos mais recorrentes na iconografia da tribo é a onça de duas cabeças (veja fotos de banco e de abano à direita). "Trata-se de um ser antropofágico, o mais feroz e bonito da cultura uaiana. O fato de ser bicéfalo é sinal de sua ferocidade", disse.

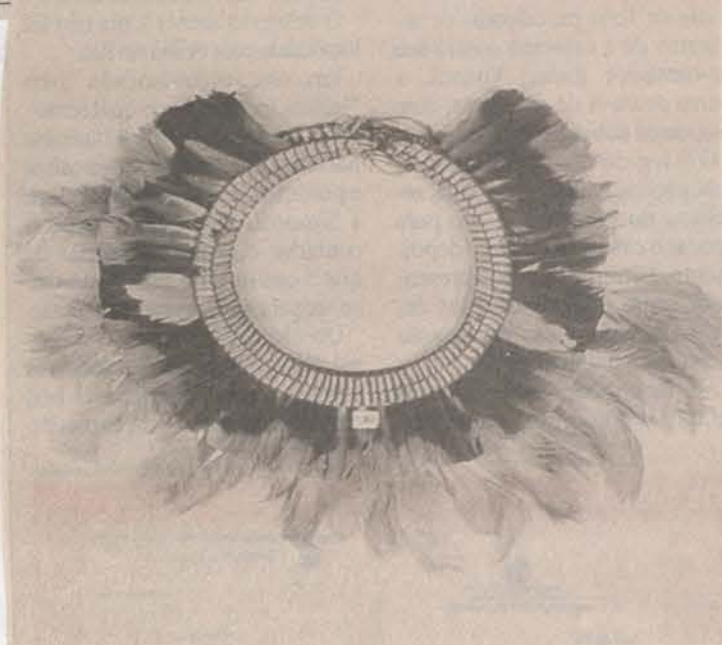
Sua iconografia pode ser resumida em três padrões. A pintura lisa representa a humanidade (o uaiana e os outros); o pontilhado significa a onça e, conseqüentemente, o mundo natural; o listrado é o arco-íris ou a grande serpente (o sobrenatural). (CF)



Banco para uso dos homens em rituais uaianas, que está na mostra



Abano em palha trançada traz representação da onça bicéfala



Diadema emplumado da tribo waiwai proveniente da Alemanha

Decreto da Abolição vem ao Brasil

da Reportagem Local

O módulo Negro de Corpo e Alma ganhou mais um destaque: o decreto de Abolição da escravatura no Brasil, assinado pela Princesa Isabel em 1888. A inclusão do documento, que está em Lisboa, aconteceu esta semana, por sugestão de Elio Gaspari, colunista da Folha. Do acervo da princesa também virá uma pena de ouro com esmeralda incrustada.

pesquisadora da cultura da tribo (por 20 anos).

Os uaianas servem de introdução ao módulo. Das cerca de 600 obras da mostra, 120 são deles.

As obras vieram de cinco museus brasileiros e sete museus europeus. Peças mais antigas, anteriores ao final do século 19, não existem no Brasil, mas são conservadas em museus etnográficos europeus, como os de Copenhague, Berlim, Dresden, Viena, Roma, Lisboa e Coimbra, que cedem obras para o evento.

"Os objetos europeus foram colecionados pela nobreza a partir do século 16 e foram recolhidos principalmente por pesquisadores que se aventuravam pela América do Sul a partir do norte do continente", disse a curadora.

"Os uaianas são um exercício demonstrativo de toda a cultura e artes indígenas e sua produção exemplifica bem o conceito de 'objetos valorizados', aquilo que mais se aproxima da noção de arte em nossa cultura. Não são apenas os objetos rituais e a plumária

que são arte", complementou.

A mostra do Redescobrimto será inaugurada amanhã (para convidados) pelos presidentes Fernando Henrique e Jorge Sampaio, de Portugal. Para o público, o evento abre na terça.

A mostra estará aberta de terça a sexta, das 14h às 22h, e sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. Outras informações podem ser obtidas no site do evento: www.br500anos.com.br ou pelo tel. 0800-780500. Fica em cartaz até 7 de setembro.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

Unabhängige Tageszeitung für
A

KURIER
Samstag, 22. April 2000

„Sollen wir 500

Das offizielle Brasilien zelebriert heute das Jubiläum seiner

Österreich

AUSLAND

5

„500 Jahre Elend feiern?“

Entdeckung / Landlose Indios protestieren und besetzen Farmen

Konrad Kramar

Zum Feiern ist ihnen nicht zumute. Exakt 500 Jahre sind vergangen, seit ein Sturm über dem Atlantik einen portugiesischen Seefahrer namens Pedro Cabral an die Küste des heutigen Brasilien spülte. Für jene, die damals das riesige Land bewohnten, war es der Anfang vom Ende. Von einst fünf Millionen Indianern ist nicht einmal ein Zehntel übrig. Ihre durchschnittliche Lebenserwartung beträgt knapp mehr als 40 Jahre, der Großteil ihres Landes gehört weißen Großgrundbesitzern. Ein aktueller Bericht der internationalen Organisation für Minderheitenrechte fasst die erschreckende Situation von Brasiliens Ureinwohnern zusammen: Egal ob Einkommen, Erziehung oder Rechte, sie stehen immer am untersten Ende der Skala.

„Die Weißen schreien heute, dass sie das Land vor 500 Jahren entdeckt haben“, erklärt der Sprecher eines Indianerstammes: „Das ist eine Lüge. Sie haben es unseren Vorfahren weggenommen. Sollen wir jetzt 500 Jahre Elend feiern?“

Für die Indianer ist der heutige 22. April vielmehr



Indianische Tradition als Ausstellungsstück: Ein Festakt zum 500-Jahr-Jubiläum in einem Museum der Hi

ein Anlass für Proteste. Während Brasiliens Präsident Fernando Cardoso gemeinsam mit seinem portugiesischen Kollegen Jorge Sampaio bei einem Festakt in Porto Seguro, Cabrals einstigem Landeplatz, erwartet wird, haben die Indio-Organisationen landesweit De-

monstrationen und Kundgebungen organisiert. Bereits vergangene Woche hat die „Bewegung der Landlosen“ (MST) mit der Besetzung von Großfarmen im ganzen Land begonnen. 500 zum Großteil unbewirtschaftete Güter sollen mit dem heutigen Tag unter der Kontrolle der MST

stehen. Ein Protest gegen die von der Regierung zwar verordnete aber seit Jahren verschleppte Landreform.

Vom Ort des heutigen Staatsakts aber hat man die Indios vorsorglich bereits vor einigen Tagen entfernt. 2000 landlose Indianer wurden von der Polizei aus Porto Se-

Woche	1	2	3	4	5	6	7
Montag							
Dienstag							
Mittwoch							
Donnerstag							
Freitag							
Samstag							
Sonntag							



Jonathan Mazower, Mitglied einer Hilfsorganisation für Brasiliens Ureinwohner, deren Sicht des Jubiläums: „Und sie haben nicht das Gefühl, dass es besser wird.“

Auch wenn Brasiliens Gesetze den Indianerstämmen des Amazonasgebietes das Recht auf ihre Heimat garantieren, kümmert das im Alltag der Menschen niemand. Immer noch verschaffen sich internationale Konzerne die Besitzrechte über riesige Urwaldflächen, um diese dann auf der Suche nach Öl- und Gasvorkommen oder anderen Bodenschätzen zu roden und zu durchwühlen. „Wenn es irgendetwas Wertvolles dort zu holen gibt“, zeigt sich Mazower resigniert, „dann sind die Ureinwohner das kleinste Problem.“

Entsprechend wenig wollen diese mit dem heutigen 500-Jahr-Jubiläum zu tun haben. Sie organisieren lieber ihre eigenen Feiern, wie etwa im kleinen Dschungelstädtchen Labrea, im Herzen Amazoniens. „40.000 Jahre Entdeckung Brasiliens“ lautete dort vor wenigen Tagen das Motto. „Durch unsere Vorfahren“, erklärt einer der Veranstalter, „die waren nämlich schon ein bisschen länger da.“

Hauptstadt Brasilia

guro ausgewiesen, 5000 Uniformierte haben die Stadt hermetisch abgeriegelt. Ungestört soll die in Originalgröße nachgebaute Karavelle Cabrals heute im Hafen anlegen können, der geplante Höhepunkt der Feier.

„500 Jahre Rassismus und Ausbeutung“, so beschreibt

Ein Österreicher kämpft für ein Stück Amazonien und seine Bewohner

„Ein Ort, wo sich die Jaguare Gute Nacht sagen“: Aus dem „Herzen Amazoniens“ ist Greenpeace-Veteran Wolfgang Pekny für ein paar Tage Urlaub in der Zivilisation nach Wien gekommen. Schon nächste Woche kehrt der Wiener Biologe an seinen derzeitigen Arbeitsplatz zurück: Ein Stück Regenwald, so groß wie die Steiermark,

an einem Nebenarm des Amazonas, ist Heimat der Deni-Indianer. Etwa 1000 des einst 40.000 Menschen zählenden Stammes bewohnen diesen intakten Flecken tropischer Natur, der nun in Gefahr ist, Opfer industrieller Holzwirtschaft zu werden. Ein Großkonzern aus Malaysia, spezialisiert auf Tropenhölzer, hat mittels eines un-

durchsichtigen Privatgeschäfts einen großen Teil des Landes der Deni aufgekauft.

Zwar garantiert Brasiliens Verfassung den Ureinwohnern das Recht auf ihre Heimat, doch in der chaotischen Verwaltung des Landes, wie Pekny erklärt, „gibt es dreimal soviel Landbesitzer wie Land. Während die Regierung ein Stück einem Stamm als Reservat zugesteht, verkauft Privatmann dasselbe Land, weil es sich sein Urgrund bei irgendeiner Provinzhörde gesichert hat.“

Doch um auch nur Rechtsstreit um ihre Heimat antreten zu können, brauchen die Deni gültige Karten. Und zu diesen will Greenpeace verhelfen. Auf dem Schiff „Amazon Guardian“ mit einer Gruppe von Spezialisten in dem besagten



Auf Greenpeace-Schiff unterwegs im Regenwald: Wolfgang Pekny



benarm vor Anker gegangen. In den kommenden Wochen soll das Land der Deni exakt vermessen, kartographiert und schließlich bei den zuständigen Behörden registriert werden. Vermittler zwischen den Umweltaktivisten und den Urwaldbewohnern ist eine örtliche Indianerorganisation, die die Zusammenarbeit überwacht. Pekny: „Die Zeiten, wo man als weißer Umweltschützer in

den Urwald gestürzt ist und die Einwohner ungefragt mit ihrer Rettung beglückt hat, sind für uns lange vorbei. Heute sind wir bei Kontakten mit indigenen Völkern extrem vorsichtig.“ Mit rechtlichen Mitteln allein, das weiß auch der Wiener, ist der Raubbau am Urwald nicht zu verhindern: „Schließlich sind 80 Prozent der Schlägerungen illegal.“ Um nicht nur die Holzarbei-

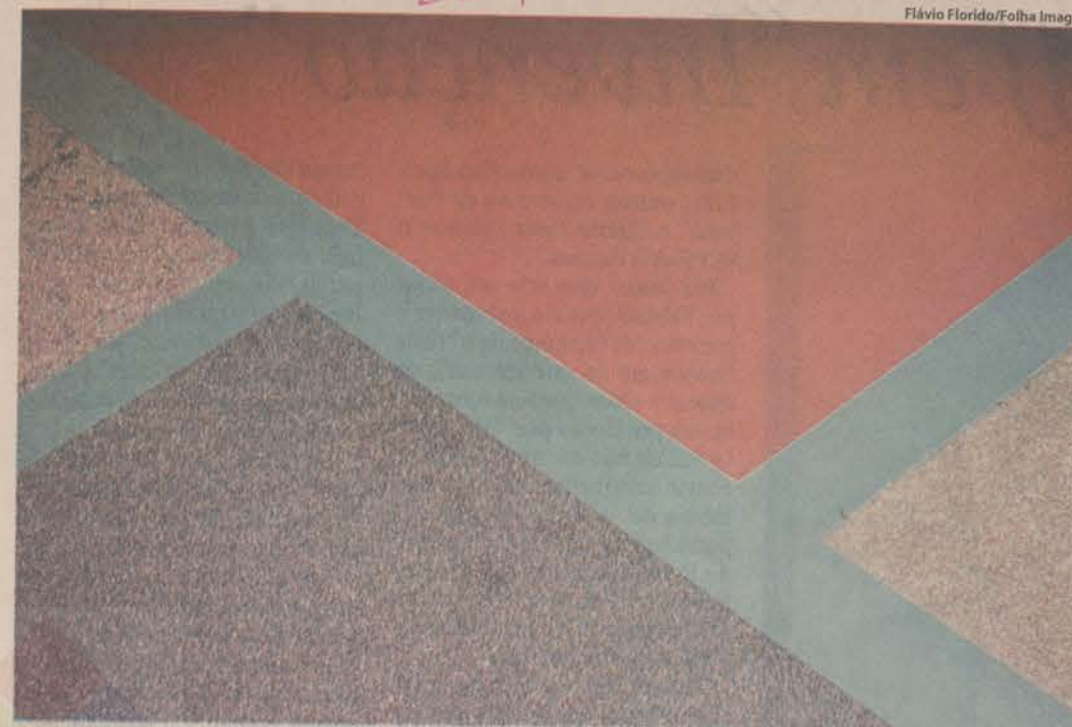
ter – „das sind meistens arme Schweine, die nichts haben“ – zu erwischen, sondern vor allem die „Hehler“, die die Ware kaufen und ins Ausland bringen, aufzuspüren, hat Greenpeace ein Überwachungssystem installiert. Das Holz der bedrohten Wälder wird markiert. So kann sein Weg bis in die Holzwerke Brasiliens verfolgt werden: „Dort sind die wahren Verantwortlichen zu finden.“ ko

Woche	Januar	Februar	Marz	April
Montag	1 8 15 22 29	5 12 19 26	5 12 19 26	2 9
Dienstag	2 9 16 23 30	6 13 20 27	6 13 20 27	3 10
Mittwoch	3 10 17 24 31	7 14 21 28	7 14 21 28	4 11
Donnerstag	4 11 18 25	1 8 15 22	1 8 15 22	5 12
Freitag	5 12 19 26	2 9 16 23	2 9 16 23	6 13
Samstag	6 13 20 27	3 10 17 24	3 10 17 24	7 14
Sonntag	7 14 21 28	4 11 18 25	4 11 18 25	8 15

500 ANOS

22.4.00 7

Flávio Florido/Folha Imagem



Detalhe da cenografia do módulo Artes Indígenas, criada por Paulo Pederneiras com sementes

Pederneiras recupera cultura indígena em sua cenografia

da Reportagem Local

A cenografia criada por Paulo Pederneiras para o módulo Artes Indígenas deve causar impacto por sua simplicidade e pela absorção da cultura indígena que se observa em três dos pavimentos da Oca. Ao contrário de outros cenógrafos, Pederneiras não quer brilhar mais que o módulo.

"A cenografia foi criada para mostrar as peças, não para escondê-las. As obras indígenas têm uma autonomia que procurei preservar", disse.

Em um dos pavimentos, o cenógrafo acrescentou às elegantes colunas do prédio outras tantas para criar no visitante a sensação de caminhar em uma floresta. "Criei um trajeto que não é determinado e regular. Procurei tirar partido da arquitetura do prédio e não criar interferências", disse.

No mesmo andar, nos locais onde não há peças em exibição, Pederneiras criou canteiros geométricos com sementes (urucum, guaraná, sucupira, olho-de-boi, andiroba e outras). A utilização das sementes remete à cultura indígena, que as utiliza em sua pintura corporal (geométricas em geral, como os canteiros) e à medicina. Sua visão aérea, a partir do andar superior, é impactante.

O andar que recebe o festejado manto tupinambá, proveniente da Dinamarca, terá em suas áreas livres canteiros de penas brancas de galinha. A opção por esse material aparentemente prosaico não é casual, já que o módulo abriga ali centenas de peças de arte plumária. Essa escolha ganha ainda em significado pois representa a incorporação e reinterpretação de um material proveniente de uma cultura distinta, como

acontece com os índios quando eles utilizam em suas criações materiais alheios, como as miçangas.

A cenografia do último subsolo, que recebe os módulos arqueológicos, ficou por conta de Naum Alves de Souza.

Índios trabalhando

Algumas das peças apresentadas no módulo Artes Indígenas foram confeccionadas especialmente no local por mão-de-obra altamente qualificada: os índios.

Dois representantes da tribo baniwa, do Amazonas, confeccionaram um grande cacuri, uma armadilha para pegar peixes.

Do Mato Grosso, vieram dois kuicurus e dois bororos. Os primeiros realizaram um apenas e um quarup (marcos para rituais funerários). Os bororos fizeram cestos e rodas para serem utilizados em rituais sagrados. (CF)

Der Archipel Brasilien Ein Mythos und seine 500jährige Geschichte

Von Thomas Sträter

Vor genau 500 Jahren, am 22. April 1500, wurde Brasilien von einer portugiesischen Expedition entdeckt. Auf Grund einer irischen Sage dachte man lange, dass das Gebiet eine Insel darstelle, doch auch als die Karten detaillierter und perfekter wurden, hielt sich der Mythos vom Archipel Brasilien. Für die Innen- wie für die Aussenwahrnehmung des Landes spielt er bis heute eine entscheidende Rolle.

Der vor einigen Jahren mit dem Preis der Kritikervereinigung von São Paulo ausgezeichnete Roman «Ana in Venedig» von João Silvério Trevisan erzählt von der fiktiven Begegnung der Lübecker Familie Mann mit dem brasilianischen Komponisten Nepomuceno in der Lagunenstadt des Fin de siècle. Auf dem Höhepunkt der Handlung kommt in einer hitzig geführten Diskussion um die Zukunft des tropischen Riesenlandes eine seltsame Geschichte ins Spiel. «Ob das Schicksal einer Nation, über deren Geburt der Stern einer so uralten Legende steht, damit nicht für alle Zeiten besiegelt sein könnte. Eine Insel zu sein und zu bleiben. Wird Brasilien jemals zu sich finden? Könnte es nicht sein, dass diese Sage wie ein Fluch auf ihm lastet? Ein Land von den Ausmassen eines Kontinents, und dennoch dazu verdammt, ziellos umherzuirren. Wie eine Treibinsel.» Diese erstaunliche Legende, von der hier so unvermittelt die Rede ist, ist älter als die offizielle Geschichte Brasiliens, wie sie mit der «Entdeckung» durch die Portugiesen am 22. April 1500 vor fünfhundert Jahren begann.

EIN BERG, DANN WÄLDER

Kurz nach Vasco da Gamas triumphaler Rückkehr von seiner Indienfahrt 1499 plante der portugiesische König Dom Manuel eine zweite Expedition zu der an Gewürzen reichen Malabarküste. Kommandant der Flotte aus dreizehn Schiffen mit anderthalbtausend Mann Besatzung ist Pedro Alvares Cabral. Am 9. März 1500 sticht die bis dahin grösste Kolonialflotte des Abendlandes in See. Wie schon da Gama versucht auch Cabral drohenden Windstillen zu entgehen und holt nach der Überquerung des Äquators weit nach Westen aus. (Die Frage, ob möglicherweise die Existenz einer Landmasse im westlichen Atlantik den Portugiesen bereits bekannt war, soll hier nicht weiter interessieren.) An einem Mittwochnachmittag, dem 22. April, taucht am Horizont ein Küstenstreifen auf: zuerst ist ein Berg, dann sind Wälder zu erkennen. Ohne feste Erde betreten zu haben, tauft Cabral die Erhebung auf den Namen Monte Pascoal, Osterberg, und das Terrain Terra da Vera Cruz, Land des Wahren Kreuzes, denn es ist die Woche nach Kreuzigung und Auferstehung Christi. Am darauffolgenden Tag gehen die ersten Portugiesen an Land.

Was wir von dieser Entdeckung wissen, verdanken wir einem historischen Dokument; es stammt von dem Bordschreiber und Chronisten der Flotte, Pêro Vaz de Caminha. In einem Brief

an seinen König, Dom Manuel von Portugal, berichtet Caminha von dem zufälligen Finden (portugiesisch «achamento») eines neuen Landes. Während des ganzen Briefes hindurch ist jedoch keine Rede von einer mutmasslichen Insel. In den letzten Zeilen seines Berichts gibt er ein eher ernüchterndes denn begeisterndes Resümé dessen, was er und seine Landsleute erlebt und gesehen haben. Grosse Wälder, das Brasilholz, dessen wirtschaftliche Bedeutung von ihm aber noch nicht erkannt wurde. Reichtümer sind seiner Meinung nach hier nicht zu holen, nirgendwo eine Spur von Gold, Silber und anderem Metall. Das paradiesische Klima erinnert ihn an die gemässigten Temperaturen Nordportugals. Caminha spart nicht mit Vorschlägen für seinen König, was die dringend gebotene Bekehrung der mit erstaunlich grosser Sympathie und Objektivität gezeichneten Eingeborenen zum christlichen Glauben und die Rettung ihres Seelenheils anbelangt. Die strategische Funktion des Landes könnte in Zukunft die einer Zwischenstation für Schiffe auf dem Weg nach Indien sein, um Wasser und Proviant an Bord zu nehmen. Erst in seiner Abschiedsformel taucht unversehens das Bild einer Insel empor, wenn Caminha schliesst: «Von diesem sicheren Hafen, von Eurer Hoheit Insel des Wahren Kreuzes (Ilha da Vera Cruz), heute, Freitag, den ersten Tag im Mai 1500».

Der Bordschreiber Caminha gibt sich mit seinem letzten Satz weniger als objektiv beschreibender Chronist zu erkennen, sondern eher als ein Autor, der mit Mythen spielt und diese für seine literarischen Zwecke einzusetzen weiss. Er strukturiert seinen dokumentarisch-fiktionalen Text, der übrigens von Brasilien gerne als Gründungstext seiner eigenen Literatur vereinnahmt wird, auf diesen Höhepunkt hin und ist sich sicher mit diesem lakonischen Hinweis, die höchste Aufmerksamkeit seines Königs zu erwecken. Die amorphe riesige Landmasse aus einem Küstenstreifen mit Wäldern, so weit das Auge reicht, bekommt plötzlich Konturen, undeutliche zwar, doch als Insel ist sie ringsum begrenzt von Wasser.

Caminhas Überzeugung, auf einer Insel gelandet zu sein, verweist auf die Tradition der irischen Sage von St. Brendans Seefahrt, in der lateinischen Fassung aus dem 10. Jahrhundert in ganz Europa bekannt geworden als ein prototypischer Vorläufer. Noch zu Beginn der Renaissance genoss die Legende von St. Brendans Seefahrt eine enorme Popularität. War diese Reise zum Paradies das literarische Modell für alle folgenden Inselbeschreibungen – zwischen fiktiver und dokumentarischer Reiseliteratur verlaufen dabei

die Grenzen fließend –, so finden sich verschiedene Topoi daraus in Caminhas Brief wieder. Wie beispielsweise die zeitliche Übereinstimmung mit dem Auffinden der Insel in der Osterzeit, die dem christlichen Abendland Erlösung verheißt, was von den Seefahrern nur als eine himmlische Vorsehung interpretiert werden konnte und als solche auch dem Adressaten Dom Manuel erscheinen musste. Die Aufgabe der Bekehrung der Eingeborenen wird von der göttlichen Vorsehung geradezu eingefordert. In St. Brendans Seefahrt bekommt die Insel daher den Namen Osterinsel, im Falle Caminhas wird der Berg des Landes vom Wahren Kreuz zum Osterberg.

Doch schon lange vor der Entdeckung Brasiliens tauchte auf Atlanten und alten Seekarten, den sogenannten Portulanen, mitten im Atlantik, mal näher, mal weiter von Europas Küsten entfernt, eine geheimnisvolle Insel unter einem Namen auf, der auf die spätere Bezeichnung vorausweist. So im Mediceischen Atlas von 1351 als «Insula de brazii», auf einer Karte von Soleri, 1385, als «Insule de brazii», auf der Karte von Pizigano, 1367, gleich dreimal als eine Art Treibinsel zwischen Irland und den Kanaren. Auf der Karte von Andrea Bianco, 1436, gibt es eine Insel «Brasil» in der Nähe der Azoren. Noch heute erinnert ein Berg namens Brasil auf der Azoreninsel Terceira in der Nähe der Stadt Angra an diese frühere Bezeichnung.

Bei der Bezeichnung «Insel» für neu entdecktes Land spielte wohl auch neben den literarisch-kartographischen Vorstellungen eine geopolitische Entscheidung, die sogenannte «Omni-insular-Doktrin», eine wichtige Rolle. Seit 1091 hatte das Papsttum durch mehrere Bullen Anspruch auf alle Mittelmeerinseln von Konstantinopel bis Gibraltar erhoben und darüber hinaus bis nach Irland und sogar Grönland. Diese waren dem Vatikan tributpflichtig. Mit dem Zeitalter der europäischen Expansion auf den Weltmeeren wurden neu entdeckte Inseln im Atlantik vom Papst wechselweise der spanischen oder portugiesischen Krone zum Lehen gegeben; der Vertrag von Tordesillas, der die Einflussphären beider Seemächte festlegte, beschrieb die neuen Territorien, unabhängig von ihrer Größe, ausdrücklich nur als Inseln. Allgemein war man der Überzeugung, dass sich in westlicher Richtung zwischen Europa und Asien keine grössere Landmasse befinden könne.

Auf jeden Fall übte die Sage von Brendans Phantasieinsel, in der man den Garten Eden wie-

dergefunden glaubte, eine solche Faszination auf die Europäer aus, dass immer wieder Expeditionen aufbrachen, so z. B. zwischen 1480 und 1497 insgesamt sieben Entdeckungsfahrten vom englischen Bristol aus, um den Atlantik nach dem paradisiischen Eiland – erfolglos – zu durchpflügen. Mit anderen Worten: In der Vorstellungswelt der Europäer existierte bereits eine paradisiische Insel, auf der die Einwohner im Zustand der Unschuld lebten, eine Insel Brasil, lange bevor diese entdeckt bzw. gefunden wurde. Elf Jahre danach, 1511, erscheint dann auf dem Marini-Atlas zum erstenmal der Name Brasil für die Ilha da Vera Cruz kartographisch. In dem zurückliegenden Jahrzehnt war das glutrote Holz eines Baumes entdeckt worden. «Brasa» ist das portugiesische Wort für Glut, daher die Bezeichnung für den Baum und das Holz als «pau brasil». Aus ihm liess sich ein Färbemittel gewinnen, das als wichtigstes Exportgut dem Land nun seinen endgültigen Namen gab.

Durch weitere zahllose Expeditionen nach Cabral's «Entdeckung» gewann Europa rasch eine genauere Vorstellung von den tatsächlichen Dimensionen des südlichen Amerika, die Karten wurden immer detaillierter und perfekter. Doch kaum war der Irrtum Caminhas, eine Insel entdeckt zu haben, als solcher erkannt worden, entfachte der portugiesische Kosmograph, allerdings in französischen Diensten, João Afonso die fast erloschene Glut des Mythos aufs neue. Afonso war der erste, der durch seine Schriften den Mythos des tatsächlichen Brasiliens als Insel begründete. In seinen Reise- und Weltbeschreibungen «Cosmographie» und «Voyages aventureux» vertrat er die Auffassung, dass der Amazonas und der Rio de la Plata aus einem See im Innern Südamerikas entsprängen. Um diese Theorie schlagkräftig unter Beweis zu stellen, hält Afonso seinem Leser folgendes Indiz vor Augen: Ein spanisches Schiff sei auf dem Amazonas, damals Maranhão-Fluss, ein portugiesisches über den Rio de la Plata in das Innere Brasiliens eingedrungen, und beide Schiffe hätten sich zuletzt auf einem grossen See getroffen. Er kommt zu dem naheliegenden Schluss, dass der Rio de la Plata und der Amazonas aus Brasilien eine Insel machen.

HANDFESTE ERWÄGUNGEN

Um die gleiche Zeit, als João Afonso dies niederschrieb, 1530 (in gedruckter Form allerdings erst dreissig Jahre später), liess ein reicher Reeder in der nordfranzösischen Stadt Rouen, die der wichtigste Umschlagplatz für das Brasilholz war, ein zweiteiliges Holzrelief für die Fassade seines Hauses anfertigen. Es zeigt nackte Eingeborene, antiken Heroen gleich, beim Fällen und Transport ihres begehrten Exportgutes. Montaigne hat diese Darstellung vermutlich bei seinem Treffen mit brasilianischen Eingeborenen 1572 gesehen; sie dürfte seiner idealisierenden Deutung der brasilianischen Ureinwohner im Essay «Von den Kannibalen» Vorhub geleistet haben. Unter dem Titel «L'île de Brésil» ist diese erste bekannte künstlerische Darstellung amerikanischer Wirklichkeit noch heute im Seefahrtsmuseum von Rouen zu besichtigen. Heute ist man geneigt, die

Cunura y rouuca

Samstag/Sonntag, 22./23. April 2000 · Nr. 95 49

Erzählung Afonsos als eine der vielen aus der Phantasie geborenen zu betrachten, wie sie die Entdeckung der Neuen Welt produzierte. Doch hinter der Behauptung eines durch natürliche Grenzen definierten Inselreiches steckten vor allem handfeste geopolitische Erwägungen. Die Portugiesen zweifelten keineswegs daran, wie mehrere Atlanten aus dieser Zeit zeigen – erinnert sei an denjenigen Sebastian Münsters –, dass Amerika eine einzige zusammenhängende Landmasse, einen Kontinent darstellte. Brasilien wird auf zeitgenössischen Karten als eine bereits definierte geographische sowie kulturelle Einheit gesehen. Mit ihnen erfuhr der Mythos von der Insel Brasilien erneute Bestätigung: Brasilien als ein abgegrenztes, von Hispanoamerika isoliertes Territorium. Es fungierte in erster Linie als ein pragmatischer, gleichwohl unausgesprochener Rechtsanspruch Portugals auf das Territorium Brasiliens, dessen Grösse und Einheit durch den Vertrag von Tordesillas bedroht war.

Als zunächst direkt dem Papst unterstehendes «Insel»-Territorium war sein Machtbereich zudem abgesteckt. Die durch den Meridian des sechsundvierzigsten Längengrades willkürlich gezogene Teilung in eine spanische und eine portugiesische Sphäre, die demzufolge viel weiter östlich der Amazonas mündung verlaufen müsste, wurde kurzerhand ein beträchtliches Stück weiter nach Westen verlegt. Ob João Afonso als patriotischer Lusitanier absichtlich diesen offensichtlichen Rechtsbruch rechtfertigen wollte, ist schwer zu beweisen. Fest steht, dass seine Geschichte von der Verbindung des Amazonas mit dem Rio de la Plata, deren gemeinsame Quelle just auf dem in Tordesillas festgelegten Meridian liegen sollte, bis Ende des 16. Jahrhunderts von vielen Kosmo- und Kartographen Europas übernommen wurde. Diese immer wieder kolportierte Legende wurde noch um die Sage von grossen Goldvorkommen an den Ufern des besagten Quellsees angereichert, der zum Goldsee, dem «Lago Dourado», deklariert wurde. Mit anderen Worten: Bereits im vierten Jahrzehnt des 16. Jahrhunderts hatte die geographische und kulturelle Einheit Brasiliens ihren Ausdruck als expansionistischer Mythos im Bild der Insel gefunden. Bekanntlich ging diese Rechnung auf, denn der Anspruch wurde ihm in der Folgezeit nicht mehr ernsthaft streitig gemacht.

Dieses zu Beginn mit Mythen und Legenden, mit literarischen Erfindungen und Kartographien erkämpfte isolierte Inseln schlug aber in anderer Hinsicht zum Nachteil für Brasilien aus. Nicht zuletzt ist es mitverantwortlich dafür, dass

die Rezeption brasilianischer Literatur der hispanoamerikanischen nachhinkt. Es gibt ganz offensichtlich eine Diskrepanz zwischen den unbestrittenen literarischen Errungenschaften Brasiliens und der offenkundigen Unkenntnis dieser Glanzpunkte im Ausland. Der bedeutendste lateinamerikanische Romancier des 19. Jahrhunderts war Machado de Assis; das erste moderne lateinamerikanische Epos am Beginn des 20. Jahrhunderts, die Beschreibung des Kriegs um Canudos, «Os sertões» von Euclides da Cunha; das bis dahin avancierteste Sprachexperiment innerhalb des Romans Mário de Andrade's «Macunaima»; Guimarães Rosas' «Grande sertão: veredas» aus den fünfziger Jahren gilt als ein Höhepunkt und Modell der epischen lateinamerikanischen Romankunst.

Das sind nun nicht nur die Meinungen einiger Brasilianisten, sondern Einschätzungen von Schriftstellern wie dem Mexikaner Carlos Fuentes, dem Peruaner Mario Vargas Llosa oder dem Spanier Juan Benet. Der Doyen der brasilianischen Literaturwissenschaft, Antonio Cândido, sah einen Grund für die geringe Anerkennung der Literatur seiner Heimat in eben Brasiliens Inselisolation begründet. Das riesige Brasilien ist wie von einem Meer von mehr als einem Dutzend spanischsprachiger Länder umgeben. In diesem Sinne sind auch die Worte des Soziologen Gilberto Freyre, des grossen Interpreten der synkretistischen brasilianischen Kultur, in einem Buch mit dem bezeichnenden Titel «Kontinent und Insel» von 1940 zu verstehen, wenn er die geokulturelle Verfasstheit seines so heterogenen Heimatlandes als Archipel auffasst.

SELBSTERFINDUNG

Wäre das riesige portugiesischsprachige Territorium zerbrochen, wie sich das einige separatistische Bewegungen im letzten Jahrhundert, im Nordosten die Konföderation der Äquator-Provinzen (1824) oder im Süden die Republik von Piratini (1835–1845), zum Ziel gesetzt hatten, so stünden heute drei zwar kleinere portugiesischsprachige Nationalliteraturen, doch mit deutlichem Gewicht, dem hispanoamerikanischen Block gegenüber. So aber waren die Autoren der Insel Brasilien anders als ihre hispanoamerikanischen Kollegen dazu verurteilt, letztlich nur für sich und ihre «Insel» zu schreiben.

Am Ende des Romans «Ana in Venedig» finden wir den Brasiliensucher, den Komponisten Nepomuceno, in einem Flugzeug Kurs Insel Brasilien, wo ihn die letzte Offenbarung des Rätsels der göttlichen Vorsehung erwartet: Wie einst St. Brendan und seine Gefährten eine Seefahrt zur «Insel der Glückseligen» unternahmen und in ihrer Nachfolge Cabral und sein Bordschreiber Caminha schliesslich die Insel des Wahren Kreuzes fanden, die durch Meere und Flüsse vom Rest der Neuen Welt isoliert war, so taucht hier die Insel Brasilien als eine Mischung aus Utopia und Atlantis aus den Fluten der Geschichte auf. Fünfhundert Jahre nach dem Auffinden eines Eilands, dem man den Namen Brasilien gab, ist die Selbsterfindung, oder sollte man sagen: Selbsterfindung, seiner Bewohner noch längst nicht abgeschlossen.



Brasilien-Darstellung auf dem «Atlas Miller», um 1519. (Bild Bibliothèque nationale, Paris)

Neue Zürcher Zeitung
INTERNATIONALE AUSGABE

22. 4. 00

FEUILLETON

Schauplatz Brasilien

Das Spiel, das zählt

Ein Geschichtsjubiläum in einem geschichtslosen Land

Kein Fussballklub trägt seinen Namen, nicht einmal ein Denkmal hat man ihm errichtet: Pedro Álvares Cabral, dem Entdecker Brasiliens. Dieser hatte vor 500 Jahren, am 23. April 1500, mit einer Flotte von zwölf Karavellen an einem fremden Gestade weit westlich der Kanarischen Inseln und südlich des Äquators geankert, hatte seine Boote mit Frischwasser und Wildfleisch beladen und war nach elf Tagen weitergesegelt – nach Indien. Das eben erst entdeckte Land, voller Papageien und nackter Wilder, schien ihm des Bleibens nicht wert zu sein.

Warum sollen die Brasilianer den Portugiesen Pedro Cabral besonders ehren? Hat es sie nicht «schon immer» gegeben? Von Oiapoque bis Chui – alles Brasilianer, 165 Millionen. Mögen sie Fernando Henrique Cardoso, Tizuka Yamasaki, Hitler Mussolini da Silva oder Dietmar Starke heissen, sich als Yanomami oder Yuppie geben, mit dem Einbaum oder dem Auto zur Arbeit fahren, braune, gelbe, schwarze oder weisse Haut haben. Allesamt sind sie vierfache Fussballweltmeister. Das verbindet und zählt. Soll doch Portugal feiern, wenn es will. Und ganz nebenbei, so fragen selbst gebildete Brasilianer: Wann sind denn Portugal oder Deutschland «entdeckt» worden? Und was hatten die Pataxo, die Tupi und die Botokuden von den stinkenden, bärtigen Eindringlingen? Drei Millionen Ureinwohner mögen vor 500 Jahren auf den 8,5 Millionen Quadratkilometern des heutigen Brasiliens gelebt haben; 250 Jahre später waren sie durch Sklavenarbeit und Krankheit so gut wie ausgerottet. Heute bezeichnen sich 350 000 Brasilianer als Indios.

Die Vergesslichkeit einer Henne

«Porto Seguro» nennen die Portugiesen die ruhige Bucht an der Mündung eines kleinen Flusses. Man liest eine Messe, errichtet ein Holzkreuz und lässt zwei Schwerverbrecher zurück. Eine mannshohe Marmorstele, die auf der einen Seite die portugiesische Krone und auf der anderen das Malteserkreuz trägt, erinnert hier an die Entdeckung Brasiliens. Ein gewisser Duarte Coelho hatte den Stein wohl 1504 errichtet, aber erst 1980 fand man ihn – bei einem Metzger, dem er als Hackblock gedient hatte.

«Brasil tem memoria de galinha», spotten die Brasilianer über die ihnen eigene «Vergesslichkeit einer Henne». Sie macht nicht einmal vor Bau- und Denkmälern aus der Barockzeit halt, die in Europa bis zum letzten Nagel geschützt werden, hier aber nicht selten ohne viel Federlesen einer Tiefgarage weichen müssen. Ist Geschichtslosigkeit Barbarei? Dem Naturforscher Alexander von Humboldt schien es so – jedenfalls beobachtet er auf seiner «Reise in die Äquinoctial-Gegenden des neuen Kontinents» (1799–1804), wie Archive und Bibliotheken in tropischer Schwüle den Termiten und Ameisen leicht zum Opfer fallen und nur mit übermenschlicher Anstrengung vor dem Verfall gerettet werden können. Kein günstiges Klima für die Blüte einer Hochkultur.

Die Geschichtslosigkeit der Brasilianer mag noch einen Grund haben: ihre ethnische Vielfalt. «Jeder Brasilianer ... trägt auf der Seele und oft auch auf seinem Körper das Mischlingsmal seiner Abstammung vom Indianer oder Neger», konstatierte der Soziologe Gilberto Freire 1933 in seinem Werk «Herrenhaus und Sklavenhütte» und eckte damit bei der Oberschicht an. Dabei verriet schon deren Gesichter, dass «Brasilien in der Hängematte des blassen Grundherrn und seiner dunklen Mätrissen» gezeugt wurde. Hitlers Rassenwahn brachte neue Menschen ins Land. Und in Rio de Janeiro entdeckte man den Charme, ein Schmelztiegel der Rassen und Kulturen zu sein, «ein drittes Rom» sogar, wie der Anthropologe Darcy Ribeiro sein Vaterland rühmte.

Dass dieses tropische Riesenreich nicht wie der Rest Lateinamerikas in unzählige Republiken auseinanderfiel, ist erstaunlich genug. Man kann es mit den Händen greifen: das brasilianische «Wirkgefühl». Bloss: Wie wird man Brasilianer – oder was macht Brasilien aus? Weder der Mythos vom Gottkaiserreich noch eine Queen, weder die Zugehörigkeit zum «ausgewählten Volk», zum «christlichen Abendland» oder zur «Grande Nation» eint die Brasilianer. Die Nationalgeschichte ist kurz (Brasilien wurde 1822 von Portugal unabhängig), Kriege hat man so gut wie nicht geführt, und wenn es so etwas wie ein gemeinsames Gefühl für kollektives Schicksal gibt, dann mag es das sein, in einem grossen, weiten Land zu leben, in dem für jeden Platz ist, so viel Platz, dass man sich darin verloren vorkommt und die Nähe sucht. Kein Brasilianer träumt wie unsereins von «menschenleeren, paradiesischen Stränden». Ganz im Gegenteil: Man zieht dorthin, wo schon

andere hocken, um gemeinsam zu feiern. Brasilianer sind süchtig nach Hautkontakt.

Ihr Verhältnis zur Natur mögen Öko-Europäer als «gestört» bezeichnen und dabei vergessen, dass Grimms Märchen von Wölfen, Waldgeistern und Hexen nur so wimmeln. Die Natur galt bis zur Spätromantik auch in Europa als bedrohlich, es hiess, sie zu zähmen. «Der Brasilianer ist mit der Natur nicht verbunden. Entweder lebt er mitten in ihr und ist schwer von ihr zu unterscheiden. Oder aber er geht gegen sie vor mit Feuer und Eisen», notiert Vilém Flusser, der tschechische Emigrant, über seine Zwangsheimat Brasilien, in das er 1940 vor den Nazis geflohen war.

Alles ist grösser in Brasilien – und das wird seinen Bewohnern so recht erst klar, wenn sie als Touristen an den Ufern des Rheins stehen und sich betrogen vorkommen: Dieses Rinnsal der vielbesungene Schicksalsstrom? Und weil alles in Hülle und Fülle vorhanden ist, kann es auch abgebrannt werden. Zu einer «Kulturlandschaft» im europäischen Sinne haben es die Brasilianer nicht gebracht. Das gleiche gelte für die Städte, beobachtet 1934 der französische Ethnologe Claude Lévi-Strauss: «Ihre Jugend verblüht, ohne dass sie gealtert sind.» Und Flusser jammert: «Der Brasilianer lebt in einem Land, das von ihm als Landschaft überhaupt nicht erlebt wird. Darum kennt er, selbst wenn er kultiviert ist, nur ungenau die Namen der Pflanzen und Tiere, hat an ihrem biologischen Rhythmus so gut wie kein Interesse, sammelt weder Pflanzen noch Schmetterlinge, noch Pilze.»

Stefan Zweig, der ebenso europamüde wie europasüchtige Erfolgsschriftsteller, der seine letzten Jahre im brasilianischen Exil verbrachte, hat Brasilien in blinder Liebe zum «Land der Zukunft» geadelt. Brasilien als künftige Grossmacht? Davon träumen seine Militärs und Politiker. Die Zukunft des Landes indes liegt wohl eher in seiner Gegenwart. Natürlich nicht in seiner

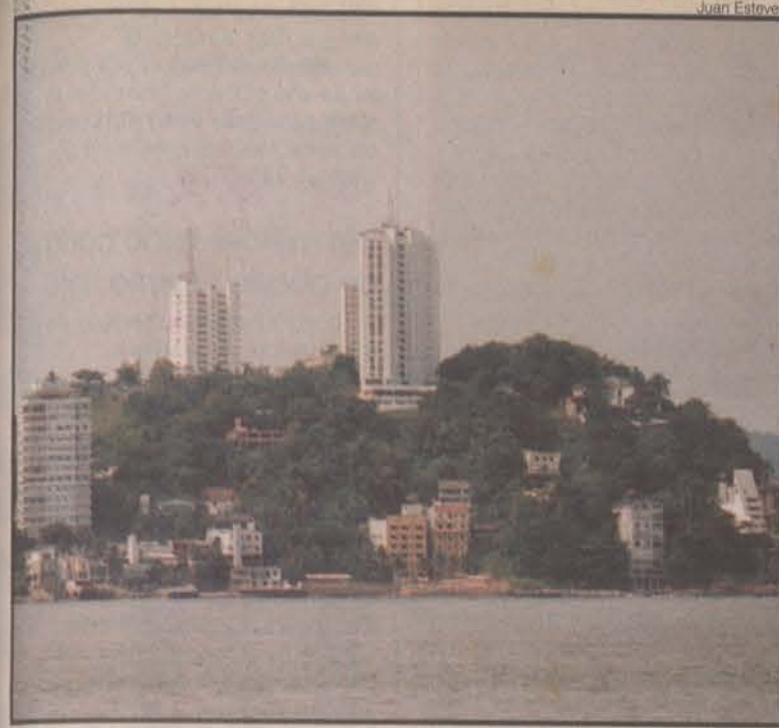
skandalösen sozialen Apartheid – aber in seiner Vitalität und in seinem Talent, sich über die banale Wirklichkeit hinwegzusetzen. Wem das zu hoch gegriffen scheint, sei an die Fussballbegeisterung der Brasilianer erinnert, an ihren nie zu bremsenden Enthusiasmus, ihre Gier auf Neues und ihre Weigerung, an einer abgestandenen Sache (wie etwa an Kreditverträgen) festzuhalten. Kadavergehorsam und Knickerei gibt es nicht. Kriege wie in Kosovo sind unvorstellbar. Aber das «Glück der Tiere», die Spielleidenschaft, der Karneval und die afrikanische Kultur des Rhythmus, «die rituell graziöse Art, mit welcher selbst Messerstechereien in Vorstadtlökalen ausgeführt werden» (Flusser): das ist Brasilien.

Sich durchmogeln

Der Volksheld Brasiliens ist der «Malandro», der charmante, spitzbübische Tunichtgut und Überlebenskünstler; eine Figur, die Don Juan, Don Quijote oder Schwejk das Wasser reichen könnte. Das Durchmogeln ist in Brasilien zur hohen Kunst entwickelt worden. «Sempre da um jeito» – es gibt immer (irgendwie) einen Ausweg (vor der Katastrophe): davon sind die Brasilianer zutiefst überzeugt. Den kulturpsychologischen Kern hat der von sich selbst höchst eingenommene Charles de Gaulle getroffen, als er sich über die Unpässlichkeiten beim Staatsbesuch beklagte: «Ce pays n'est pas sérieux.»

Nein, zum Glück ist Brasilien nicht ernsthaft, streng, entschieden, gemessen, trocken, nüchtern, steif. «Der Kater kommt bestimmt, aber vorher nehmen wir lieber noch einen Schluck aus der Pulle!» oder «Wer keine Hunde hat, jagt mit den Katzen», lauten brasilianische Volksweisheiten. Was morgen kommt, ist ungewiss, was gestern war, hat man lieber vergessen. Jeder Brasilianer tauscht den Vorteil des Augenblicks gegen eine womöglich bessere Zukunft. Das Märchen vom «Hans im Glück» könnte von hier stammen. Vilém Flusser sieht in Brasilien so etwas wie die Genese einer «neuen Art Mensch, eines «homo ludens»». Der aber sei dem Druck der importierten Ernsthaftigkeit ausgesetzt: «Die Angst und Sorge der Brasilianer ist im Grunde; wir sind elend und werden immer elender, weil wir uns und die Welt um uns herum zu ernst nehmen.» Weniger abstrakt hat den gleichen Gedanken der Regisseur Nelson Rodrigues geäussert: «Beim Fussball ist der Blinde der, der nur auf den Ball starrt.» – Pedro Alvares Cabral hat vor 500 Jahren seine Chance verpasst. Hätte er Brasilien wirklich entdeckt, wäre er länger geblieben. Aber der seriöse Portugiese hat auf den Ball, auf Indien, gestarrt.

Carl D. Goerdeler



Ilha Porchat, centro da vida noturna, será ligada por passarela a obra de Niemeyer

São Vicente fica fora da festa dos 500 anos

Primeira vila do País é esquecida pelos organizadores do evento

Márcio Vençiguerra
de São Vicente

A primeira vila do Brasil foi esquecida nos festejos de 500 anos. Apesar de ter sido o porto mais importante do início da conquista portuguesa, a prefeitura está isolada na tentativa de atrair atenção para São Vicente. Enquanto as águas de Porto Seguro já estão

cheias de réplicas de caravelas, nenhuma vela quadrada com a cruz de Malta vermelha pode ser avistada hoje nas águas santistas.

A Bahia conseguiu firmar a imagem de ponto de partida da colonização européia, com uma grande campanha de marketing e promoção do turismo. Mas se fosse só por causa das âncoras da frota de Cabral e uma missa na praia, a história seria

outra. O fundador de São Vicente, Martim Afonso de Souza veio à colônia para erguer uma igreja e um pelourinho. Fundada oficialmente em 22 de janeiro de 1532, São Vicente já era um importante posto de trocas controlado por um branco degredado. Mestre Cosme Fernandes, o Bacharel, não se importava em negociar com franceses, holandeses ou até navios com bandeiras piratas. A

prosperidade dele no litoral paulista incomodava o rei Dom João III.

Com a chegada do nobre português, o Bacharel foi exilado ao sul, em Iguape. E a ação de Afonso de Souza desencadeou uma série de eventos históricos que culminaram nas cores que tremulam hoje sobre o morro dos Barbozas.

A maior bandeira do País é o principal marco colocado pela prefeitura de São Vicente para comemorar os 500 anos. A cidade ainda busca pa-

trocinaidores para erguer um memorial alusivo à data. O projeto da torre de 25 metros de altura, assinado por Oscar Niemeyer, se ergue sobre um conjunto de pedras no mar. A obra, orçada em R\$ 1,5 milhão, pode ser financiada com os incentivos da Lei Rouanet. O neto de Niemeyer, Carlos Eduardo, compara o mirante e salão de exposições ligados por uma passarela à Ilha Porchat ao Museu de Arte Moderna de Niterói. ■

ver mais na página 8

Carta de Caminha é re

JULIANA MONACHESI
especial para a Folha

“Pero Vaz de Caminha tem o mérito de ter sido o padrinho da rede de dormir, talvez a maior contribuição indígena para nossa cultura, porque é o embalo do sonho”, afirma Gilberto Vasconcellos, professor de ciências sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Os especialistas se dividem entre a reverência e a desmitificação com a volta da carta de Caminha ao Brasil, para a celebração do quinto centenário do Descobrimento. O documento, um relato ao rei de Portugal D. Manuel I, sobre a expedição de Cabral, é considerado a primeira notícia oficial sobre a existência do Brasil, e estará exposto na Mostra do Redescobrimento a partir de amanhã, em São Paulo.

A carta chega acompanhada de uma seleção de arte portuguesa do século 16, vinda do Museu de Setúbal, para contextualizar esteticamente o período da descoberta, e de diversos documentos, entre eles a versão catalã do Tratado de Tordesilhas.

A vinda da carta é uma ocasião única para apontar os elementos mitificantes da história, na opinião do historiador José Murilo de Carvalho, professor titular do



departamento de história da Universidade Federal do Rio.

A carta de Caminha só foi publicada em 1817 por Aires de Casal. Até então, o grande documento da chegada dos europeus aqui entre 1499 e 1501 (os espanhóis Hojeda, Pinzón e Diego de Leppe, o

português Cabral, o florentino Vespúcio) era a carta de Vespúcio a Lourenço de Médiçi, publicada em 1503, explica Carvalho.

Igualmente conhecida foi a carta de Vespúcio a Soderini, publicada em torno de 1505, relatando sua segunda viagem. As duas lhe

TRECHOS DA CARTA

“(…) um deles pôs olho no colar do capitão, e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata (...). Isso tomávamos nós assim por assim o desejarmos.”

“Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com

seus arcos e setas, à qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentamos nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e a dançar um pedaço.”

“Homem não lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais; e tudo se passa como eles querem, para os bem amansar.”

“Os outros dois, que o capitão teve nas naus, nunca mais aqui apareceram —do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esauiva. Po-

rém e com tudo isso andam muito bem curados e muito limpos. (...). Isso me faz presumir que não têm casas nem moradas a que se acolham, e o ar, a que se criam, os faz tais.”

“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem nenhuma crença. (...) Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação.”

“Águas são muitas: infundadas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela

tudo, por bem das águas que tem." (da adaptação de Jaime Cortesão)

verenciada e criticada

valeram a homenagem de Waldseemüller, que chamou de América o novo continente.

"Por aí já se vê que considerar a carta de Caminha nossa certidão de nascimento já faz parte de uma construção que inclui dois elementos principais: afirmar a primazia portuguesa em nossas terras e firmar uma visão idílica do contato entre portugueses e nativos", afirma o historiador.

Com pompa e circunstância, o documento será exposto com iluminação e segurança especiais, colocado contra uma parede dourada, envolto em uma aura de preciosidade. A visão crítica fica por conta dos artistas brasileiros.

Inicialmente ela seria acompanhada de 11 releituras da carta feitas por artistas portugueses, uma pequena exposição que a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses atrelou à vinda do documento ao Brasil. O curador Emanuel Araújo convidou artistas brasileiros para fazer o mesmo.

O paraense Emmanuel Nassar reproduziu uma das páginas da carta e mandou ampliar em banner. Sobre ela, imprimiu suas iniciais, rasgando o vinil.

"Cometi um ato de vandalismo, produzindo um grafite desses que se vêem nas ruas, que são a mais radical expressão do individualismo", diz Nassar. A carta, ao ser ampliada tantas vezes, apresen-

tou uma granulação. "De longe é um documento histórico, de perto é pop", brinca.

A leitura contemporânea está na visão de um documento de 500 anos por meio de reprodução tecnológica moderna.

Rasurar a carta estabelece um diálogo com algo primitivo. São duas linguagens se cruzando, uma interseção entre o simbolismo das imagens: a carta sendo um símbolo coletivo e o vandalismo, um símbolo individual.

Luiz Zerbini criou uma escultura da fusão de dois corpos sem cabeça e colocou sobre os torsos unidos dois crânios. "Nunca tinha lido a carta toda, achei que meu trabalho tinha a ver com ela", diz o artista, que pintava paisagens figurativas.

"A primeira imagem que um cara tem do Brasil é essa, é a paisagem. Depois, o encontro de duas civilizações trouxe coisas boas e ruins, daí retratar o drama da diferença, remetendo inclusive à questão da antropofagia", diz.

Se Caminha escrevia sobre o comportamento dos índios, que, ao cabo de uma semana, "andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre eles", manso é o comportamento dos portugueses ao reinterpretar a carta. "Enquanto eles fazem obras ilustrativas, os brasileiros são viscerais", diz o curador-geral, Nelson Aguilar.

Módulo traz

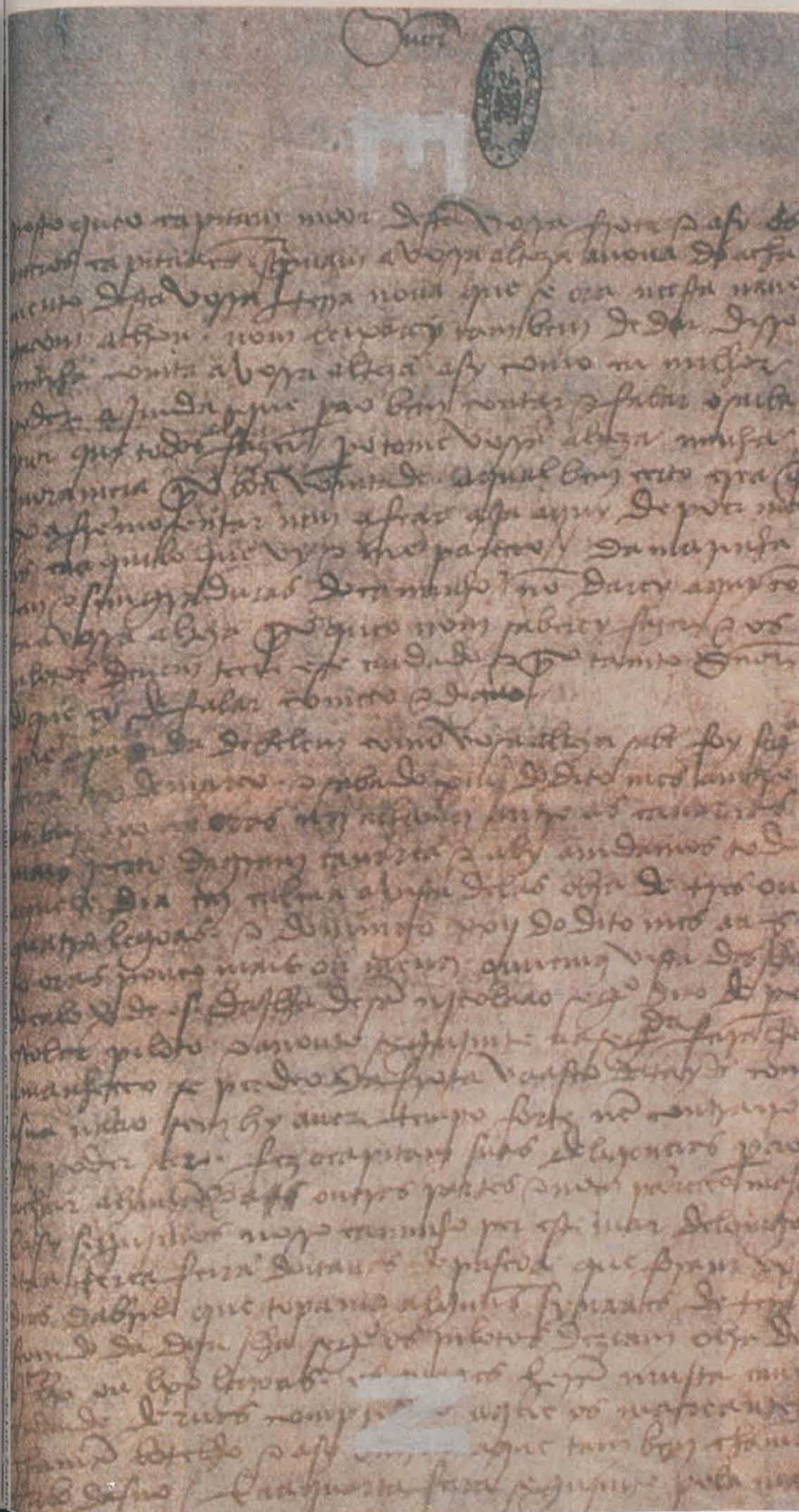
especial para a Folha

Não bastassem as preciosidades históricas, o módulo dedicado à carta de Caminha propicia ainda uma oportunidade de ver obras fresquinhas de artistas brasileiros,

nova produção

vários deles presentes também no módulo de arte contemporânea.

Depois de ver trabalhos de João Câmara, José Roberto Aguilar e Siron Franco no pavilhão da Bienal, o visitante poderá checar as alterações de linguagem na pro-



MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO

6 8 FOLHA Ilustrada

segunda-feira, 24 de abril de 2000

de artistas plásticos

dução recente desses artistas no pavilhão Manoel da Nóbrega, onde está o módulo da carta.

E poderá também apreciar obras de artistas cuja ausência no módulo de arte contemporânea é sentida. É o caso de Paulo Pasta,

que expõe pela primeira vez uma pintura da nova série em que está trabalhando atualmente.

Sobre o convite para fazer uma releitura da carta de Caminha, Pasta afirma que não se pode ter uma atitude purista. "A gente tem de estar aberto a outras coisas, que acabam transformando o trabalho eventualmente", diz.

O artista, que não gosta de nada literal em suas pinturas e procura evitar qualquer retórica, preocupou-se em estabelecer uma relação sutil com o tema, sem ser ilustrativo. "Não quis empobrecer minha pintura", conta.

Coerente com uma obra que sempre cria lugares subjetivos, a pintura de dois enormes piões remete ao deslocamento e ao choque de que a carta, veladamente, trata. Essas formas são novas no vocabulário plástico de Pasta.

Na série que ele expôs em 99 na galeria Camargo Vilaça, eram colunas que habitavam suas pinturas. "Não me entendo como pintor geométrico. Então, é como se as colunas tivessem engordado." O silêncio de suas pinturas e as elaboradas relações de cor permanecem, mas elas ganham um peso e um volume antes ausentes. (JMo)



Pasta, que expõe nova série

Editoria de Arte/Folha Imagem

Artistas na mostra

Brasileiros:

José Roberto Aguilar
Flávio Emanuel
Luiz Zerbini
Paulo Pasta
Siron Franco
João Câmara
Glauco Rodrigues
Rosângela Rennó
Emmanuel Nassar
Karin Lambrecht
Antonio Hélio Cabral

Portugueses:

Álvaro Lapa, Ana Vidigal, Costa Pinheiro, Fernando Lemos, Graça Moraes, João Vieira, José de Guimarães, Julio Pomar, Julio Resende, Nikiás Skapinakis e Noronha da Costa

1 ■ 8 brasil segunda-feira, 24 de abril de 2000

FOLH

500 ANOS *Maior mostra já feita no país reúne 15 mil ob*

Redescobrimiento é

HA DE S.PAULO

ras em 13 módulos no parque Ibirapuera, em São Paulo

inaugurada amanhã

Obras do séc. 19 são expos

especial para a Folha

O segmento "Arte do Século 19", da Mostra do Redescobrimiento, apresenta problemas de conservação de algumas das obras brasileiras mais importantes desse período, emprestadas de acervos de vários museus do país.

Instaladas no piso térreo do Pavilhão da Bienal, as telas não contam com proteção contra os raios

solares que passam pelas paredes de vidro do prédio.

Entre a luz solar e os quadros há apenas o cenário, feito de tecidos de pano branco translúcido, que permite a passagem e a incidência de luz e de calor diretamente nos quadros.

Desde sexta-feira, quando foram colocadas no piso térreo da Bienal, obras que representam a última etapa do segmento (sobre

a passagem do Império para a República), como "Salto de Itu", de Pedro Alexandrino, do acervo do Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora (MG), e "Tiradentes Esquartejado", de Pedro Américo, estavam frontalmente expostas ao sol.

Entre os problemas que a incidência direta de raios solares em óleo sobre tela pode causar estão a diminuição da intensidade das

tas ao sol

cores das obras e rachaduras, causadas pelo ressecamento da tinta.

Segundo Luciano Migliaccio, curador do segmento "Arte do Século 19", a organização pretende colocar nas paredes de vidro do Pavilhão da Bienal, até amanhã, dia da abertura oficial da Mostra do Redescobrimiento para o público, filtros que bloqueiam a entrada de raios ultravioleta e infravermelhos. (AM)



Funcionário coloca o manto tupinambá em exposição na Mostra do Redescobrimento, anteontem

as fazendas de café. Além da Hospedaria construída na capital, outras duas tiveram suas obras iniciadas, porém não concluídas, nas cidades de Santos e Campinas.

gente pois, segundo A. Jordão Netto, "aquela orientação de mandar a pessoa para o interior do Estado deixou de existir

cesso de expansão industrial e consequente urbanização, deixava a mui-

ma referida: "O processo surgiu quando a migração deixou de ser uma opção para ser problema

Cinecaverna reproduz a pré-história

da Reportagem Local

A reprodução de uma caverna pré-histórica e a mais moderna sala de projeções do país formam o conjunto que deverá atrair boa parte das atenções de quem visitar a Mostra do Redescobrimento, a partir de amanhã.

A idéia da criação do Cinecaverna, nome do local — literalmente um cinema com 600 lugares, acoplado a uma caverna "fake" —, foi proporcionar uma visita virtual aos primórdios do Brasil, aos tempos em que a arte apenas dava seus primeiros sinais de vida por esta parte do planeta.

"Estamos usando tecnologia do futuro para contar a história do passado", afirma o diretor Nelson Hoineff, responsável pelo filme de meia hora de duração que, por meio de documentário, animação e efeitos sonoros, procura resumir tudo o que aconteceu ao homem — e também à arte — em território brasileiro desde a pré-história.

O equipamento do futuro a que se refere Hoineff é o conjunto formado por sistema de som digital e sistema de gravação de imagem, também digital e de alta definição, além do projetor inglês Digital Projection SX15. A tela tem 17 metros de largura por 10 metros de altura.

"Esta aparelhagem oferece uma qualidade fantástica. E pode-se dizer que aqui ocorrerá a primeira projeção pública em alta definição do mundo, pois o outro equipamento existente nestes moldes está em um laboratório na Bélgica", afirma Hoineff.

Antes e depois da projeção, o público tomará contato com imagens — virtuais ou reais — que reproduzem cenas de uma caverna verdadeira, com todos os seus componentes arqueológicos. (LC)

Rio faz parada nav

Fotos Ricardo Bonalume Neto



Caravela portuguesa Boa Esperança em Lisboa, durante a Expo 98; embarcação estará no Rio

24.4.00
FSP

500 ANOS Evento gratuito e comemorativo ao Descobrimento terá embarcações e veleiros do Brasil e do exterior al neste domingo

RICARDO BONALUME NETO
especial para a Folha

O brasileiro que estiver no Rio de Janeiro no próximo domingo vai poder perceber que "caravela" não é sinônimo de "veleiro" e que "nau" não é a mesma coisa que "caravela" —erros que têm jorrado da mídia nesta época de relembrar o Descobrimento.

Na manhã do dia 30 vai ser realizada a Parada Naval 500 anos, quando veleiros atuais, réplicas de veleiros antigos e modernos navios de guerra vão passar lentamente ao largo das principais praias cariocas e entrar na baía da Guanabara.

Segundo o 1º Distrito Naval, os veleiros iniciam a parada às 9h20 ao largo da praia do Leblon, passam por Ipanema e Copacabana e terminam fundeando às 12h07 junto à Escola Naval, na ilha de Villegaignon (ao lado do aeroporto Santos Dumont).

O destaque entre os veleiros é o brasileiro Cisne Branco, da Marinha, que foi construído na Holanda e chegou ao Brasil para as comemorações dos 500 anos na Ba-

hia. Zarpou de Portugal acompanhado por outro bellissimo veleiro moderno, o navio-escola Sagres, da Marinha portuguesa.

Os navios de guerra brasileiros e estrangeiros partem às 10h05 da Barra da Tijuca, passam por São Conrado, Leblon, Ipanema, Copacabana e Leme e chegam na Escola Naval às 13h15.

Entre as duas partes haverá um desfile aéreo com helicópteros da Marinha, da ponta do morro Dois Irmãos à ponta do Leme.

Mas, mesmo antes da parada, vários dos navios estarão abertos à visitação pública.

Um deles é o navio-escola Capitán Miranda, do Uruguai, que vai estar entre os dias 26 e 28 atracado ao lado do Espaço Cultural da Marinha, no centro, e poderá ser visitado das 14h às 17h.

No dia seguinte à parada, 1º de maio, a maior parte dos outros veleiros estarão abertos a visitas no mesmo local e horário (Sagres, Barconauta, Boa Esperança e Cisne Branco).

Há dúvidas sobre a possibilidade de a nau Capitânia, réplica daquela que Cabral comandava,

participar do evento. Deveria estar pronta para as comemorações na Bahia anteontem, mas teve problemas com a falta de lastro.

A esquadra de Cabral tinha 13 navios, dos quais apenas 3 eram caravelas. Havia uma naveta (pequena nau) e nove naus.

A primeira distinção é o tamanho: as caravelas eram navios menores; as naus eram mais bujudas.

A caravela tem o casco mais alto na popa (atrás) e mais baixo na vante. Era mais comum terem velas latinas triangulares, mas podiam ser modificadas com velas quadradas (chamadas, curiosamente, de "redondas").

Já as naus tinham os chamados "castelos" na popa e na proa (frente do navio), e as velas redondas predominavam.

Os veleiros modernos, como o Cisne Branco, têm cascos mais esguios e maior número de velas nos mastros, além de terem as chamadas bujarronas —velas triangulares içadas entre o mastro da vante e o gurupés (o mastro inclinado que sai do bico da proa).



Navio de desembarque-doca Rio de Janeiro, da Marinha brasileira, na base naval do Rio

Navios participantes da Parada Naval 500 anos

Editoria de Arte/Folha Imagem



Rio de Janeiro, 30 de abril 2000

▶ Veleiros e navios antigos

- Navio-escola Sagres - Portugal
- Navio-escola Capitán Miranda - Uruguai
- Veleiro Barconauta - Portugal
- Caravela Boa Esperança - Portugal
- Navio-veleiro Cisne Branco - Brasil
- Caravela Espírito Santo - Brasil
- Nau Capitânia - Brasil
- Veleiro Tocorimé - Brasil
- Navio-museu Laurindo Pita - Brasil

▶ Navios de guerra estrangeiros

- Navio de pesquisas Protea - África do Sul
- Fragata Spiro - Argentina
- Fragata Victoria - Espanha
- Fragata Estocin - Estados Unidos
- Fragata Van Speijk - Holanda
- Navio-escola Wodnik - Polônia
- Navio-tanque Grey Rover - Reino Unido
- Contratorpedeiro Southampton - Reino Unido
- Fragata Almirante Garcia - Venezuela
- Navio de desembarque Esequibo - Venezuela

▶ Navios de guerra brasileiros

- Navio de desembarque-doca Rio de Janeiro
- Fragata Rademaker
- Fragata Bosisio
- Fragata Defensora
- Fragata Independência
- Fragata União
- Navio de desembarque de carros de combate Mattoso Maia

Fonte: Marinha do Brasil

Público pode visitar navios e veleiros

especial para a Folha

Além dos raros veleiros, o turista poderá ver no Rio uma significativa amostra de navios de guerra modernos antes da parada.

Nos dias 27 e 28 próximos, entre 9h e 15h, alguns deles estarão abertos à visitação ao largo do cais das docas, na avenida Rodrigues Alves, no centro.

Ali estarão as fragatas Van Speijk (Holanda), Spiro (Argenti-

na), Victoria (Espanha) e Almirante Garcia (Venezuela).

Depois, no dia 29 de abril, esses navios suspendem do porto para participar da parada no dia seguinte.

No dia 1º é a vez de outro grupo de navios ocupar os mesmos cais e poder ser visitados.

São eles o navio-tanque Grey Rover (Reino Unido), o navio-hidrográfico Protea (África do Sul), e de novo a Spiro e a Victoria.

Balas de ferro e pedra

As antigas naus e caravelas só tinham canhões que atiravam balas esféricas de ferro (ou mesmo de pedra).

Já os navios de guerra modernos possuem mísseis contra navios e aviões, canhões antiaéreos, canhões para fogo de superfície, torpedos e helicópteros, além de uma profusão de antenas que dão a eles silhuetas bem diferentes dos elegantes veleiros. (RBN)

POIS DA FESTA Em missa de Páscoa, d. Angélico critica violência policial

Para bispo, FHC deveria se cercar de negros e índios

ROBERTO COSSO
Reportagem Local

Bispo d. Angélico disse ontem, durante o sermão da missa de Páscoa, que o "presidente da República deveria ter honra e se cercar de índios e negros na comemoração dos 500 anos do Brasil".

D. Angélico, bispo-auxiliar de São Paulo que está sendo transferido para Blumenau, afirmou após "500 anos de exploração" que todos nós temos responsabilidade na luta pela demarcação das terras indígenas e classificou como "pancadaria" os conflitos ocorridos anteontem na Bahia entre índios e policiais.

Ele lembrou que, "muito antes dos portugueses chegarem, já tinha gente por aqui" e que "quando os conquistadores chegaram,

havia entre 5 milhões e 8 milhões de índios e índias, mas hoje são apenas 350 mil".

Segundo d. Angélico, "Páscoa é dar nossa colaboração para melhorar este mundo". Ele centrou seu discurso na educação.

"Acontece a Páscoa quando nos damos as mãos para pedir escola para todos. Se isso ainda não existe, é por causa da pouca vergonha dos governantes. As eleições estão aí: não adianta votar em bobo alegre. A qualidade da escola depende do seu voto. Cada um de nós pode dar sua contribuição para melhorar o mundo." O bispo também pediu a Deus "uma política agrícola decente" para que não haja mais pessoas sem terra.

D. Angélico disse que a Páscoa é "a passagem do ódio para o amor, do sexo pelo sexo para o sexo responsável com amor".

A missa foi celebrada na igreja Nossa Senhora da Conceição, no Jaraguá (zona noroeste de São

Paulo), e reuniu cerca de 500 pessoas, a maioria jovens com idades entre 15 e 25 anos.

A missa começou pouco depois da 0h e teve características típicas das celebrações da renovação carismática — corrente da Igreja Católica que prioriza os aspectos espirituais em detrimento das questões sociais. D. Angélico é ligado à Teologia da Libertação, associada aos movimentos sociais populares.

"O importante é termos conteúdo com compromisso; não excluimos ninguém", disse d. Angélico. Metade do tempo da missa, que durou mais de duas horas, foi tomada por cantos e danças dos jovens fiéis.

Em vez de ser feita a leitura do Evangelho, como ocorre normalmente nas missas, a passagem bíblica foi interpretada por três jovens. O estudante secundarista Thiago Pessoa Ferreira, 16, que é negro, representou Jesus Cristo.

No meio do sermão, o bispo chamou ao altar a psicóloga Vanessa Dias de Oliveira, 24, e a entrevistou sobre o preconceito social contra negros e mulatos.

Os fiéis, todos moradores da periferia de São Paulo, doaram alimentos não-perecíveis para serem entregues aos pobres.

Jovens de origem japonesa, índia, negra e italiana dançaram no altar "por um novo milênio sem exclusões sociais".

Após a missa, cerca de 2.000 jovens saíram atrás de um trio elétrico cantando e dançando pelas ruas da zona norte da capital "para anunciar a ressurreição de Cristo", segundo as palavras de ordem. Os moradores, acordados pelos jovens, abriam as janelas de suas casas e acenavam.

A caminhada só acabou às 6h, após os jovens percorrerem 14 quilômetros ao som de bandas católicas da comunidade da região da Vila Brasilândia.



Rogério Albuquerque/Folha Imagem

D. Cláudio se concentra na ressurreição

ARMANDO ANTENORE
da Reportagem Local

O arcebispo metropolitano, d. Cláudio Hummes, não deu muita ênfase às questões sociais e políticas no sermão de Páscoa que fez ontem de manhã em São Paulo. Nem mesmo os 500 anos do Brasil mereceram atenção especial.

Setores progressistas do clero paulistano esperavam que d. Cláudio — associado à ala moderada da igreja — tratasse do Pittagore durante a missa que presidiu, às 9h, na Catedral da Sé (região central da cidade).

A expectativa se sustentava em pelo menos um fato: há 11 dias, o arcebispo divulgou uma carta à cidade pedindo a apuração "rigorosa e rápida" das denúncias de irregularidades que envolvem a prefeitura e a Câmara Municipal. Foi a primeira vez que a arquidiocese tratou do assunto.

A carta trazia um tom surpreendentemente duro para quem acompanha os pronunciamentos de d. Cláudio. Exigia a punição "dos culpados" e enfatizava que "a corrupção burla a lei, ignora a justiça, despreza a verdade, favorece a impunidade, destrói o bem comum e ensina a hipocrisia".

No sermão de ontem, porém, o arcebispo preferiu se concentrar em discussões teológicas. Procurou explicar para os cerca de 400 fiéis que o escutavam o significado da ressurreição de Jesus, celebrada pelos cristãos no domingo de Páscoa. Falou por 20 minutos, de maneira pausada e didática.

Começou citando o apóstolo



Márcio Fernandes/Folha Imagem

D. Cláudio Hummes celebra missa de Páscoa na catedral da Sé

Paulo: "Se Cristo não tivesse ressuscitado, nossa fé seria vazia, e nossa pregação, inútil, vã".

Quando superou a morte — prosseguiu d. Cláudio —, Jesus provou "que nós também" vamos superá-la. Deu substrato material "à nossa crença".

O arcebispo salientou que a fé cristã não perde a força porque se baseia "em intervenções históricas de Deus". "A vida, a morte e a ressurreição de Cristo não são coisas inventadas. São fatos. Aconteceram historicamente."

Apenas as frases finais da homilia mencionaram a realidade brasileira: "Nós, cristãos, precisamos anunciar que, como Jesus, podemos vencer o mal, a morte e, portanto, as mazelas da sociedade de hoje, a corrupção, a violência, o

desemprego, a fome".

Depois da missa, repórteres perguntaram para d. Cláudio por que ele não repetiu, no sermão, as críticas expressas na carta à cidade. "Se falo muito de política, dizem que só falo de política. Se falo pouco, dizem que não falo nada", comentou. "A Páscoa é uma festa religiosa. Os jornalistas não devem vir aqui pensando que farei uma pregação como se fosse o líder de um partido."

Questionado sobre os confrontos que marcaram as comemorações dos 500 anos na Bahia, respondeu: "O Brasil é uma potência emergente, mas temos de reconhecer que ainda há muito a realizar — principalmente porque, com razão, o povo está reivindicando trabalho".

D. Paulo fala da violência no sermão

ANGÉLICA SANTA CRUZ
da Reportagem Local

O cardeal d. Paulo Evaristo Arns celebrou uma missa de domingo da ressurreição recheada de pequenas parábolas. Ele incluiu na celebração críticas à violência nas comemorações dos 500 anos do Brasil e deu conteúdo social às suas preces. Tudo isso em mensagens de otimismo para a platéia de 300 idosos do Hospital Geriátrico D. Pedro 2º, em Jacaré, antes. Sobre os 500 anos do Brasil festejados com tantas desavenças e tanta desunião, disse: "Não há necessidade de uma reconciliação necessária entre as pessoas."

Os 15 minutos de homilia foram dedicados à audiência de católicos brancos. Aos internos, d. Paulo explicou a importância das "peças velhas". Disse que o apóstolo João fez o relato da ressurreição 70 anos depois da morte de Cristo e "lembrou de tudo, até da pregação em que estavam as toalhas".

D. Paulo referiu-se ainda à própria idade — "eu estou com 70 anos e mal lembro de coisas da infância" — e à do papa João Paulo 2º, 79: "Ele, assim como nós, bem devagarinho, mas chegou".

Ele se referiu ao poder de renovação da Igreja Católica. "Nosso igreja maravilhosamente renova e se alimenta. Por isso repitamos o que vale a pena ser cristão".

D. Paulo lembrou que Cristo nasceu e morreu pobre: "Precisamos zelar pela dignidade dos excluídos. A grande coisa deve ser justa, dar dignidade e verdade de expressão às pessoas".

Annäherung ans Paradies

Zum Fünfhundertsten feiert Brasilien die Ekstasen des Barock in der Pampa: Kunst in den Missionen

PORTO ALEGRE, im April

Die christlichen Kommunen aus bekehrten Indianern und Jesuiten im Südamerika des siebzehnten und achtzehnten Jahrhunderts sind nicht nur historisch von einzigartiger Bedeutung, sondern auch kunstgeschichtlich und soziologisch. Diese Missionsgemeinschaften werden zuweilen als Realität gewordene Utopie oder als Annäherung an das Paradies bezeichnet inmitten einer von Kolonialismus, Sklaverei und schlimmster Ausbeutung gekennzeichneten Welt. In Rio Grande do Sul, dem südlichsten Bundesstaat Brasiliens, lebten europäische Patres der „Gesellschaft Jesu“ und Guarani-Indianer in Frieden und unter gleichen Lebensbedingungen miteinander. Nicht mit roher Waffengewalt, sondern unter dem Einsatz ziviler Kräfte schufen Jesuiten funktionierende Kommunen mit jeweils mehreren tausend indianischen Bewohnern. Dabei mussten sie sich, nicht immer erfolgreich, gegen weiße Sklavenjäger wehren, die als Pioniere aus Europa in den ressourcenreichen Kontinent gekommen waren.

Das staatliche Museu de Arte do Rio Grande do Sul in der Hauptstadt Porto Alegre zeigt zurzeit eine Ausstellung über die Kunstwerke dieser jesuitisch-indianischen Missionsniederlassungen. Die Geschichte der „Missões“ ist für die Region von Bedeutung, weil sie sich neben dem politischen Mutterland Brasilien immer auch über die Nachbarschaft zu den spanischsprachigen Ländern Argentinien und Paraguay definierte. Die Missionsdörfer, auch Reduktionen genannt, verteilten sich diesseits und jenseits des Flusses Uruguai auf ebendiese drei Länder. Darüber hinaus ist die Ausstellung ein Mosaikstein in den unzähligen brasilienweiten Veranstaltungen, die anlässlich der Fünfhundertjahrfeier des „descobrimiento“ (der Entdeckung) der eigenen Geschichte gedenken.

Die Kunstwerke, knapp fünfzig Skulpturen und einige Architekturfragmente, stammen aus dem Missões-Museum von São Miguel. Auch dieser Ort ist eine ehemalige Guarani-Reduktion, gegründet im Jahr 1632 und seit 1983 Weltkulturerbe der Vereinten Nationen. Die Ruinen der Wohnanlagen und der von einem Mailänder Jesuiten um 1740 gestalteten Kirche aus rötlichem Sandstein sind eingebettet in eine weite, fruchtbare Buschlandschaft mit roströter Erde; auch davon kann man sich in der



Ein Engel der Guarani: Die Unterweisung in den schönen Künsten zählte zum jesuitischen Missionsauftrag. Foto Museum

Ausstellung einen Begriff machen. Der Architekt Lúcio Costa — neben Oscar Niemeyer Planer der neuen Hauptstadt Brasília — war von dem Ort so beeindruckt, dass er 1940 für São Miguel ein Museumsgebäude gestaltete. Die Kirchenruine erinnerte Cos-

ta an einen dramatischen Schiffbruch, womit er nicht nur den Bau, sondern auch das Schicksal der utopischen Idee dahinter meinte. In dem großen Roman „Die Zeit und der Wind“, den Erico Verissimo zwischen 1946 und 1964 über Rio Grande do Sul schrieb, wird das alternativ-friedliche Gemeinschaftsleben in São Miguel ebenfalls als kulturelle Blütezeit in einer barbarischen Umwelt beschrieben. Der „Schiffbruch“ fand dann um 1750 statt, als die Missionen auf brasilianischem Gebiet durch die spanische und portugiesische Armee gewaltsam geräumt wurden.

Es gehörte zum Bildungskanon und zum Missionsauftrag der jesuitischen Patres, die Techniken der schönen Künste genauso zu beherrschen wie naturwissenschaftliches Denken oder die verschiedensten handwerklichen Fertigkeiten. Sie brachten Modelle europäischer barocker Kirchenkunst in die Pampa und lehrten die Guarani Malerei, Zeichnen und Bildhauerei an Zedernholz und Sandstein. Die Resultate dieser Kunstverpflanzung in eine völlig andere Kultur sind höchst eigentümlich. Sie haben nichts gemeinsam mit der individuellen Kunst des einzig dastehenden brasilianischen Bildhauers Aleijadinho aus Minas Gerais. Sie nehmen alle Individualität zurück: Die Werke sind anonym und künstlerisch unterschiedlich ausgereift. Dadurch wirken die Marien- und Heiligenfiguren wie ausgestellt in einer Volksprozession.

Auf den ersten Blick ist vieles vertraut. Die barocke Linie in den Holzskulpturen korrespondiert mit gleichzeitiger Dynamik in der Körperhaltung und im Gewand. Häufig sieht man eine hingebungsvolle, theatralische Neigung des Kopfes mit leicht geöffnetem, staunendem Mund. Und selbst, wo Hände und Arme inzwischen verloren gegangen sind, ahnt man die offensive barocke Gestik des Zeigens oder der Bestürzung. Hauptmotive sind die Maria der unbefleckten Empfängnis (Nossa Senhora da Conceição), Zeugnis der katholischen Gegenreformation, sowie Heilige und Engel. Josef mit dem Kind auf dem Arm ist kein müder Greis mit eisgrauem Bart, sondern ein junger Vater, der das Kind mit gebotener Demut, aber liebevoll präsentiert. In die Modelle italienischen, spanischen oder österreichischen Barocks mischen sich Details, die man unwillkürlich dem ausübenden Kunsthandwerker der Guarani zuschreibt: der gezackte Saum eines Gewandes, grobe Falten im Umhang, wie es Le-

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Para lembrar

PIERRE SANÉ

28.4.08

A vela que simboliza a Anistia Internacional tem estado acesa por apenas 40 dos 500 anos do Brasil. Porém sua chama contém a memória coletiva de mais de 1 milhão de membros em todo o mundo que estarão relembando nesse aniversário as centenas de brasileiros pelos quais fizeram campanha nestes anos.

O Brasil hoje é muito diferente daquele que descrevemos em nossos primeiros relatórios anuais, no início dos anos 70. Naquela época o Parlamento fora dissolvido, a censura era rigorosa, centenas de supostos "subversivos" eram vítimas de tortura e "desaparecimento", protestos de ativistas de direitos humanos passavam despercebidos.

Agora, relatamos com regularidade uma série de iniciativas positivas: o Programa Nacional de Direitos Humanos estabelece uma pauta importante; as autoridades têm cooperado com a sociedade civil em projetos que abrangem desde a proteção de testemunhas até a profissionalização de policiais e guardas de presídios; a polícia submeteu-se ao escrutínio de ouvidorias em vários Estados; existem propostas para solucionar a crise de desumanidade reinante no sistema prisional.

A concretização desses avanços deve-se exclusivamente à tenacidade de indivíduos que tiveram a coragem de defender a dignidade humana, percorrendo o caminho desbravado por aqueles que lutaram contra a extinção das comunidades indígenas, que batalharam para pôr fim à escravidão e que protestaram contra a tortura e o assassinio sob o regime militar. São essas pessoas que proporcionam ao Brasil motivos para celebrar o dia de amanhã.

Talvez seja óbvio afirmar que ainda existe um longo caminho a percorrer. Mas vale repetir, uma vez que continuamos recebendo diariamente denúncias de assassinios e tortura — herança terrível de uma história de impunidade no Brasil. Somente nos últimos meses perdemos mais um defensor dos direitos humanos, João Elísio Pessoa, morto a tiros diante da mulher por ter denunciado um grupo de extermínio



policial que se acredita seja responsável pela morte de uma centena de pessoas.

Assistimos também à morte de João Ferreira da Silva nas mãos de policiais militares durante uma manifestação pacífica em Brasília. Continuamos a observar o fracasso das autoridades em proporcionar uma força policial profissional, treinada e equipada para prevenir e investigar o crime, bem como proteger a sociedade.

Os familiares dos milhares de vítimas de assassinato e tortura policial não estarão celebrando os 500 anos do Brasil. Eles são, em sua maioria, os pobres e ignorados, já sem esperança de que a justiça seja feita. A impunidade permanece firmemente estabelecida e ainda não

Familiares de vítimas de tortura e assassinato não estarão celebrando os 500 anos do Brasil

existe um sistema efetivo de investigação independente dos abusos cometidos por policiais.

Mesmo em alguns dos casos de maior destaque, que provocaram indignação no país e no exterior — Carandiru, Corumbiara e Eldorado do Carajás —, os responsáveis ainda não foram levados a julgamento. Em outros casos, tais como as chacinas da Candelária e de Vigário Geral, mesmo com a condenação de policiais em julgamentos-espetáculo, nenhuma vítima recebeu nem sequer um real de compensação.

Talvez os que menos tenham razões para celebrar a data de amanhã sejam os povos indígenas do Brasil, vítimas de

violência, repressão e privações desde que os portugueses desembarcaram em suas praias.

Estranhamente, as autoridades têm falhado em proteger o seu direito à vida e à dignidade, na prestação de cuidados adequados para lhes permitir enfrentar as epidemias que os têm dizimado e em defendê-los dos povos não-indígenas que cobiçam suas terras. Ainda no mês passado, em Roraima, índios e missionários que os apoiavam foram alvo de ameaças e intimidações. Em janeiro, índios do povo guarani-nhandeva foram espancados durante uma tentativa ilegal de expulsão ocorrida no Mato Grosso do Sul. Os perpetradores de tais atos sempre escapam à Justiça.

Essas são apenas algumas das razões pelas quais os membros da Anistia Internacional do mundo inteiro, de todas as culturas e camadas sociais, estarão amanhã pensando no Brasil.

Lembrarão os "desaparecidos", as incontáveis vítimas da tortura e os que morreram nas chacinas. Lembrarão os defensores que deram sua vida pelos direitos dos outros. Lembrarão junto com os pais que perderam seus filhos, com homens e mulheres que perderam seus esposos, com os amigos que perderam amigos. Eles lembram quando todos os demais já esqueceram. Lembram a fim de responsabilizar matadores e torturadores. Mas, acima de tudo, para aprender as lições do passado e avançar rumo a um futuro em que a dignidade humana seja primordial.

Pierre Sané, 51, economista senegalês, doutor em ciência política pela Universidade de Ottawa (Canadá), é secretário-geral da Anistia Internacional.

der, dem Hauptbekleidungsstück der Indianer, zu eigen ist, sowie indianische Gesichtszüge.

Dennoch stellt sich die Frage, ob man eine längliche Augenform, markante Brauen und hervortretende Wangenknochen sogleich mit dem Etikett „indianisch“ versehen sollte. Nach den authentischen „Reißbeschreibungen“ eines Tiroler Jesuiten aus den neunziger Jahren des 17. Jahrhunderts waren die Guarani perfekte Nachahmer in jedem Handwerk, entwarfen jedoch nichts aus eigener Vorstellung. Eine weitere Eigenheit der „Missões“-Figuren ist ihr Sockelstück. Die Skulpturen wachsen gleichsam aus einem Stück Baumstamm mit runder Grundfläche heraus. Manchmal sind diese Sockel schlicht, fast roh, manchmal sind sie aufwendig gestaltet wie bei einigen Marienstatuen, deren Füße auf Cherubköpfen oder auf der feindlichen Schlange stehen. Bei manchen Figuren ist die Fußpartie eine primitive, unbearbeitete Fortsetzung des Sockels, bei anderen wieder sind die nackten Füße detailliert und kunstvoll gestaltet. Einer der Engel steht so schwerelos auf seinem Standort, dass der tänzerische, kapriziöse Körperschwung ihn geradewegs abzuheben scheint.

Neben der Bildhauerei lehrten die Patres in den Reduktionen auch Gesang und Tanz sowie Instrumentenbau. Nach einem niederländischen Modell bauten die Guarani sogar eine Orgel, wie der Tiroler Jesuit berichtet. Die Musik, zu der die Indianer eine große Affinität hatten und die sie ebenfalls in erstaunlicher Weise nachahmen und so erlernen konnten, war für die Europäer ein willkommener Weg zur Missionierung. Das tägliche, gesungene Gotteslob und die Feiertagsmusik bestärkten die bekehrten Indianer im neuen Glauben. Im Gegenzug studierten die Patres die Sprache der Guarani, um sie im Alltag, aber auch im geistlichen Zusammenhang zu sprechen. Das Vaterunser und das Ave Maria wurden in Guarani gebetet, und die Sprache, die bisher nur mündlich überliefert war, mitsamt Wörterbuch und Grammatik aufgeschrieben.

In diesen Tagen werden brasilianisches Barock und die Skulpturen der „Missões“ in São Paulo bei der wohl größten Veranstaltung des Landes zur Fünfhundertjahrfeier „Brasil 500 Anos“ gezeigt. In diesen fünfhundert Jahren Kolonisation und Vielvölker-Geschichte nimmt die Zeit des Barock ohne Zweifel eine zentrale Stellung ein.

ANJA-ROSA THÖMING

Gewalt überschattet 500-Jahr-Feiern

140 Indianer in Brasilien verhaftet

Demonstranten verurteilen Völkermord und fordern Landrechte

Porto Seguro (AP/epd) – Die offiziellen Feiern zum 500. Jahrestag der Entdeckung Brasiliens durch die Portugiesen sind von schweren Ausschreitungen überschattet worden. Die Polizei ging mit Schlagstöcken und Tränengas gegen rund 2000 Indianer vor, die am Samstag in der Küstenstadt Porto Seguro gegen die Feiern protestierten. Die Staatsanwaltschaft kündigte Ermittlungen zu dem gewaltsamen Polizeieinsatz an. Nach unbestätigten Berichten wurden 15 Indianer verletzt, mehr als 140 Menschen wurden offiziellen Angaben zufolge festgenommen. Staatspräsident Fernando Henrique Cardoso äußerte sein Bedauern über „Exzesse“.

In Porto Seguro waren am 22. April 1500 portugiesische Entdecker unter Pedro Alvares Cabral an Land gegangen. Die Demonstranten prangerten den Völkermord an den Ureinwohnern an. Sie

forderten Landrechte für die Indianer und eine Bodenreform für arme Bauern. In Brasilien liegen 90 Prozent des Landes in den Händen von 20 Prozent der Bürger, während die ärmsten 40 Prozent nur ein Prozent besitzen. Der Leiter der staatlichen Indianerstiftung Funai, Carlos Mares de Souza, reichte aus Protest gegen die Polizeigewalt seinen Rücktritt ein.

„Wir wollten in Frieden marschieren“, sagte einer der Demonstrationsführer, Nailton Pataxo. „Die Regierung begegnet uns mit Gewalt. Das ist das wahre Gesicht Brasiliens, 500 Jahre danach.“ Bundesstaatsanwalt Marcio Torres sagte, die demonstrierenden Indianer und ihre Anhänger seien mit Gewalt ihres Rechtes zur freien Meinungsäußerung beraubt worden. Er bezeichnete die Polizeiaktion als illegal und ungeschickt. Zeitungsberichten zufolge wurde gegen den leitenden Polizeioberst Haftbefehl erlassen.

Mais 500?

RUI NOGUEIRA

25-4-2014

Brasília — A rigor, as comemorações dos 500 anos não são exatamente pobres. Fartas em milhões de reais, mas ocas. A reação de índios e sem-terra é do tamanho do acinte planejado nos gabinetes oficiais. Com uma violência circunstancialmente fora de foco, mas sempre dentro de um contexto que os herdeiros das capitâneas se recusam a entender.

Ou seja: 500 anos depois, índios, sem-terra e todos os sem-nada e com-tudo-de-ruim deste país não suportam mais que alguém lhes peça a única coisa que é inadmissível pedir — paciência. Em maio de 97, neste mesmo espaço, me lembro de ter usado o Nobel José Saramago para descrever a situação do país.

Não mudou nada nos últimos três anos e mudou pouco nos 500. Os governantes não entendem, disse Saramago defendendo os sem-terra, que há uma luta entre duas paciências: a do povo e a do poder. Não há um só ato político de esperança embutido no programa das comemorações.

É impressionante o niilismo em torno da festa dos 500 anos. É desprovida de reflexão, não tem produção cultural que marque (escapa a mostra de arte em São Paulo), não tem um programa editorial de obras reveladoras ou fixadoras de novos e velhos pensamentos. Tinha um ministro Greca (Esporte e Turismo) fazendo trocadilhos e tentando ridicularizar o Itamaraty. Que merece ser ridicularizado, mas não por Greca.

Pela programação dos 500 anos, os governantes parecem esperar que algo mude no final dos próximos 500. E que Greca seja o organizador das comemorações do milênio de história brasileira. Até lá, ou não haverá mais índios para estragar a festa balofa ou, o mais provável, serão todos sem-terra — os sem-terra de hoje, que continuarão a sê-lo e em maior número, e os índios de hoje que "evoluirão" de índios-com-terra-por-demarkar para sem-terra. Juntos, formarão uma legião de párias, prontos para degustar todos os insensíveis como se bispos Sardinha fossem. E continuaremos a dizer que estamos a pagar os pecados do colonizador. Boa piada, de brasileiro.

	September			Oktober			November			Dezember					
	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49
34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49
20	27					1	8	15	22	29	5	12	19	26	3
21	28					2	9	16	23	30	6	13	20	27	4
22	29					3	10	17	24	31	7	14	21	28	5
23	30					4	11	18	25		1	8	15	22	6
24	31					5	12	19	26		2	9	16	23	7
25						6	13	20	27		3	10	17	24	8
26						7	14	21	28		4	11	18	25	9
						8	15	22	29						
						9	16	23	30						
						1	8	15	22	29					
						2	9	16	23	30					

500 ANOS *Mostra no Ibirapuera foi inaugurada anteon*

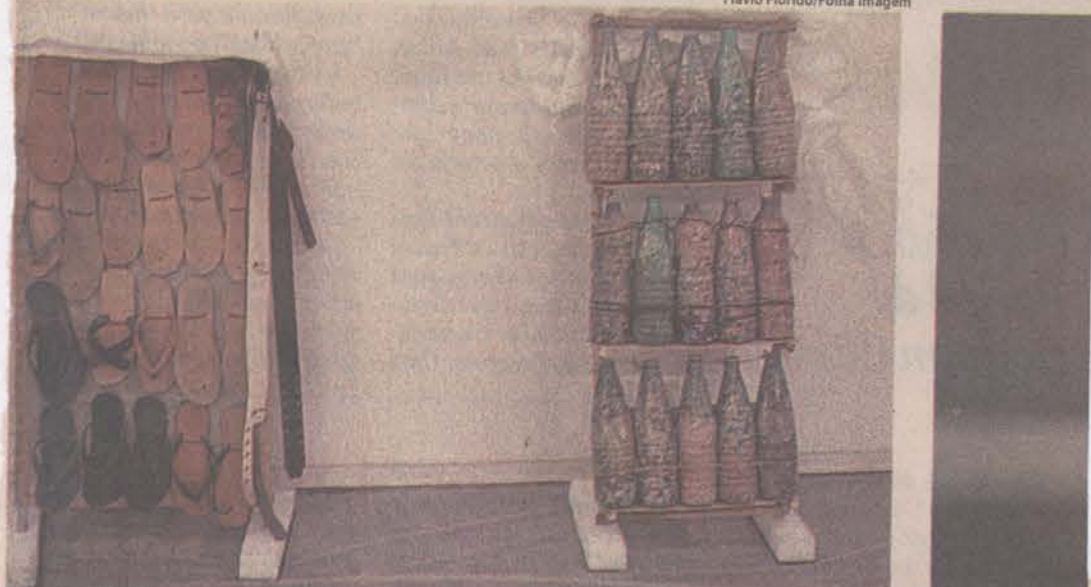
Redescobrimto

Flávio Florido/Folha Imagem



Detalhe do módulo Arte Popular, curado por Emanuel Araújo, no Pavilhão Manoel da Nóbrega

Flávio Florido/Folha Imagem



Peças de Arthur Bispo do Rosário expostas no módulo Imagens do Inconsciente Cenografia de F

A DE S.PAULO

terça-feira, 25 de abril de 2000 ilustrada 5 ■ 3

tem com módulos inacabados e falta de segurança

divide galeristas



CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

Para o bem e para o mal, a Mostra do Redescobrimento, inaugurada anteontem no parque Ibirapuera, vai dar o que falar. Já a abertura, dedicada aos "happy few" convidados da Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, foi marcada pelo pouco caso em relação aqueles que queriam ver arte e não apenas a pirotecnia dedicada aos presidentes Fernando Henrique, Jorge Sampaio (de Portugal) e suas comitivas, que não permaneceram mais que 30 minutos no local e não visitaram qualquer um dos módulos da exposição.

Apenas a Carta de Caminha mereceu alguma atenção dos governantes. O documento está sendo exibido no Pavilhão Manoel da Nóbrega, o único cujo acesso era

relativamente viável.

O acesso ao Pavilhão da Bienal, por exemplo, ficou reservado aos realmente insistentes. Lá dentro, a visão era de uma mostra fechada ou em montagem, já que funcionários ainda trabalhavam e a segurança das peças era parca.

Quem quisesse poderia até fazer da Mostra do Redescobrimento um evento "interativo", tocando, por exemplo, nas peças expostas.

O galerista Ricardo Trevisan esteve no Pavilhão da Bienal e questionou, por exemplo, a iluminação do módulo Olhar Distante e a cenografia do módulo Arte Barroca. "A iluminação do Olhar Distante estava péssima, não dava para ver nada, mas fiquei realmente assustado com o módulo Arte Barroca. Ali tudo é mal proporcionado. As obras de arte ali servem apenas de ornamento pa-

ra a cenografia. Sair dali e ir para os módulos de arte moderna e contemporânea é realmente um alívio", disse.

Trevisan também questionou a política de popularização utilizada pela Associação Brasil 500 Anos. "Talvez esse tipo de cenografia exagerada agrade o público leigo, mas não sei se esse é o caminho para a popularização da arte", complementou.

André Millan também aprovou os modernos e contemporâneos, mas questionou as cenografias. "Passei os últimos dois dias montando a peça de Tunga e pude notar que a cenografia limpa criada por Paulo Mendes da Rocha funciona nos módulos Arte Moderna e Arte Contemporânea. Tive dificuldades em ver os módulos Olhar Distante e Arte Barroca. A arte não precisa de cenografia", disse taxativamente.

A galerista Valu Oria também visitou os dois módulos, mas discorda de Millan e de Trevisan. "Vi apenas Século 19 e Arte Barroca, pois só consegui entrar no Pavilhão da Bienal às 22h, depois de ficar duas horas em pé, mas achei tudo maravilhoso. Cheguei anteontem mesmo de Ouro Preto e acho que a cenografia criada para o barroco não desmerece as obras expostas", disse.

Fábio Cimino também compareceu à abertura, mas preferiu não se manifestar. "Verei a exposição mais calmamente no futuro, mas os fogos de artifício estavam realmente muito bonitos."

Um comentário eficiente sobre a mostra, porém, veio do curador-geral Nelson Aguilar. "Poderia estar melhor", disse na festiva noite de domingo.



Daniel Guimarães/Folha Imagem

Paulo Mendes da Rocha para as obras de arte moderna e contemporânea



Daniel Guimarães/Folha Imagem

Funcionário termina montagem do módulo sobre arte barroca

"MICO DO ANO"

Convidados são impedidos de ver exposições

VALUO MACHADO
especial para a Folha

Cerca de 2.000 convidados à inauguração da Mostra do Redescobrimento, anteontem à noite, em São Paulo, foram confinados por duas horas e meia a uma sala de coquetel sob as marquises do parque Ibirapuera e impedidos de entrar nos pavilhões de exposição ou de assistir à cerimônia de inauguração, com as presenças dos presidentes do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, e de Portugal, Jorge Sampaio.

A insegurança da segurança e do ceremonial esvaziou a solenidade. Em uma fala de Edegar Cidreira, presidente da Associação Brasil 500 Anos, nenhum dos presidentes discursou (Portugal prestou a carta de Pero Vaz de Caminha e obras de arte).

Os olhares de fotógrafos e cinegrafistas, dos organizadores e

curadores da mostra e de apenas cerca de cem convidados, boa parte deles portugueses, a cerimônia terminou laconicamente com o descerramento da placa comemorativa.

Os presidentes e suas comitivas não visitaram a exposição. Apenas Jorge Sampaio e sua mulher transitaram pela área de coquetel e cumprimentaram pessoas.

Apesar de terem recebido convite "pessoal, intransferível e único", entregue por portador especial e com horário especificado para as 20h, a maioria dos convidados foi impedida de entrar no Pavilhão Manoel da Nóbrega, onde aconteceu a solenidade, por falta de um "convite especial".

Sob a marquise, assistiam à cerimônia pelo circuito fechado de TV, com som precário.

Solicitados a trocar seus convites por ingressos para os quatro prédios da mostra, também não

puderam visitá-los antes do encerramento da cerimônia, às 21h45, com exceção da Oca. Nesse local, no módulo Arte: Evolução ou Revolução?, o crânio de Luzia, de 11.500 anos, teve de ser retirado às pressas por motivos de segurança, já que havia sido exposto sem proteção de vidro. Já eram 22h quando convidados discutiam com seguranças que impediam a entrada no Pavilhão da Bienal. Os prédios foram abertos às 22h e fechados às 23h30.

O curador Antônio Carlos Abdalla, 42, classificou a festa como "o mico do ano": "Não vim aqui para beber ou escutar música sob a marquise", disse. O pintor e tapeceiro Jacques Douchez, 78, falou em divórcio entre artistas e organização. "Se era para dividir autoridades e público, que se fizessem inaugurações em dias diferentes", afirmou.

No final da tarde de domingo,

alguns dos módulos ainda apresentavam problemas de montagem. Em Arte Barroca, o maior dos Cristos crucificados não havia subido à parede da catedral cenográfica e assim permaneceu pelo resto da noite. Em Arte Afro-Brasileira, uma diretora de museu belga esbravejava com funcionários da montagem por causa da disposição e fixação em vitrines de uma preciosa coleção de máscaras centro-africanas. Em Olhar Distante, a iluminação especial da maioria das telas de autores europeus era desafinada ou deficiente, impedindo a apreciação.

O problema mais grave, contudo, registrava-se no módulo Arte do Século 19, de autores brasileiros, no andar térreo do Pavilhão da Bienal. Nesse local, o sol atravessava diretamente paredes de vidro sem nenhuma proteção, incidindo sobre telas históricas monumentais de Pedro Américo.

	September					Oktober					November					Dezember								
	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	44	45	46	47	48	48	49	50	51	48	49	50	51
20	27	3	10	17	24	1	8	15	22	29	5	12	19	26	3	10	17							
21	28	4	11	18	25	2	9	16	23	30	6	13	20	27	4	11	18							
22	29	5	12	19	26	3	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12	19							
23	30	6	13	20	27	4	11	18	25		1	8	15	22	6	13	20							
24	31	7	14	21	28	5	12	19	26		2	9	16	23	30	7	14	21						
25		1	8	15	22	29	6	13	20	27	3	10	17	24		1	8	15	22					
26		2	9	16	23	30	7	14	21	28	4	11	18	25		2	9	16	23					

Proteste begleiten die 500-Jahr-Feier in Brasilien

Porto Seguro, 24. April. (Reuters) In Brasilien ist die offizielle 500-Jahr-Feier des Landes von Protesten begleitet worden. In Porto Seguro, einem Küstenort rund 1000 Kilometer nördlich von Rio de Janeiro, verlangten in den Morgenstunden des Samstags Tausende von Demonstranten mehr Rechte für Indios, Schwarze und Bauern. Die Polizei ging mit Tränengas gegen die Demonstranten vor, als diese eine Absperrung durchbrechen wollten. 141 Personen wurden festgenommen. An den Feierlichkeiten in Porto Seguro nahmen mehr als 60 000 Personen teil. Unter ihnen befanden sich auch der brasilianische Präsident Cardoso und sein portugiesischer Kollege Sampaio.

Vor genau 500 Jahren hatte der portugiesische Seefahrer Alvares Cabral einen Teil der Küste des heutigen Brasilien für Portugal in Besitz genommen. Mehr als 40 Schiffe ahmten am Samstag die Ankunft Cabrals nach. Präsident Cardoso erklärte in seiner Festansprache, das brasilianische Volk sei nicht allein aus dem portugiesischen hervorgegangen. Es finde seinen Ursprung genauso bei den Indio-Völkern und habe auch afrikanische Wurzeln. Mit einem Blick auf seinen portugiesischen Präsidenten Sampaio sagte Cardoso, zwischen Brasilien und Portugal hätten jedoch schon immer sehr enge Beziehungen bestanden.

Indios werfen der brasilianischen Regierung vor, die Ankunft der Portugiesen vor 500 Jahren zu beschönigen. Den Ermordungen von Indios, der Zwangsarbeit und den Krankheiten, mit denen die Portugiesen die Indios infiziert hätten, werde nicht Rechnung getragen, hiess es.

anos Para ministro da Justiça, carta de demissão seria "redundante"

Gregori exonera Marés antes de receber renúncia

Correspondente de Brasília

Ministro José Gregori (Justiça) exonera Carlos Marés do cargo antes de receber sua carta de demissão, pela manhã.



dente (...), ficou claro para mim que entre nós faltaria a confiança recíproca que é exigida", diz um trecho da carta.

Outro alvo de Marés foi o general Alberto Cardoso, chefe do Gabinete de Segurança Institucional, a quem acusou de responsabilidade pela repressão aos manifestantes que participaram de uma marcha no último sábado.

O ex-presidente da Funai atribuiu a violência aos "porteiros da festa", que cuidavam da segurança. A assessoria do general Cardoso informou que ele não responderia às críticas de Marés.

A ação da Polícia Militar baiana precipitou o anúncio do pedido de demissão. Marés estava caminhando com os índios de Coroa Vermelha até Porto Seguro quando a PM barrou a marcha. Ele quase foi atingido por bombas de gás lacrimogêneo.

Marés disse que já pensava em entregar o cargo desde a saída de José Carlos Dias do Ministério da Justiça, no último dia 11.

Desde então, teria se sentido isolado na discussão sobre a segurança das comemorações dos 500

anos. "Não pedi demissão naquele momento porque isso poderia criar um clima de radicalização entre os índios, que queriam minha manutenção no cargo", disse.

Ele disse que advertiu o presidente Fernando Henrique Cardoso, em dezembro, sobre possíveis conflitos em Porto Seguro, já que os índios estariam insatisfeitos com o tom das comemorações.

Ontem, Marés evitou responsabilizar diretamente FHC pelos incidentes. "Não acredito que o presidente quisesse (reprimir), mas ele deixou a segurança nas mãos de agentes que vêem a questão social como questão de polícia."

Marés lamentou não ter sido recebido pelo ministro Gregori. "Ele tem tradição de defesa dos direitos humanos e eu queria fazer um relato sobre a enorme violação de direitos que aconteceu na Bahia", afirmou.

Ao sair do cargo, Marés disse que deixa encaminhada a discussão do Estatuto das Sociedades Indígenas e a homologação da reserva indígena Serra do Sol, em Roraima, que só depende da assinatura de FHC.

Marés descreveu a proposta do estatuto como "a melhor possível". Para ele, foi necessário "dar e receber chutes na canela" em discussões com outros setores do governo, contrários a pontos defendidos pela Funai.

Um dos pontos mais polêmicos é o que abre a exploração mineral nas reservas indígenas, desde que haja autorização do Congresso e da própria Funai. Para Marés, a possibilidade de mineração é plausível, "desde que os índios tenham absoluta consciência do que está acontecendo".

Para Roberto Liebgott, secretário-adjunto do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o governo federal "não teve nem sequer a dignidade de ouvir o que Marés iria dizer em sua carta de demissão".

Ele disse que não se surpreendeu com o afastamento do presidente da Funai e que desde a posse já se sabia que ele cairia depois da comemoração.

Colaborou o enviado especial a Porto Seguro

→ LEIA MAIS sobre 500 anos nas págs. 1-5 e 1-6

IMPRESSÃO

Comemorações chamam a atenção pela violência

IMPRESSÃO

Comemoração dos 500 anos de descobrimento chamou a atenção em todo o mundo não apenas pelos festejos, mas pela violência decorrente aos protestos.

A agência de notícias "Reuters" com reportagem publicada na edição de domingo do jornal "The New York Times", criticou a ação da PM baiana para reprimir os protestos, com o uso de bombas de gás lacrimogêneo de efeito moral.

Publicada na mesma edição, reportagem da agência "Associated Press" diz que procuradores federais investigarão os métodos utilizados pela polícia para reprimir o protesto indígena, como "cassetetes, gás lacrimogêneo e balas de borracha".

O jornal francês "Le Monde" fala que a "celebração de 500 anos do Brasil foi marcada pela repressão policial contra índios, negros, sem-terra e simpatizantes da esquerda". Já o "Libération" trazia ontem em sua versão

eletrônica o título "500 anos de Brasil: índios e sem-terra sem convite para a festa".

Com a reportagem "Os índios do Brasil boicotam comemorações do quinto centenário", a edição de domingo do jornal espanhol "El País" conta que "os índios aproveitaram a celebração para denunciar a violência a que são submetidos".

A edição desta semana da revista britânica "The Economist" traz o artigo "A batalha não-terminada do Brasil pela democra-

cia racial". Segundo o texto, "enquanto o Brasil marca os 500 anos de seu descobrimento pelos europeus, a maioria de seus cidadãos negros e mulatos ainda precisa vencer o legado do colonialismo".

Sobre os índios, a revista diz que "eles estão marcando os 500 anos de seu 'descobrimto' com protestos. Eles têm muito contra o que protestar, especialmente contra a violência que eles sofreram nas mãos de fazendeiros, de garimpeiros e da polícia".

34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	1	
20	27	3	10	17	24	1	8	15	22	29	5	12	19	26	3	10	17	24	31	
21	28	4	11	18	25	2	9	16	23	30	6	13	20	27	4	11	18	25		
22	29	5	12	19	26	3	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12	19	26		
23	30	6	13	20	27	4	11	18	25		1	8	15	22	29	6	13	20	27	
24	31	7	14	21	28	5	12	19	26		2	9	16	23	30	7	14	21	28	
25		8	15	22	29	6	13	20	27		3	10	17	24		1	8	15	22	29
26		9	16	23	30	7	14	21	28		4	11	18	25		2	9	16	23	30

2001



Bomba estoura perto de Frederico Marés (de braços levantados), durante a marcha dos índios

Presidente pede relatório

free-lance para a Folha

O presidente Fernando Henrique Cardoso determinou ao ministro José Gregori (Justiça) e ao ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, a elaboração de um relatório oficial sobre os conflitos ocorridos no sábado.

Segundo o porta-voz, o general apresentou ontem a FHC algumas informações preliminares.

Para FHC, os conflitos em Coroa Vermelha não atrapalharam a festa dos 500 anos. "A festa em si estava correta", disse o porta-voz.

FHC também respondeu às críticas do ex-presidente da Funai Carlos Frederico Marés. "O presidente disse que, nos vários contatos entre eles, Marés jamais fez as observações que agora está apresentando à imprensa. O presidente considera que se alguma falta houve foi de lealdade da parte dele (Marés)", afirmou o porta-voz.

FHC vê dano à imagem do país

da Sucursal de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso lamentou a repercussão do confronto durante a festa dos 500 anos do Descobrimento, que deixou 141 presos e cerca de 30 feridos leves.

Segundo a Folha apurou, FHC avalia que foi ruim para a imagem do Brasil e de seu governo justamente na área de direitos humanos, pela qual zela pessoalmente.

Em diálogo com assessores ontem pela manhã, o presidente destacou, porém, que a ação policial conseguiu evitar cenas piores. "Não tivemos feridos graves, nenhum morto", comentou, segundo interlocutores.

A culpa pelos confrontos, segundo a avaliação unânime ouvida de autoridades do governo, foi dos manifestantes, que segundo essa versão frustraram uma tenta-

tiva de acordo intermediada pelo presidente do PT, deputado José Dirceu (SP).

Nas 15 horas que antecederam as festas, Marcelo Cordeiro, assessor do ministro Aloysio Nunes Ferreira (secretário-geral da Presidência), tentou um acordo com Dirceu para limitar as manifestações à região de Coroa Vermelha, fora do roteiro de FHC na Bahia. As negociações falharam pouco depois da meia-noite de sexta.

Dirceu disse ontem ter tentado convencer lideranças dos movimentos populares. O Cimi (Conselho Indigenista Missionário) foi contra. Faltou ao petista respaldo político para bancar um acordo com o governo.

"Não deu", resumiu Dirceu na conversa por telefone com Cordeiro, já na madrugada de sábado, dia da festa. A conversa não teve um desfecho amistoso. Cor-

deiro teria dito a Dirceu que, se alguém morresse, a oposição seria responsabilizada.

Cordeiro desmentiu essa frase, mas reconheceu que a conversa teve tom de advertência.

"Um partido como o PT, que quer se credenciar, se qualificar para ocupar o poder, tem de pensar muito seriamente nisso. Um confronto grave não ajuda a ninguém", teria dito a Dirceu, segundo ele próprio.

Dirceu e Cordeiro foram militantes de esquerda do movimento estudantil em 1968. Eles fizeram a primeira reunião em Porto Seguro às 15h de sexta-feira, no hotel Pau Brasil Center, em que o petista estava hospedado.

Dirceu transmitiu a intenção dos manifestantes de se aglomerarem na praça das Pitangueiras, em Porto Seguro, centro das festas oficiais. Cordeiro propôs con-

centrarem tudo em Coroa Vermelha. Haveria, portanto, duas festas: uma oficial e outra dos manifestantes.

Apesar de ter-se comprometido a dar uma resposta até as 18h daquele dia, Dirceu só localizou Cordeiro depois da meia-noite, para comunicar o fracasso das negociações, boicotadas sobretudo pelos grupos indígenas.

"Dirceu foi honesto comigo e agiu de boa-fé", disse Cordeiro ontem. "O problema é que os índios foram insuflados por uma entidade que não os representa", disse, sobre o Cimi.

O ministro José Gregori resumiu o constrangimento de ontem no governo: "Que não é bom para a imagem do Brasil, não há dúvida", disse Gregori. "É preciso ver por que aconteceu isso, tudo estava caminhando no sentido da negociação."

CONFLITO

Weffort volta a defender a repressão em Porto Seguro

28.4.00 F

da Sucursal do Rio

O ministro da Cultura, Francisco Weffort, voltou ontem a defender a repressão aos protestos ocorrida em Porto Seguro no sábado e a criticar os manifestantes. "Foi como se alguém convidado para uma festa de casamento cuspsse no chão da sala", disse Weffort, referindo-se aos manifestantes.

O ministro da Cultura, que participou ontem pela manhã no Rio da abertura da exposição "A Arte do Azulejo em Portugal no Século 20", no Museu Histórico Nacional (centro da cidade), disse que a manifestação "arranhou a imagem do Brasil no exterior" e que houve "um conflito anunciado para fins de mídia".

A exposição foi aberta pelo presidente de Portugal, Jorge Sampaio, que, em seu discurso fez uma referência indireta aos incidentes de Porto Seguro.

Disse que os portugueses não podem "reescrever a história". "Tenho orgulho de representar aqui o Portugal que não reescreve nada, mas que assume ser um país democrático, europeu." E afirmou: "Quem como eu já percorreu 40 anos de vida adulta, que conspirou contra a ditadura, que fez parte das greves acadêmicas, que também atirou pedras contra a polícia — e tem honra disso porque respeita hoje a polícia —, sente que o Brasil hoje é outro".

Para o ex-presidente português Mario Soares, houve "alguns pequenos erros de cálculo" nos eventos de sábado.



Italiano encerra a festa sob protestos

WILLIAM FRANÇA
enviado especial a Porto Seguro

Nem Caetano, nem Gil, nem Gal. Quem encerrou o gigantesco espetáculo de US\$ 953 mil encenado na baía de Porto Seguro nos dias 22 e 23 foi Andrea Bocelli, o tenor pop italiano, cantando "Con te partiro".

A ausência dos ídolos da música brasileira em "O dia em que o Brasil nasceu" foi apenas uma das queixas dos espectadores. "Faltou brasilidade, emoção verde-amarela. Por que é a música desse cantor italiano que está tocando?", questionou Gessina Giuliano, que veio de Santa Catarina só para os festejos dos 500 anos.

A única música que empolgou o público foi o jingle da Embratur que fala que "ser feliz é viajar pelo Brasil". No primeiro dia da encenação, para 10 mil convidados VIPs, o público e a imprensa ficaram de fora.

No segundo, a Prefeitura de Porto Seguro havia distribuído convites, mas os já denominados "sem-entrada" pressionaram e as portas foram abertas no final para evitar confusão.

Houve pouca interação entre os participantes e a reação geral do público foi morna. O único momento de participação do público foi no final, quando os atores, já fora de cena, foram até a platéia e repetiram o bordão dos estádios de futebol: "Eu sou brasileiro, com muito orgulho e muito amor".

Tudo foi grandioso. As arquibancadas foram montadas à beira-mar, o cenário era composto pela reprodução detalhada de seis

naus portuguesas e em quatro delas telões transparentes dividiam a cena entre projeções e efeitos luminosos.

Um jato d'água em forma de leque também virou "pano" para a projeção de filmes e de efeitos de raio laser (isso quando o vento permitia que a água formasse uma "cortina"). O figurino era refinado, assim como a iluminação. Mas pouco pôde ser visto do alto das arquibancadas.

As cenas em que índios em festa recepcionavam portugueses curiosos se concentraram em apenas um lado do palco.

Quem ficou do outro, só via algo quando os telões mostravam (quase nunca). O som, atrapalhado pelo forte vento, era inconsistente.

Mais problemas

Os VIPs também tiveram problemas no seu dia. O público que ficou de fora formou uma espécie de "corredor polonês" e xingavam quando os convidados (homens de paletó e gravata e mulheres em trajes de noite) passavam.

Cerca de 200 policiais militares que participavam do esquema de segurança tiveram de intervir para liberar a entrada dos convidados especiais da comemoração.

Depois, na hora da queima de fogos (25 minutos), o vento jogou toda a fumaça nos convidados, que, envoltos por cheiro de pólvora, não puderam apreciar o espetáculo.

No segundo dia, não houve fogueirão — só uma hora e meia depois do final do espetáculo foram disparados alguns petardos pela organização.



Operários dão o último retoque no palco armado em Coroa Vermelha

1 ■ 6 brasil terça-feira, 25 de abril de 2000

FOLHA DE S. PAULO

500 ANOS Entidade diz em Santa Cruz Cabrália que representação se

Cimi anuncia que proces

ará por abuso de autoridade em confrontos

sará PM baiana

Ney Suassuna é o novo mi

GOVERNO FEDERAL II

PSDB. "Com capacidade, que podem vir a Grosso), enfim, uma enorme quantidade de Oliveira, Dante (de Oliveira, Comunicações), Dante (de Oliveira,

Moacyr Lopes Júnior/Folha Imagem



BAIXA O índio José Carlos Araújo Ferreira, 20, descansa em pousada em Porto Seguro. Segundo o Cimi, ele foi o mais grave ferido do conflito de sábado, com dois tornozelos e a perna esquerda atingidos por bomba. Membro da tribo xucuru kariri, ele disse que só carregava uma faixa. Eleitor de FHC, algo de que diz se arrepender agora, ele tem sua estadia e remédios custeados pela Funai

Coronel critica entidades

da Agência Folha, em Salvador

Dois dias depois de comandar a repressão aos protestos em Santa Cruz Cabrália (BA), o coronel da Polícia Militar da Bahia Wellington Müller, 44, disse ontem acreditar que os 2.000 índios participantes da manifestação "Brasil, Outros 500" foram "enganados" por representantes do Cimi, da Funai e dos partidos de oposição.

"Dias antes das comemorações, estava tudo certo para que 15 caciques entregassem um documento ao presidente (Fernando Henrique Cardoso), mas eles desistiram porque foram insuflados pelo presidente da Funai (Carlos Marés) e por outras organizações que não acompanham de perto a realidade deles", disse.

O coronel afirmou também que

não houve "excessos" na ação.

"Se houvesse qualquer tipo de excesso, teríamos registrado vítimas fatais e centenas de feridos. Fizemos tudo de acordo com a Constituição, que nos dá o direito de agir de forma preventiva e repressiva para garantir a nossa soberania", disse Müller. A operação segue até o fim do mês.

O secretário-adjunto do Cimi, Roberto Liebgott, acusou o coronel Müller de ser "mentiroso" e de ter descumprido acordo com os índios. "O coronel havia garantido que os índios teriam livre acesso a Porto Seguro em reunião antes do conflito com representantes do Ministério Público Federal e da OAB e com parlamentares e o presidente da Funai. Na verdade, ele havia preparado uma emboscada para os índios", afirmou.

Comissão da Câmara debate ação

Secursal de Brasília

Comissão de Direitos Humanos da Câmara vai realizar uma reunião depois de amanhã para discutir a repressão a manifestações de índios durante a comemoração dos 500 anos do Descobrimento, em Porto Seguro (BA). O presidente da comissão, Marinho Rolim (PT-RS), disse que os ministros José Gregori (Justiça) e Roberto Cardoso (Segurança Institucional) foram convidados, mas não confirmaram presença. "Estamos esperando que os ministros venham explicar o que aconteceu. O governo deve explicar à população", afirmou. Rolim disse ter informações de policiais da Bahia de que a ordem pa-

ra reprimir a marcha dos índios foi do Palácio do Planalto.

Segundo ele, vão participar da reunião o presidente demitido da Funai (Fundação Nacional do Índio), Carlos Frederico Marés, o bispo dom Tomás Balduino (da Comissão Pastoral da Terra) e o procurador da República na Bahia Márcio Andrade Torres.

"Esse fato cria um precedente gravíssimo. Houve violação de direitos, com prisões arbitrárias. Foi uma ação abusiva e totalmente despropositada", disse Rolim.

O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), voltou a elogiar ontem, desta vez no plenário do Senado, a ação policial. "A PM da Bahia agiu com ponderação e com toda a calma

para evitar um conflito maior, que seria desmoralizante para o Brasil porque envolveria figuras de governadores, do presidente Fernando Henrique Cardoso e do presidente de Portugal (Jorge Sampaio)", afirmou.

Ao chegar ao Congresso, o senador já tinha defendido a PM. "A verdade é que a PM evitou um massacre. Queriam (os manifestantes) impedir as comemorações dos 500 anos", disse.

Antes de ACM falar no plenário, a líder do bloco da oposição, senadora Heloísa Helena (PT-AL), fez discurso condenando a ação policial. "A Constituição e a legislação vigente foram rasgadas", disse.

"Que se garantissem mecanismos de segurança para o presi-

dente da República e sua comitiva. Mas não precisavam instalar estado de sítio, impedindo que outras pessoas pudessem participar. O que aconteceu desrespeitou o estado de direito e nos envergonha", declarou a senadora.

ACM afirmou que o objetivo dos governos federal e da Bahia era que representantes de todos os brasileiros, inclusive índios e trabalhadores sem terra, participassem das comemorações.

Ele disse que, "insuflados", os sem-terra queriam "impedir o tráfego de milhares de turistas a Porto Seguro". Segundo ACM, to-

PATRICIA ZORZAN
enviada especial a Porto Seguro

O Cimi (Conselho Indigenista Missionário), entidade ligada à Igreja Católica, anunciou ontem, em Santa Cruz



Cabrália (BA), que entrará com uma representação por abuso de autoridade contra a Polícia Militar baiana junto ao Ministério Público Federal.

A ação foi motivada pelo confronto entre policiais e índios no último sábado, na BR-367, que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabrália. Segundo dados da própria PM, 141 pessoas ficaram feridas e, conforme a coordenação do movimento "Brasil Outros 500", 30 ficaram feridas.

A intenção do Cimi é que o comandante das tropas no local, coronel Wellington Müller, também seja responsabilizado pela ação.

A entidade solicitará ainda uma audiência especial na Comissão Interamericana de Direitos Humanos para denunciar a participação do governo Fernando Henrique Cardoso no caso.

Devido à presença do presidente em Porto Seguro para a comemoração dos 500 anos, a ação foi comandada pelo general Alberto Cardoso, ministro do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. No sábado, Cardoso chegou a elogiar a atuação da corporação no episódio.

O vice-presidente do Cimi, Saulo Ferreira Feitosa, acusou ontem o FHC de ter tentado manipular os índios da região. Segundo ele, nunca houve um pedido dos índios para um encontro com o presidente.

"O governo tentou cooptá-los com colchões, refeições e conseguiu até um lista de assinaturas em um papel em branco, onde o texto do convite foi escrito depois", disse. Além do confronto, serão denunciados também crimes de genocídio e a redução e invasão de terras indígenas.

Em protesto contra o conflito de sábado, o presidente da entidade, d. Franco Macerdoti, não participará da celebração da missa de amanhã, no local onde foi realizada a 1ª missa.

"Depois de ter sido detido e de presenciarmos as cenas de violência contra os índios nesse local, d. Franco disse que não tem condições de estar lá", declarou Feitosa.

D. Franco e o presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), dom Tomás Balduino, prepararam uma carta para todos os bispos do país, solicitando um questionamento a respeito da violência utilizada pela PM contra os índios na ocasião da missa, que marcará o início da Assembleia Geral da CNBB (Conferência dos Bispos do Brasil), em Porto Seguro.

Feitosa afirmou também que não serão enviadas delegações de índios de outras partes do país à missa.

Gregori exonera Marés antes de receber renúncia

Acursal de Brasília

o ministro José Gregori (Justiça) exonou Carlos Marés do cargo de presidente da Funai antes de receber sua carta de demissão, pela manhã.

Gregori se recusou a receber a renúncia no ministério. Em nota à imprensa, afirmou que a carta de demissão seria "redundante e desnecessária", já que a saída havia sido anunciada pela imprensa. A nota rebate as críticas de Marés que "críticas e conceitos do governo, expedidos pelo presidente, deveriam ter sido no curso de sua gestão".

Marés deixou a carta de demissão em assessoria do ministro. O documento, divulgado à tarde, foi assinado pelo ex-presidente da Funai acusando o Ministério da Justiça de "não ter impedido a violência contra os índios nas comemorações dos 500 anos".

Marés também criticou as nossas primeiras comemorações para organizar o encontro com os índios



dente (...), ficou claro para mim que entre nós faltaria a confiança recíproca que é exigida", diz um trecho da carta.

Outro alvo de Marés foi o general Alberto Cardoso, chefe do Gabinete de Segurança Institucional, a quem acusou de responsabilidade pela repressão aos manifestantes que participaram de uma marcha no último sábado.

O ex-presidente da Funai atribuiu a violência aos "porteiros da festa", que cuidavam da segurança. A assessoria do general Cardoso informou que ele não responderia às críticas de Marés.

A ação da Polícia Militar baiana precipitou o anúncio do pedido de demissão. Marés estava caminhando com os índios de Coroa Vermelha até Porto Seguro quando a PM barrou a marcha. Ele quase foi atingido por bombas de gás lacrimogêneo.

Marés disse que já pensava em entregar o cargo desde a saída de José Carlos Dias do Ministério da Justiça, no último dia 11.

Desde então, teria se sentido isolado na discussão sobre a segurança das comemorações dos 500

anos. "Não pedi demissão naquele momento porque isso poderia criar um clima de radicalização entre os índios, que queriam minha manutenção no cargo", disse.

Ele disse que advertiu o presidente Fernando Henrique Cardoso, em dezembro, sobre possíveis conflitos em Porto Seguro, já que os índios estariam insatisfeitos com o tom das comemorações.

Ontem, Marés evitou responsabilizar diretamente FHC pelos incidentes. "Não acredito que o presidente quisesse (reprimir), mas ele deixou a segurança nas mãos de agentes que vêem a questão social como questão de polícia."

Marés lamentou não ter sido recebido pelo ministro Gregori. "Ele tem tradição de defesa dos direitos humanos e eu queria fazer um relato sobre a enorme violação de direitos que aconteceu na Bahia", afirmou.

Ao sair do cargo, Marés disse que deixa encaminhada a discussão do Estatuto das Sociedades Indígenas e a homologação da reserva indígena Serra do Sol, em Roraima, que só depende da assinatura de FHC.

Marés descreveu a proposta do estatuto como "a melhor possível". Para ele, foi necessário "dar e receber chutes na canela" em discussões com outros setores do governo, contrários a pontos defendidos pela Funai.

Um dos pontos mais polêmicos é o que abre a exploração mineral nas reservas indígenas, desde que haja autorização do Congresso e da própria Funai. Para Marés, a possibilidade de mineração é plausível, "desde que os índios tenham absoluta consciência do que está acontecendo".

Para Roberto Liebgott, secretário-adjunto do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o governo federal "não teve nem sequer a dignidade de ouvir o que Marés iria dizer em sua carta de demissão".

Ele disse que não se surpreendeu com o afastamento do presidente da Funai e que desde a posse já se sabia que ele cairia depois da comemoração.

Colaborou o enviado especial a Porto Seguro

→ LEIA MAIS sobre 500 anos nas págs. 1-5 e 1-6

Luís Marques - 22.abr.2000/Folha Imagem



Presidente pede relatório

free-lance para a Folha

O presidente Fernando Henrique Cardoso determinou ao ministro José Gregori (Justiça) e ao ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, a elaboração de um relatório oficial sobre os conflitos ocorridos no sábado.

Segundo o porta-voz, o general apresentou ontem a FHC algumas informações preliminares.

Para FHC, os conflitos em Coroa Vermelha não atrapalharam a festa dos 500 anos. "A festa em si estava correta", disse o porta-voz.



Bomba estoura perto de Frederico Marés (de braços levantados), durante a marcha dos índios

FHC vê dano à imagem do país

da Sucursal de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso lamentou a repercussão do confronto durante a festa dos 500 anos do Descobrimento, que deixou 141 presos e cerca de 30 feridos leves.

Segundo a *Folha* apurou, FHC avalia que foi ruim para a imagem do Brasil e de seu governo justamente na área de direitos humanos, pela qual zela pessoalmente.

Em diálogo com assessores ontem pela manhã, o presidente destacou, porém, que a ação policial conseguiu evitar cenas piores. "Não tivemos feridos graves, nenhum morto", comentou, segundo interlocutores.

A culpa pelos confrontos, segundo a avaliação unânime ouvida de autoridades do governo, foi dos manifestantes, que segundo essa versão frustraram uma tenta-

tiva de acordo intermediada pelo presidente do PT, deputado José Dirceu (SP).

Nas 15 horas que antecederam as festas, Marcelo Cordeiro, assessor do ministro Aloysio Nunes Ferreira (secretário-geral da Presidência), tentou um acordo com Dirceu para limitar as manifestações à região de Coroa Vermelha, fora do roteiro de FHC na Bahia. As negociações falharam pouco depois da meia-noite de sexta.

Dirceu disse ontem ter tentado convencer lideranças dos movimentos populares. O Cimi (Conselho Indigenista Missionário) foi contra. Faltou ao petista respaldo político para bancar um acordo com o governo.

"Não deu", resumiu Dirceu na conversa por telefone com Cordeiro, já na madrugada de sábado, dia da festa. A conversa não teve um desfecho amistoso. Cor-

deiro teria dito a Dirceu que, se alguém morresse, a oposição seria responsabilizada.

Cordeiro desmentiu essa frase, mas reconheceu que a conversa teve tom de advertência.

"Um partido como o PT, que quer se credenciar, se qualificar para ocupar o poder, tem de pensar muito seriamente nisso. Um confronto grave não ajuda a ninguém", teria dito a Dirceu, segundo ele próprio.

Dirceu e Cordeiro foram militantes de esquerda do movimento estudantil em 1968. Eles fizeram a primeira reunião em Porto Seguro às 15h de sexta-feira, no hotel Pau Brasil Center, em que o petista estava hospedado.

Dirceu transmitiu a intenção dos manifestantes de se aglomerarem na praça das Pitangueiras, em Porto Seguro, centro das festas oficiais. Cordeiro propôs con-

FHC também respondeu às críticas do ex-presidente da Funai Carlos Frederico Marés. "O presidente disse que, nos vários contatos entre eles, Marés jamais fez as observações que agora está apresentando à imprensa. O presidente considera que se alguma falta houve foi de lealdade da parte dele (Marés)", afirmou o porta-voz.

500 ANOS Mostra no Ibirapuera foi inaugurada anteontem

Redescobrimiento



Detalhe do módulo Arte Popular, curado por Emanuel Araújo, no Pavilhão Manoel da Nóbrega



Obra de Arthur Bispo do Rosário expostas no módulo Imagens do Inconsciente. Cenografia de P

MULTIMÍDIA

Comemorações chamam a atenção pela violência

da Redação

A comemoração dos 500 anos do Descobrimento chamou a atenção em todo o mundo não pelos festejos, mas pela violência da repressão aos protestos.

A agência de notícias "Reuters", com reportagem publicada pela edição de domingo do jornal "The New York Times", destaca a ação da PM baiana para reprimir os protestos, com o uso de "bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral".

Publicada na mesma edição, reportagem da agência "Associated Press" diz que procuradores federais investigarão os métodos utilizados pela polícia para reprimir o protesto indígena, como "cassetetes, gás lacrimogêneo e balas de borracha".

O jornal francês "Le Monde" fala que a "celebração de 500 anos do Brasil foi marcada pela repressão policial contra índios, negros, sem-terra e simpatizantes da esquerda". Já o "Libération" trazia ontem em sua ver-

são eletrônica o título "500 anos de Brasil: índios e sem-terra sem convite para a festa".

Com a reportagem "Os índios do Brasil boicotam comemorações do quinto centenário", a edição de domingo do jornal espanhol "El País" conta que "os índios aproveitaram a celebração para denunciar a violência a que são submetidos".

A edição desta semana da revista britânica "The Economist" traz o artigo "A batalha não-terminada do Brasil pela democra-

cia racial". Segundo o texto, "enquanto o Brasil marca os 500 anos de seu descobrimento pelos europeus, a maioria de seus cidadãos negros e mulatos ainda precisa vencer o legado do colonialismo".

Sobre os índios, a revista diz que "eles estão marcando os 500 anos de seu 'descobrimento' com protestos. Eles têm muito contra o que protestar, especialmente contra a violência que eles sofreram nas mãos de fazendeiros, de garimpeiros e da polícia".

SA DE S.PAULO

terça-feira, 25 de abril de 2000 ilustrada 5 ■ 3

tem com módulos inacabados e falta de segurança

divide galeristas

CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

Para o bem e para o mal, a Mostra do Redescobrimento, inaugurada anteontem no parque Ibirapuera, vai dar o que falar. Já a abertura, dedicada aos "happy few" convidados da Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, foi marcada pelo pouco caso em relação aqueles que queriam ver arte e não apenas a pirotecnia dedicada aos presidentes Fernando Henrique, Jorge Sampaio (de Portugal) e suas comitivas, que não permaneceram mais que 30 minutos no local e não visitaram qualquer um dos módulos da exposição.

Apenas a Carta de Caminha mereceu alguma atenção dos governantes. O documento está sendo exibido no Pavilhão Manoel da Nóbrega, o único cujo acesso era

relativamente viável.

O acesso ao Pavilhão da Bienal, por exemplo, ficou reservado aos realmente insistentes. Lá dentro, a visão era de uma mostra fechada ou em montagem, já que funcionários ainda trabalhavam e a segurança das peças era parca.

Quem quisesse poderia até fazer da Mostra do Redescobrimento um evento "interativo", tocando, por exemplo, nas peças expostas.

O galerista Ricardo Trevisan esteve no Pavilhão da Bienal e questionou, por exemplo, a iluminação do módulo Olhar Distante e a cenografia do módulo Arte Barroca. "A iluminação do Olhar Distante estava péssima, não dava para ver nada, mas fiquei realmente assustado com o módulo Arte Barroca. Ali tudo é mal proporcionado. As obras de arte ali servem apenas de ornamento pa-

ra a cenografia. Sair dali e ir para os módulos de arte moderna e contemporânea é realmente um alívio", disse.

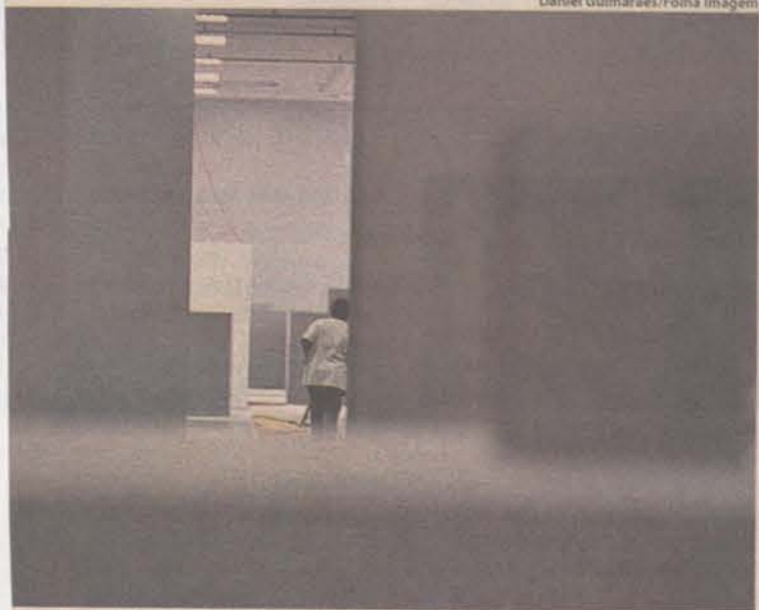
Trevisan também questionou a política de popularização utilizada pela Associação Brasil 500 Anos. "Talvez esse tipo de cenografia exagerada agrade o público leigo, mas não sei se esse é o caminho para a popularização da arte", complementou.

André Millan também aprovou os modernos e contemporâneos, mas questionou as cenografias. "Passei os últimos dois dias montando a peça de Tunga e pude notar que a cenografia limpa criada por Paulo Mendes da Rocha funciona nos módulos Arte Moderna e Arte Contemporânea. Tive dificuldades em ver os módulos Olhar Distante e Arte Barroca. A arte não precisa de cenografia", disse taxativamente.

A galerista Valu Oria também visitou os dois módulos, mas discorda de Millan e de Trevisan. "Vi apenas Século 19 e Arte Barroca, pois só consegui entrar no Pavilhão da Bienal às 22h, depois de ficar duas horas em pé, mas achei tudo maravilhoso. Cheguei anteontem mesmo de Ouro Preto e acho que a cenografia criada para o barroco não desmerece as obras expostas", disse.

Fábio Cimino também compareceu à abertura, mas preferiu não se manifestar. "Verei a exposição mais calmamente no futuro, mas os fogos de artifício estavam realmente muito bonitos."

Um comentário eficiente sobre a mostra, porém, veio do curador-geral Nelson Aguilar. "Poderia estar melhor", disse na festiva noite de domingo.



Daniel Guimarães/Folha Imagem

Paulo Mendes da Rocha para as obras de arte moderna e contemporânea

Daniel Guimarães/Folha Imagem

Inxurrada de 15 mil obras da Mostra do Redescobrimento, a maior exposição de artes da América Latina, deságua hoje no Ibirapuera

Fábio Florido/Folha Imagem

Reportagem Local

Abre hoje para o público a Mostra do Redescobrimento no parque Ibirapuera. A exposição, que celebra os 500



anos da arte e cultura brasileiras, foi aberta oficialmente anteontem pelos presidentes do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, e de Portugal, Jorge Sampaio.

Superlativa é uma boa definição para a exposição. Ela já é considerada a maior mostra de arte da América Latina: ocupa uma área de 60 mil metros quadrados, maior que o museu do Louvre, em Paris, e contém cerca de 15 mil obras. Para percorrê-la na íntegra, o visitante precisa caminhar por não menos seis quilômetros.

Muito do exterior, são mais de 500 obras que vieram emprestadas para a exibição. O resultado é uma amostragem impressionante, como obras que saíram do Brasil há mais de 300 anos e que nunca haviam retornado para cá. Entre elas está o manto tupinambá, adquirido pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro para o módulo Artes Indígenas.

A organização da exposição espera que entre 1,5 e 2 milhões de pessoas visitem a exposição em



Peças em exibição no módulo Arte Popular, no Pavilhão Manuel da Nóbrega (parque Ibirapuera)

5º CADERNO ★ PÁGINA 1 ★ SÃO PAULO, TERÇA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 2000

Abrem-se as comportas

Postcheckkonto: PschA Hannover 310477-309

São Paulo, que se estende até o dia 7 de setembro.

A mostra fica aberta de terça-feira a domingo. Terça a sexta, das 14h às 22h, sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. De terça a sexta, das 8h30 às 13h30, serão permitidas apenas visitas de escolas já pré-agendadas.

Para evitar filas e grandes esperas, os visitantes podem comprar os ingressos pelo telefone 0800-780500. Quem ligar com sete dias de antecedência à visita recebe em casa os bilhetes, sem nenhum custo adicional. Quem ligar com até cinco dias de antecedência deve retirar o ingresso no local, mas sem enfrentar a fila.

A exposição ocorre em três pavilhões do parque Ibirapuera: Padre Manoel da Nóbrega (Pinacoteca), Ciccillo Matarazzo (Bienal) e Lucas Nogueira Garcez, a Oca. Além do Cine Caverna, construído especialmente para a mostra.

A organização da mostra não prevê grandes filas, pois foram instaladas 28 bilheterias, espalhadas pelos quatro edifícios onde ocorre a exposição. Só no prédio da Bienal são 12 bilheterias.

Mas, certamente, apenas uma visita é pouco para quem quer fruir da exposição com a atenção que ela merece. Quem percorrer os 13 módulos da mostra de uma só vez, corre o risco de acabar não prestando atenção em obras que, em princípio não tem destaques, mas são preciosidades da arte e da cultura brasileiras. É o caso do estudo à óleo do quadro "A Negra", de Tarsila do Amaral, que se encontra no módulo Negro de Corpo e Alma.

Os ingressos para visitas costumam, por pavilhão, R\$ 7 de terça a sexta, e R\$ 10 aos sábados, domingos e feriados. O Cine Caverna custa R\$ 6. Estudantes e maiores de 60, desde que identificados, pagam meia entrada. Assinantes da Folha tem 25% de desconto. (FABIO CYPRIANO)

Módulos e destaques da mostra

Módulo: A Primeira Descoberta da América e Arte: Evolução ou Revolução? (Oca)
Curador: Walter Neves e André Prous
Destaque: O crânio de Luzia, mais antigo esqueleto humano da América (entre 11 mil e 11.500 anos). Foi encontrado em Minas Gerais em 1975

Módulo: Arqueologia (Oca)
Curador: Maria Cristina Mineiro Scatamacchia e Cristina Barreto
Destaque: Os vasos com caríátides são exemplos de uma cultura desenvolvida que floresceu em Santarém (PA) entre os anos 1000 e 1500

Módulo: Artes Indígenas (Oca)
Curador: Lúcia Hussak van Velthem, José Antônio Braga Fernandes Dias, Luís Donisete Benzi Grupioni e Regina Polo Miller

Destaque: O manto tupinambá é todo confeccionado com as penas vermelhas do guará. Foi levado à Europa por Maurício de Nassau entre 1637 e 1644

Módulo: Carta de Caminha (Pavilhão Manoel da Nóbrega)

Curador: Emanuel Araújo e Paulo Roberto Pereira

Destaque: A carta escrita pelo escrivão de Cabral a d. Manoel é a primeira reportagem sobre as características naturais do Brasil e o primeiro contato com os índios

Módulo: Arte Barroca (Pavilhão da Bienal)

Curador: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira

Destaque: Abordar as várias escolas barrocas espalhadas pelo país é a característica que se destaca no módulo, que traz peças impactantes, como um "Senhor Morto" da escola maranhense

Módulo: Arte Afro-Brasileira

(Pavilhão da Bienal)

Curador: François Neyt, Catherine Vanderhaeghe, Kabengele Munanga e Marta Heloísa Leuba Salum

Destaque: As peças que se sobressaem são as produzidas no golfo de Benin, Congo e Angola, regiões que mais exportaram negros para o Brasil

Módulo: Negro de Corpo e Alma (Pavilhão Manoel da Nóbrega)

Curador: Emanuel Araújo, Maria Lúcia Montes e Carlos Eugênio Marcondes de Moura

Destaque: Além de peças de afro-brasileiros, como Mestre Didi e Rubem Valentim, a mostra traz obras de negros feitas por brancos famosos, como Volpi e Lasar Segall

Módulo: Arte Popular (Pavilhão Manoel da Nóbrega)

Curador: Emanuel Araújo e Frederico Pernambucano de Mello

Destaque: a arte popular do sertão nordestino, as peças provenientes do cangaço e a cerâmica do vale do Jequitinhonha (MG) causam impacto

Módulo: Século 19 (Pavilhão da Bienal)

Curador: Luciano Migliaccio

Destaque: Além da cenografia elegante, o módulo traz como destaques "Floresta Reduzida a Carvão", de Taunay e "Tiradentes Esquartejado", de Pedro Américo

Módulo: Olhar Distante (Pavilhão da Bienal)

Curador: Pedro Corrêa do Lago e Jean Galard

Destaque: Telas de Frans Post vindas diretamente do Louvre de Paris e a primeira vista em óleo da cidade de São Paulo, do francês Pallière, são destaques no módulo

Módulo: Imagens do Inconsciente (Pavilhão da Bienal)



Curador: Nise da Silveira (1906-1999) e Luiz Carlos Mello

Destaque: A generosa sala dedicada a Arthur Bispo do Rosário, talvez uma das mais bem montadas de todo o evento, é uma excelente introdução à produção dos pacientes psiquiátricos

Módulo: Arte Moderna (Pavilhão da Bienal)

Curador: Nelson Aguilar, Franklin Espath Pedroso e Maria Alice Millier

Destaque: Tem de tudo, mas muito pouco, no módulo Arte Moderna. Destacam-se Volpi, Tarsila, Brecheret e a "Coluna" de Weissmann e alguns outros

Módulo: Arte Contemporânea (Pavilhão da Bienal)

Curador: Nelson Aguilar e Franklin Espath Pedroso

Destaque: As únicas obras que possuem visibilidade no módulo graças à sua grandiosidade são as instalações "Flor do Manguê", de Krajcberg, e "Manto Tupinambá", de Lygia Pape

Módulo: Cine Caverna (ao lado do Pavilhão da Bienal)

Destaque: Filme de Nelson Hoineff promove passeio virtual pelos sítios arqueológicos do Brasil

Institut für Brasilienkunde

